# Ensaio sobre a promessa

## Parte I – Narrando, caminhando e narrando

A Comte
Tilina e a Nhonhô
uma recordação da
nossa visita a Sra Aparecida
aos 28-7-57

Ulisses Maria e
família

Universidade de São Paulo
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

# Ensaio sobre a promessa:
## circulação de devotos, palavras, graças e objetos

**I Parte – Narrando, caminhando, narrando**
**II Parte – Quinquilharias de uma devoção**

**Denise Pimenta**

**Versão Corrigida**

**Aprovada pelo orientador**

**Prof. Dr. John Cowart Dawsey**

São Paulo
2012

Universidade de São Paulo
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

# Ensaio sobre a promessa:
## circulação de devotos, palavras, graças e objetos

### Parte I – Narrando, caminhando, narrando
### Parte II – Quinquilharias de uma devoção

Dissertação de Mestrado apresentada por Denise Pimenta ao Departamento do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. John Cowart Dawsey.

São Paulo
2012

# Folha de aprovação

**Denise Moraes Pimenta**

***Ensaio sobre a promessa: circulação de devotos, palavras, graças e objetos***
***Parte I – Narrando, caminhando, narrando***
***Parte II – Quinquilharias de uma devoção***

Dissertação de Mestrado apresentada por Denise Pimenta ao Departamento do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. John Cowart Dawsey.

Aprovada em_____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dra._____

Instituição:_____Assinatura:_____

# Ensaio sobre a promessa:
## circulação de devotos, palavras, graças e objetos

### Parte I – Narrando, caminhando e narrando

*Em meu peito catolaico,*
*tudo é descrença e fé.*

*(Elba Ramalho)*

# Resumo

A dissertação de mestrado a ser apresentada tem como foco a experiência da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Desta maneira, desde 2010, faço trabalho de campo em Aparecida do Norte, cidade do interior de São Paulo, junto aos devotos de vários lugares do país, acompanhando a forma como se relacionam com a Santa Aparecida, fazendo promessas, romarias. Assim, dividi minha dissertação em duas partes, que são, porém, interligadas. Na primeira parte, faço uma etnografia de uma romaria à pé (100km) de São José dos Campos (SP) até Aparecida, à qual acompanhei. A segunda parte trata da circulação de objetos e palavras de devoção, estes que possuem agência e transformam mundos e curam pessoas. Em "Ensaio sobre a promessa" tenho como autores clássicos norteadores Walter Benjamin, Victor Turner, Marcel Mauss. Tento entender a promessa muito além de uma forma direta da "fórmula: dar, receber e retribuir".

Ou seja, faço reflexões que me fazem pensar que entre estes verbos e ações transformadores, existem piscadelas, detalhes, mosaicos e muitas quinquilharias e inúmeras miudezas de coisas, sendo assim, foi preciso atentar para as fendas, os interstícios, os pontos crepusculares. Portanto, volto o olhar para a promessa enquanto circulação, movimento, passagem e espera. A promessa ou a graça não constituem um fim em si, o que mais me absorveu em campo foram os redemoinhos, os caminhos e os movimentos e toda a circulação de devotos, objetos, sacrifícios e palavras de fé. A circulação é o próprio motor da promessa, esta que só se estabelece na medida em que existem relações de intimidade entre Nossa Senhora Aparecida e seus devotos.

Dessa forma, minha dissertação trata da experiência da devoção, da experiência do sensível, contando com muitas fotografias, músicas, contadores de histórias, amigos e estrada, pois a passagem e a estrada é o percurso mais longo, porém, mais certeiro para os que caminham com fé. E foi na estrada que eu comecei a vislumbrar que "terríveis bons-espíritos me protegem", que "eu quase nada não sei. Mas desconfio de muita coisa". Mas que fique claro, esta é uma etnografia, e que eu "creio e não creio. Tem coisa e cousa..." (Citações de João Guimarães Rosa, "Grande Sertão Veredas", Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001).

Palavras-chave: promessa, romaria, devoção, Nossa Senhora Aparecida, circulação, quinquilharias.

# Abstract

The research to be presented focuses on the experience of devotion to Nossa Senhora Aparecida. Thus, since 2010, I do fieldwork in Aparecida do Norte, a city in São Paulo, with devotees from many places in the country, watching how they make relation with Santa Aparecida, making promises, pilgrimages. So, I divided my research into two parts, which are, however, interrelated. In the first part: an ethnography of a pilgrimage on foot (100km) from São José dos Campos until Aparecida which I followed. The second part deals with the movement of objects and words of devotion that have agency and transform worlds and heal people. In "Essay on the promise", I have Walter Benjamin, Victor Turner, Marcel Mauss like the guiding classical authors. I try to understand the promise far beyond a direct way of the “formula: give, receive and give back."

It means that I do reflections which make me think that between these transformers verbs and actions, there are winks, details, mosaics and many trinkets and numerous offal of things, so it was need to look for cracks, interstices, twilight points. So, I return my gaze to the promise while circulation, movement, passing and waiting. The promise or grace do not consist in an end in itself, what most absorbed me in the field were swirls, paths and movements and all circulations of devotees, objects, words of faith and sacrifice. The movement is the engine of promise, which only is established the extent that there are intimate relationships between Nossa Senhora Aparecida and his devotees.

Thus, my work is about the experience of devotion, sensitive experience, with many photographs, music, storytellers, friends and the road, because the road crossing and the route is longer but more accurate for those who walk with faith. And it was on the road I started to envision what "terrible good-spirits protect me", "I do not know almost nothing. But I suspect a lot". But, be warned, this is an ethnography, and I "believe and do not believe. Has thing and thing..." (João Guimarães Rosa, "Grande Sertão: Veredas", Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001).


Keywords: promise, pilgrimage, devotion, Nossa Senhora Aparecida, circulation, trinkets.

# Sumário

I - *Dos papéis de circunstância* _____ p.3

II - Esquecer para contar: contar para relembrar _____ p. 11

II.I - Pé na soleira: de volta pra casa _____ p. 12

II.II - *Bric-à-Bric* _____ p.19

II.III - A venda: boa para fazer pensar... _____ p. 25

II.IV - *A exibição das palavras* _____ p. 27

II.V- De Benjamin aos Narradores de São José _____ p. 30

II.VI - Um átimo perigoso _____ p. 35

III - Os narradores de São José _____ p. 37

III.I - Até parece história de antropólogo... _____ p. 38

III.II - *Vai para Aparecida à pé ou caminhando?* _____ p. 50

III.II.I - Meus primeiros companheiros de caminhada: a galera da frente _____ p. 58

III.III - Perigo e pureza: a estrada e o corpo como limiar e aprendizado _____ p. 66

III.III.I - Fragmentos de um discurso corporal _____ p. 79

III.III.II - Os marcos _____ p. 81

IV - Um pagador de promessas, o filósofo eremita e o lampião _____ p. 86

IV.I - O narrador e as promessas _____ p 90

V - Chegada: "Nossa Senhora passa na frente" _____ p. 93

VI - Senhora do tempo (e dos espaços) _____ p. 97

VI.I - O tempo do dom _____ p. 98

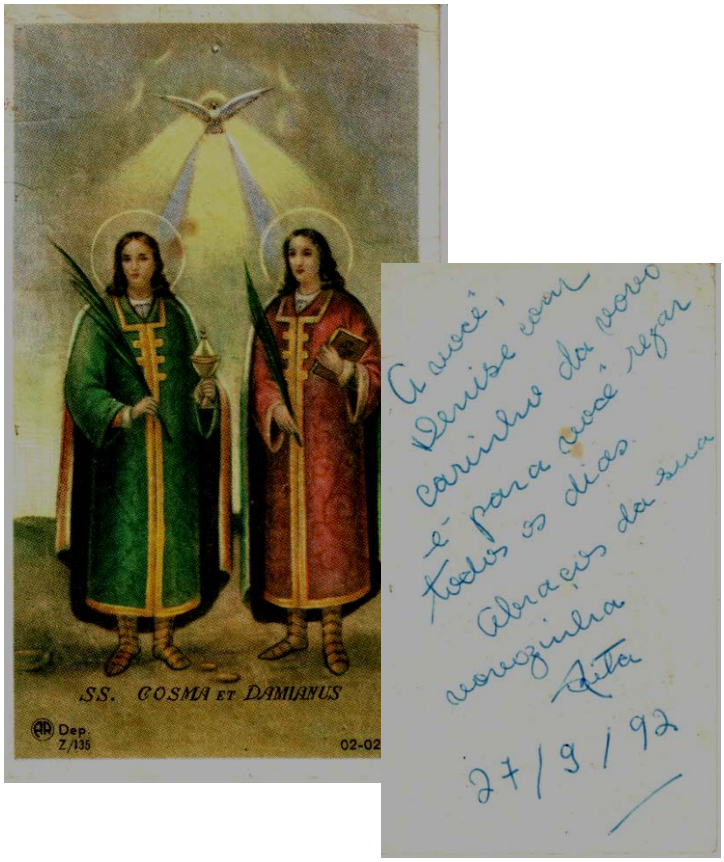
VII - As marcas do caminho _____ p. 99

VIII - De Roma a Aparecida: fé, feiras e festas _____ p. 101

IX – Notas de um orientador e algumas reflexões_____ p. 103

X - Referências bibliográficas _____ p. 105

# Dar




Dedico esta dissertação às quatro donas da minha história,
que sobre mim depositaram toda a candura que há neste
mundo e que povoaram minha infância com um sagrado
cotidiano de santos de medo e santos de festa:
a Nossa Senhora Aparecida do "altar caseiro" , tenebrosa;
à avó materna (Yvonete), dona da santa da casa e
da promessa feita, dona do meu coração;
à bisavó materna (Rita de Cássia), em e na memória,
dona dos setembros da minha infância, das balas e doces no
dia da festa dos santos gêmeos Cosme e Damião;
à tia-avó materna (Dulce), dona dos presentes e
hi(e)stórias trazidos da cidade de Aparecida a cada
outubro dos dias da minha meninice.

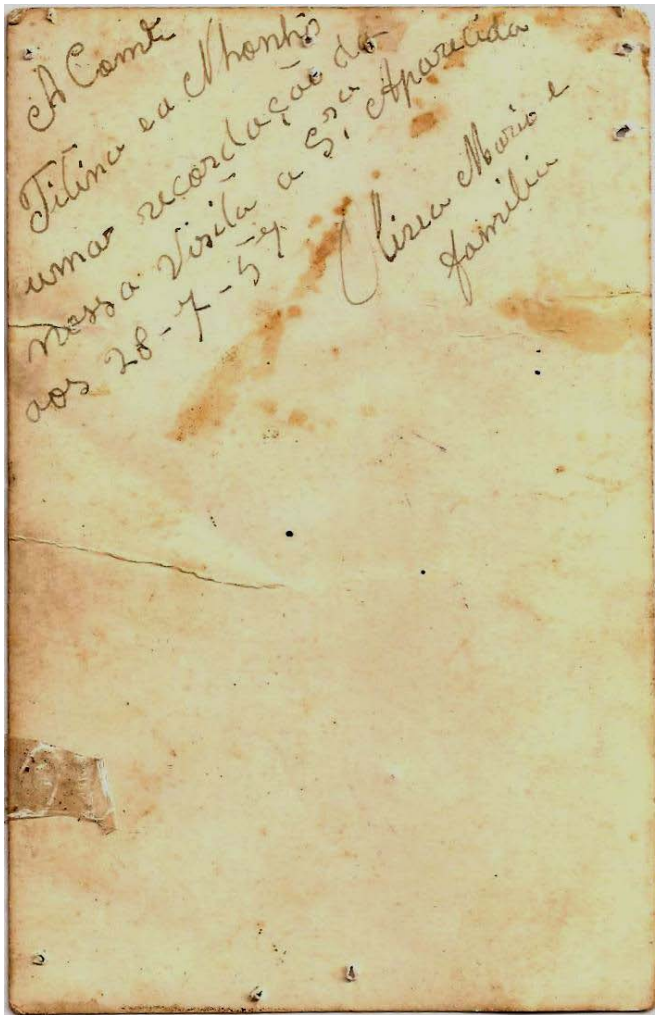
*Há duas maneiras de se alcançar Despina:*
*de navio ou de camelo.*
*A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega*
*por terra ou por mar.*

(Ítalo Calvino)

# I Dos papéis de circunstância[1]

***O que se lê no encarte (...) Um extra-obra, uma espécie de exergo,***
***o encarte nos lembra assim que a história do que se passa em realidade no livro,***
***"passa-se no antes da obra" – e eis uma tarefa e quanto prazer em perspectiva***
***para os biógrafos e esses bibliotecários arquivistas legitimamente preocupados,***
***mas no mesmo sentido quão despreocupados, em distinguir entre a obra, o antes da obra***
***e o além da obra, o fora da lei da obra.***
***Os depositários do arquivo correm o risco de se ver,***
***pela estrutura retorcida do arquivo, desprovidos de qualquer poder e autoridade sobre ele.***
***O arquivo não se deixa levar, parece resistir, dá trabalho, fomenta uma revolução contra***
***o próprio poder ao qual simula se entregar, emprestar-se e mesmo doar-se.***

**(Derrida –** ***Gênesis, genealogias, gêneros e o gênio*****)**




Verso da foto dos romeiros de São José dos Campos (Foto da Capa)
Ano de 1957

[1] Referência a um conto da escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas (1889-1985), ou seja, Cora Coralina. Conto este que se encontra no livro *Estórias da Casa Velha da Ponte* da Editora Global (São Paulo) do ano de 2006.

Esta é primeira parte do texto e, como diria a escritora Cora Coralina, está dentre aqueles papéis que são importantes, os documentos que são guardados nos baús e gavetas, papelada que explica tudo, justifica as posses, os nascimentos, os óbitos. Eu diria, no meu caso, são aquelas páginas iniciais que tentam explicar do que se trata a escritura, aponta o tema, justifica a pesquisa. Uma forma de deixar o leitor informado do que o espera nas muitas ou poucas páginas que logo virão. É o que farei a seguir, mas sem jamais deixar de grafar no letreiro dessa porta de passagem o alerta da própria Cora (alerta este, que no caso da antropologia, que já havia sido dado pelos modernos, pós-modernos e os ditos pós-sociais):

> Ressalva. O *conto* é uma modalidade literária ingrata e não raro surpreendente. Quando acreditamos, ufanos, que sua motivação, seu pequeno enredo seja original de uma cidade, e a nossa primazia de o contar, vemos com surpresa que outras cidades também reivindicam o mesmo assunto e que outros contistas já garimparam na lavra. Concluímos, portanto, que o enredo seja de toda parte e de todos que escrevem, ressalvando apenas o estilo de cada um e os recursos próprios de quem escreve e conta. Por isso nos resguardamos dos juízos apressados (2006).

Desse modo, devo dizer que desta mesa, com muitos livros, papéis (transtornada e apaixonada por fichas, fichamentos, pequenos *post-it* de recados sem importância, juntando freneticamente qualquer tipo de papel como a personagem sartreana Antoine Roquentin, historiador em plena pesquisa dentro da biblioteca, referência à obra *A Náusea* do ano de 1938), fotos e revistas, uma garrafa de café e a xícara vermelha, tudo sobre a toalha xadrez das cores branca e verde, talvez nada será dito de novo. Mas há este desejo, quase pulsão de escrever. Pois não é com o corpo que se escreve? Não é este corpo debruçado sobre as teclas, papéis, fotos, livros e cartas que faz o esforço enlouquecedor, desgastante e perigoso exercício de escrever? De ordenar, classificar, tecer linhas suaves e elegantes e inteligíveis. Aqui, assumo o que Jacques Derrida (1995) chamou de "mal de arquivo", tentar encaixar tudo em seu devido lugar: as memórias, o passado, as impressões e sensações. E logo percebo: impossível arquivar de modo reto a experiência, impossível ordenar e classificar capítulos e contar toda a hi(e)stória em uma etnografia com começo, meio e fim. É preciso rebobinar e começar do fim, é necessário dizer que o meio se deu antes do início. Este texto é um reflexo das aventuras e desventuras de uma etnografia que se liga por finas teias de Ariadne. Mas é preciso assumir que, talvez esta não seja uma etnografia em perfeito compasso, pois aqui o fim se dá antes, ele é o começo da história, esta já contada e recontada muitas vezes, mas sempre nova e reinventada, pois a experiência tem essa potência, essa virtualidade, é sempre um devir, um vir-a-ser, uma possibilidade.

Vejo este início, não como uma elaboração de um arquivo ordenado do que virá, mas, muito mais uma passagem material como diria Arnold van Gennep: um atravessar a soleira, sair do mundo

doméstico e adentrar ao estrangeiro. A soleira como margem, como marco, lugar onde passeia Hermes, deus mensageiro, que transita entre dois mundos. Portanto, este tópico da dissertação é como um rito de passagem, mas que não se engane o leitor, permaneço bem ao pé da soleira, observando tanto ritos de entrada como ritos de saída de outrem. Da soleira avisto o atravessar contínuo, o transitar, a circulação. Sei bem, que as entradas e saídas, chegadas e partidas são marcos importantes, mas devo dizer também que foco no que atravessa, no que caminha. Sempre lembrando que as fronteiras são móveis e que como afirma Van Gennep (1977), que linhas ideais traçadas entre marcos só são visíveis em mapas. Não parto de linhas traçadas de forma reta e sim de passagens, estou no trânsito em encruzilhadas e bifurcações, ou seja, como aponta Roberto DaMatta no prefácio à obra de 1977:

> Vendo o mundo social como um ato de deslocar no tempo e no espaço... (...) Não é necessário observar novamente que nenhum desses passos poderiam ser dados sem a contribuição de Arnold Van Gennep. E sua lição, que por certo ficará entre nós, foi a de que viver socialmente é passar, passar é ritualizar. Num universo como o nosso, constituído destes seres frágeis e mortais, esses entes que automatizam ritualizando e, fazendo sempre do paradoxo sua única direção, vivem num jogo constante entre individualizar-se e agregar-se; enfim, num universo de homens, a realidade mais viva é a do conflito ordenado e a permanência se realiza, contrariamente, como revelou Van Gennep, na passagem. (VAN GENNEP, págs. 17 e 21).

Portanto, afirmo que este texto que se abre em perigo e começa a percorrer a pureza do "papel branco" não pode trair a si mesmo e se tecer em uma arregimentada editoração norteadora. Assim, impossível começar com agradecimentos afinal ainda não foram mostrados as personagens desta hi(e)stória. Ou mesmo com introduções de chegada ao campo ou explicações metodológicas, muito menos a tão importante antropologia confessional que geralmente se mostram nas primeiras páginas. Este texto se abre em *patchwork*, alinhavando retalhos das mais variadas cores e tons, afinal como diz Sherry Ortner (1984), a antropologia não seria "a thing of shreds and patches"? Metaforicamente, podemos comparar o ofício do antropólogo com o do *tailleur* ou da *couturière* que engendra o serviço de cerzir e coser uma colcha de retalhos. Ou, como preferiria o escritor James Joyce, que entendia o exercício da escrita como um recortar e colar. Poderíamos falar também das metáforas do médico e o bisturi, a escrita etnográfica como uma operação delicada, ou mesmo o arquiteto que com vigas tenta sustentar um edifício. Estou aqui sendo o próprio *bricoleur* tão falado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, fazendo bricolagens. Como o artista que faz com cacos seu mosaico ou caleidoscópio.

Dessa forma, a tentativa é a de apresentar as experiências da forma como foram aparecendo, se mostrando e se alinhavando umas às outras. E, por isso mesmo, o texto não tem a intenção de ser confuso ou desnorteador, mas objetiva respeitar o modo como os retalhos desta colcha foram se

cosendo, e logicamente, tal costura não se deu de forma óbvia, reta e ordenada, se deu da forma como deveria ser, ou seja, no tempo certo da costura e do remendo. A intenção é apresentar uma bricolagem, que não ponha ordem na etnografia, mas que respeite sua passagem, sua forma de atravessar. Intenciono respeitar a travessia como um todo, que não está apenas na chegada ou na saída, mas no meio, na margem, "na soleira". Como bem diz a personagem de Guimarães Rosa (2001), Riobaldo: "Digo o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia." (pág. 80). Desta maneira, apresento então a forma do texto que aqui se coloca e se abre, que rejeita certos estereótipos etnográficos e determinadas formas cristalizadas de colocar, cortar, fragmentar e partir a etnografia. Pois, como de maneira precisa fala Vagner Gonçalves da Silva:

> Essa concepção linear do processo de produção etnográfica (ensinada nos cursos de metodologia e presente nos manuais e formulários padronizados de solicitação de fomento à pesquisa elaborados pelas instituições de apoio) em geral não condiz totalmente com a realidade de seu desenvolvimento. (...) Projeto de pesquisa, trabalho de campo e texto etnográfico não são fases que se concatenam sempre nessa ordem e de forma linear. Na prática essas etapas são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral. Às vezes é somente no final da pesquisa que se encontra o que se procurava. Também pode acontecer de, não se encontrando o que procura, "remodelar-se" o texto, de modo a valorizar o que se encontrou. (...) A frequente eliminação, no texto etnográfico dos "andaimes" que permitem a sua construção, anula também as possibilidades de se olhar através da organização da narrativa as múltiplas veredas que lhe deram origem. (SILVA, 2000, págs. 27 e 119).

Posto isto, a forma da etnografia que se seguirá, tento enunciar aqui a temática da pesquisa, que obviamente também não se deu de forma clara, lúcida e ponderada. Muito se andou para frente e para trás até que se chegasse ao chamado tema de pesquisa. Configurando-se e se desconfigurando o assunto do estudo, pois também ele foi sendo construindo e inventado no processo dialógico em campo e também na academia. E muitas vezes penso, chego, aliás, a ter quase certeza, de que só entendi o que buscava nos últimos dias de campo e nas pequenas grandes tragédias das perguntas sem respostas. Posso dizer, um *insight* me trouxe a forma e uma foto antiga, do ano de 1957, me trouxe um tema, uma hi(e)stória. Isto no último dia de campo. Obviamente, falando assim parece que tudo surgiu do nada. Claro que não! Mas, posso garantir, os detalhes burilaram esta etnografia. Detalhes estes que dão trabalho em serem percebidos e observados, pois não duvide o leitor, Roy Wagner (2010) está completamente lúcido em dizer que trabalho de campo dá trabalho, ou em suas próprias palavras "trabalho de campo é trabalho no campo".

Depois de tanta delonga, apresento minhas pretensões temáticas. Esta etnografia, iniciada no ano de 2010 e que se finaliza no ano de 2012 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

na Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), se dedica a estudar a devoção do catolicismo popular, mais particularmente a devoção popular a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, tendo como *lócus* da pesquisa a cidade de Aparecida (conhecida popularmente por Aparecida do Norte), estado de São Paulo. Tendo como foco a materialidade desta devoção: que passa pelo corpo, pela palavra e pelos objetos. Utilizando-me da Antropologia da Experiência, tenho a pretensão de demonstrar a promessa como uma grande circulação de troca entre: palavras, dádivas, objetos (*ex-votos*, dentre outros) e pessoas/promesseiros (corpos). A promessa como circulação das graças, a própria economia do dom. Sistema em que é atravessado pelo sacrifício (o *sacre facere*), poderia mesmo dizer que este é a unidade e o meio da promessa.

A princípio, o foco da pesquisa era unicamente a "Sala das Promessas" do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Porém, a pesquisa se alargou no momento mesmo do campo, onde as coisas são e se apresentam como muito maiores e poderosas. Assim, aproximei-me dos vários tipos do fazer o sagrado, ou sacrifício, ou promessa. Percebendo que havia por trás dos objetos de devoção toda uma circulação de pedidos, desejos, palavras, corpos e graças. Portanto, resolvi partir para novas e ricas searas: como acompanhar uma romaria. Exatamente por onde começa esta etnografia, e não exatamente o trabalho de campo na cidade de Aparecida. Assim, este trabalho não se divide em capítulos e sim em partes, dois cadernos. A primeira parte denomina-se "Narrando, caminhando e narrando" e se debruça sobre a experiência da caminhada (romaria do dia 10 ao dia 12 de outubro do ano 2011) de São José dos Campos à cidade de Aparecida. A segunda parte chamada: "Quinquilharias de uma devoção" etnografa e reflete sobre a cidade, seu cotidiano de circulação e trânsitos entre devoção, imagens, comércio, romarias, fábricas de imagens, habitantes da cidade e o grande Santuário e a pequena Basílica Velha em restauração. Tendo a Santa como centro e periferia de todas as transações de graças e transações comerciais que ocorrem na cidade e para além dela.

A escrita se faz sempre a partir de escolhas, esta escolha de separar em duas partes o texto, que estão interligadas e imbricadas de todas as formas, apesar de perigosa, tem razão de ser. Na primeira parte, tento chegar a Aparecida e entender a força corporal de uma fé, na segunda parte observo a devoção através da força das coisas. Apresento dois cadernos, que podem muito bem serem lidos "às vessas", o último e depois o primeiro, afinal estão entrelaçados pela mesma questão. Por que então indico partes? Talvez porque deseje que o leitor saiba como cheguei a Aparecida. Como se fosse uma ponte, mas que bem pode ser ultrapassada para o lado que se desejar, apenas indiquei um ponto para a leitura, e este ponto é o fim da minha pesquisa. Ou melhor, ponto onde o fim e o início da pesquisa se encontram e constroem a hi(e)stória, a etnografia, que não é um romance nem mesmo um conto

(veremos o porquê disso), no máximo uma narração. Chamo de ensaio, tentando captar o sabor deste, como bem o fez Marcel Mauss. Este que serve de inspiração e pilar principal para esta pesquisa. Enfim, estou no meio da ponte, e convido o leitor a passear por ela, fazer a passagem por este ensaio, que se encontra propriamente no caminho, ou no meio do caminho, ou melhor, no meio de um caminho, de uma travessia: "Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada." (GUIMARÃES ROSA, 2001, pág. 51).

Espero então não cometer este erro, meus extremos se tocam no meio, no meio do caminho. E o que mais fiz nestes últimos tempos foi caminhar, caminhar em romaria, caminhar até o Santuário, até as fábricas, atrás de fulano, sicrano e beltrano. Caminhar atrás dos padres, das autorizações, dos promesseiros, atrás das promessas e dos objetos. Caminhar por força de um voto alheio, por força de uma devoção de outrem, caminhar pelo chão da fé do outro. Caminhar afinal foi um ótimo jeito de refletir sobre promessa, sacrifício e devoção. Caminhar, a princípio sem vontade e sem a menor coragem, as longas distâncias com as chuvas e sol em zênite, foi a forma de me aproximar, assuntar, ouvir e ver o outro rezar, agradecer e prometer.

E me perdoe o leitor por nesta primeira parte não dar mais detalhes sobre a cidade de Aparecida, suas histórias, Santuário e dia-a-dia, entenda bem, pois eu ainda não passei por lá ainda. E devo dizer que à pé demora muito mais do que de carro, ônibus ou avião. Então o leitor tenha paciência, pois a etnografia vai se desenrolando na medida em que as personagens vão aparecendo no caminho, no próprio processo do caminhar, do encontrar, do "trombar" e "topar" com o outro: o contador de causos, o promesseiro, o romeiro.

A foto que ilustra a capa e tem como verso o início deste tópico pertence a seu Juarez, pai de Amarildo, organizador da romaria da qual participei. Foto do ano de 1957, com os dizeres, até onde conseguimos interpretar: "A comadre (?) Titina e a Nonhão uma recordação da nossa visita a Srª Aparecida aos 28-07-1957. Olirea (?) Mário e família." Seu Juarez foi personagem imprescindível deste estudo, sempre presente na fala de todos, mas conhecido só de vista por mim, apenas o avistei no portão certa vez. Porém, em um rápido e imprevisível encontro, ele conseguiu justificar para mim as linhas de Bronislaw Malinowski sobre os imponderáveis da pesquisa. Com uma foto, poucas palavras e meia dúzia de gestos, ele virou a pesquisa do avesso, e me mostrou que o início estava era ali no fim da viagem e todas as coisas, palavras, objetos e pessoas se encontravam entrelaçados no meio, cheios de hi(e)stórias para contar, cheios de desgraças e graças para narrar. Mas narrar, não era bem um exercício fácil, pelo contrário, um exercício delicado de escuta e paciência para o ouvinte e um exercício de emersão e submersão para o narrador.

Assim, o presente ensaio se propõe a ser uma travessia a partir e junto à experiência de devoção (material) do outro. Sendo assim, dedica-se ao *parfournir*, ou seja, àquela experiência que se completa, que é levada a cabo por completo com impressões, sensações e transformações. Portanto, diante das mais diversas formas de devoção a Nossa Senhora Aparecida, penso que a melhor forma de olhar e pensar esta etnografia é através da antropologia da experiência, que aprecia com delicadeza (e também com ferocidade) estas manifestações sociais que se relacionam ao processo, ao desenrolar-se, que estende o novelo das vivências, promovendo uma dilatação e uma extensão da reflexão antropológica. Diz John Cowart Dawsey (2005) sobre o texto de Victor W. Turner, *The Anthropology of experience*, o seguinte:

> Se no ensaio de Turner algum conselho houver, certamente ele não seria da ordem de "não correr riscos", ou "evitem perigos". A etimologia de experiência ressalta o autor *per*, com o significado literal de justamente "tentar, aventurar-se, correr riscos". Experiência e perigo vêm da mesma raiz. A derivação grega *peraō*, "passar por", também chama a atenção de Turner pelo modo como evoca a ideia de ritos de passagem. (DAWSEY, 2005, págs. 163 e 164).

Portanto, "passar por", faz parte da forma, do tema, da metodologia, ou seja, do vir-a-ser deste ensaio sobre a promessa, sobre a devoção material a Nossa Senhora Aparecida. O que podemos fazer então, neste momento, é "passar por" juntos: romeiros, promesseiros, escritora e leitores. Por mais perigoso, pois como sabemos com Riobaldo: "Viver é muito perigoso" (Guimarães Rosa, 2001, pág. 32), mas não é ele mesmo que nos dá a resposta, que o que a vida quer da gente é coragem. Pois bem, atravessemos com o estado de ânimo afetado pela cor-agem. E esta ação do coração que tanto tem que ver com a discussão filosófica. Coração não como algo apenas de romances e amores, coração como víscera, ou seja, para além: "Em 'Che cos'è La Poesia', Derrida mostra que o coração (*Le coeur)* não se separa de uma certa experiência de repetição e memória, daquilo que se sabe *de cor* (*par coeur*). (...) Esta técnica de recitar ou do rememorar é "elíptica" por vocação, voltada na direção do silêncio..." (SISCAR, 2005, pág. 136).

E é exatamente sobre a questão da memória, do rememorar, da linguagem, de que se trata o próximo tópico. Não no que tange à escrita etnográfica, como tão bem já foi discutido por James Clifford, Clifford Geertz e outros pós-modernos. Discussão inclusive imprescindível para que um texto como este (que rebobina as ideias) tivesse a possibilidade de ser escrito. Falo, ao contrário, da própria questão das conversas, entrevistas em campo que envolviam e envolvem memória, lembrança, esquecimento e rastros. Esta preocupação me surgiu como por *insight* na venda de seu Juarez. Aqueles fios de lembranças, rastros, tudo deslocado, sem data, sem personagem certo. Como construir uma etnografia de pequenos pedaços de lembranças? Mais uma vez me surgiu à cabeça a imagem da colcha

de retalhos de *patchwork*. Afinal, pela etimologia, recordar do latim *re-cordis*: voltar a passar pelo coração. E bem se sabe que o coração de quem recorda e conta pode ser marola navegável facilmente ou maremoto de recordações. Não é um ofício fácil para o antropólogo alinhavar todos estes retalhos, mas também não deve ser fácil falar de algo antigo (passado) ou mesmo sem explicação pronta e significação imediata, talvez o próprio significante. Caminhemos então.

# II Esquecer para contar: contar para relembrar

***A lembrança da gente se guarda em trechos diversos,***
***cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam.***
***Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.***
***De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje***
***vejo que como se fosse diferente pessoa.***
***Sucedido desgovernado.***
***Assim eu acho. Assim eu conto.***
***O senhor é bondoso de me ouvir.***
***Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras,***
***de recente data.***
***O senhor mesmo sabe .***

**(Guimarães Rosa -** ***Grande Sertão: Veredas*****)**

Seu Juarez em sua venda, na Vila Maria, São José dos Campos, 28 março 2012

# II.I Pé na soleira: de volta pra casa

Porta da casa de Seu Juarez e Dona Lourdes, Vila Maria, São José dos Campos - SP
28 de março de 2012

Quadrinho de proteção afixado na porta: “Consagração e Súplica a Santa Rita”

Esta é a porta da casa de seu Juarez, dono da Venda e de dona Lourdes, pais de Amarildo, 41 anos, organizador da romaria de São José dos Campos a Aparecida. A venda fica bem próxima da casa. Enquanto seu Juarez, 72 anos, um senhor extrovertido e contador de causos, passa os dias atrás do balcão, vendendo, conversando, juntando relíquias e coisas velhas que são pregadas até no teto da venda e servindo a “margosa” para amigos; dona Lourdes, uma simpática senhorinha “brava” e com toques de ranzinza, fica em casa, cozinhando e me disse que gosta é de ficar em casa, no seu canto: “hoje em dia, não gosto nem de sair para ir para casa de filho”. Enquanto fala isso, serve um almoço bem farto, que ela acha “fraquinho, pobrezinho”.

E é a imagem de Santa Rita que protege a entrada da casa. Diz Van Gennep (1977):

> A moldura inteira da porta forma um conjunto, e os ritos especiais são diferentes isso acontece por motivos técnicos imediatos. A soleira é regada com sangue ou com água lustral. Os portais são revestidos de sangue, de perfume, ou neles se aplicam ou se penduram os sacras, fazendo-se o mesmo na arquitrave. (pág. 37).

Este quadrinho pode ser denominado como um *sacra* de proteção entre o mundo de fora, exterior e o mundo da casa, o interior. Os *sacras* também podem ser encontrados pregados no lado de dentro da casa, como reza de proteção do recinto familiar. Nas cidades do interior, também são comuns as ferraduras penduradas nos portais das casas e nada mais incrível do que as cruzes de papel crepom que são afixadas nas portas das casas (no exterior da casa) dos moradores da cidade de Tiradentes em Minas Gerais, até na antiga cadeia, hoje museu, existe uma cruz. Estas são de todas as cores, mas os moradores preferem as brancas, estas que sofrem todo tipo de intempérie como sol e chuva , mas são vendidas também aos turistas como *souvenirs* nas mais diversas cores, rosa, azul, verde, além de algumas serem um combinado de uma mescla de cores. Tais cruzes, do tamanho de um palmo, são antigas na cidade, apontavam na porta da casa quem eram os cristãos, além é claro do conhecimento dos devotos de que Nossa Senhora, que na madrugada do dia 3 de maio, visita toda casa que tiver uma cruz. Como ressalta Riolando Azzi, a cruz simboliza no Brasil a conquista, a expressão da religião oficial nos tempos coloniais, expressão da fé cristã e da devoção popular. "O território brasileiro chamou-se, inicialmente, Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz. E ao longo do território, à medida que caminhava a civilização, multiplicavam-se as cruzes e os cruzeiros como indicação da fé católica" (AZZI, 1978).

Voltando à casa de dona Lourdes, além do quadrinho de proteção na porta, há pela casa tudo quanto é objeto com as imagens do espírito santo, a Santa Ceia em louça pendurada nos azulejos da Copa, a face de Jesus entalhada em um quadro de madeira, além de vários outros bibelôs e pequeno presépio perto da televisão. Além do quintal, com um quadro de porte grande com a imagem de Jesus, já bem desgastado, pois fica do lado de fora, no exterior da residência e um bibelô de um Santo Antônio ou um frade em cima de um do armário.

Imagem de Santo Antônio (ou um frade) ao lado de um produto de limpeza da marca Assolan, em cima do armário do quintal de Dona Lourdes (2012)

Quadro de Jesus no quintal de Dona Lourdes, atrás da toalha branca com detalhes azuis, havia uma cruz de madeira (2012)

As imagens estão por todos os cantos, esta devoção e proteção estão de forma material no quotidiano desta família, junto às toalhas de banho e mesa e aos produtos de limpeza. Passando agora para a venda de seu Juarez, alguns poucos passos da casa.

A verdade é que meu conhecimento sobre a cidade de São José dos Campos é restrito, é a Vila Terezinha perto da Vila Maria, ou só chamada de Vila, local onde estão a casa e a venda dos pais de Amarildo. Na verdade, não estava eu ali pela primeira vez, já havia conversado com dona Lourdes e os padrinhos de Amarildo e uma de suas irmãs há um ano, no dia da saída da romaria para Aparecida. Naquele dia 10 de outubro de 2011, eu tinha sido a primeira a chegar no ponto de encontro para a saída da romaria, a casa da mãe de Amarildo, lá na Vila. Cheguei com muita vergonha, nem o Amarildo ainda estava lá, receberam-me sem cerimônia, como se já me conhecessem. Dona Lourdes me apontou os cajados feitos de bambu e logo avisou: "já vai pegando um, porque quando o povo chega não sobra nada". A princípio não peguei, fiquei envergonhada, depois pensei melhor e escolhi um dos muitos que estavam encostados no canto da parede, e deixei meu rodo, que pensei em usar de cajado, que comprei em um hipermercado. Todos que ali estavam deram uma risada simpática, risada da minha inexperiência e falta de traquejo no assunto caminhada e romaria.

Mas agora, em março de 2012, tudo parecia mais tranquilo, eu havia voltado para entrevistar e rememorar algumas passagens daquela romaria com as poucas pessoas que fiz contado, pois uma romaria dessas é de 80 a 90 pessoas. Não se conhece todo mundo, ainda uma estrangeira como eu. Voltei e fiquei na casa de Amarildo, sua esposa Juliana e seus filhos Lucas e Isabella, em outro bairro, do qual não me lembro o nome, afinal fugia do perímetro que conhecia. Enquanto Amarildo trabalhava, Juliana e Isabella foram minhas companheiras e guias na cidade e me levaram às casas dos amigos de caminhada. Era isto que esta fazendo lá, visitando velhos amigos, tentando rememorar aquelas sensações que passamos em dois dias de caminhada até Aparecida (10-12 de outubro de 2011).

Na casa de Amarildo, onde dormi (cheguei 27 de março de 2012 pela hora do almoço e retornei pela noite no dia 28 de março de 2012), as marcas materiais da devoção da família estão por vários cantos da sala. Quando acordei no dia de visitar os amigos, dia 28 de março, uma quarta-feira, encontrei na cozinha de um lado uma farta mesa de café servida por Juliana e perto da pia um prato de louça com vela, santa e oração. Perguntei à Juliana se ela tinha acendido a vela por que era dia de alguma santa em especial. Ela me disse que era o próprio Amarildo que tinha acendido antes de sair, bem cedo. Explicou-me que sempre que o marido vai fazer um evento ele faz uma oração e acende uma vela. Amarildo tem uma empresa de festas (especializada em churrascos). O dia estava frio, garoando, eu havia acordado um pouco tarde e precisávamos correr para dar tempo de entrevistar todo mundo,

mas rapidamente saquei minha máquina e pedi licença para fotografar. Naquela casa, também o quotidiano, estava impregnado de uma fé material e ativa, pois durante toda a semana o casal participava de encontros da Igreja: encontro de casais, ajuda a gestantes, etc.

Cozinha da casa de Amarildo
São José dos Campos, 28 de março de 2012

Neste instante preciso alertar o leitor, estas são digressões, não estão necessariamente em ordem, mas foi como cheguei às reflexões que de certa maneira modelaram a forma de minha etnografia. Dia 27 de março, quando cheguei a São José dos Campos, visitei algumas pessoas, o contato com dona Lourdes, seu Juarez e a percepção da devoção material na casa de Amarildo, tudo se deu no dia 28 de março, dia corrido, dia de neblina, dia em que ia embora. Primeiro, fiz minhas observações na casa de Amarildo (fotografia acima), depois conversei com seu Juarez na venda por volta do meio dia e depois fomos almoçar com dona Lourdes. Poderia e seria muito mais fácil ordenar desta forma. Mas as divagações e digressões são essenciais na antropologia da experiência, são imprescindíveis para a compreensão desta etnografia que prioriza a experiência, e esta que sabemos que se mantém em forma de espiral, elíptica, nunca volta exatamente em si mesma, mas em algo que

carrega de si, que se aproxima e se afasta, que pode ser evasiva, fugidia e evasiva, mas que suas narrativas carregam o grande ensinamento dos Dogon, como bem sabe Jean Rouch, o do "faz de conta": "fazendo de conta ficamos mais perto da realidade." (Gonçalves, 2008). Ou seja, hi(e)stórias que são vividas e rememoradas, representadas em gestos por seus próprios personagens. É o que eu procurava ali em São José dos Campos, não exatamente reviver de forma real os acontecimentos da romaria do mês de outubro de 2011, queria agora ouvir as narrativas "como se fossem" novamente vividas. E é nestes meandros que me envolvi. Narrativas cheias de gestos, sensações, emoções e também evasivas, silenciosas, cheias de rastros de esquecimento.

Por isto, minha narrativa também é assim entrecortada e cheia de desvios, pois mesmo que eu tenha ido à venda no último dia em São José dos Campos, 28 de março, e conversado com Seu Juarez por poucos minutos, antes mesmo de almoçar com Juliana e Isabella na aconchegante cozinha da vovó Lourdes, o que volta de forma elíptica em meus pensamentos do "como se contar a antropologia", são as poucas palavras e piscadelas de olhar de Seu Juarez, não que isso tenha sido o mais importante, mas posso dizer que metodologicamente reestruturou meu jeito de escrever, por mais perigoso que isto seja, e reestruturou a minha forma de dialogar com a antropologia. Ou seja, a antropologia da experiência pode sim ser um processo, rituais suspensos, mas com datas no calendário, sendo cronológicos de alguma forma. Mas e contar isso? Como os romeiros contam a partir de fiapos das mais vastas memórias e rastros de outros causos em processo de esquecimento? Poderia a antropologia da experiência dar ordem a algo que não se processa assim? Pelo contrário, vai na contramão, pode chegar a ser um processo lento e imbricado de narrativas.

Moro em São Paulo, e pensei que qualquer reflexão deste tipo eu teria em casa, sentada à mesa e escrevendo a etnografia. Mas como a experiência é sempre surpreendente, os meandros do que estava fazendo, que a princípio, achei que fossem apenas entrevistas e visitas a bons amigos da caminha à pé até Aparecida, era outra coisa, bem mais complicada, mais sutil, virtual, ligando a potência da memória, com o esquecimento e com um devir. Percebi isto em outra casa que não a minha, outra cidade que não a minha. Às vezes é preciso estar ainda na soleira para as coisas se mostrarem, quando as coisas se dão a ver. Um reflexo, um lampejo, uma breve conversa, uma fotografia, uma venda apinhada de objetos. Foi assim que eu me senti de volta para casa, mas uma casa margem, soleira. Casa dos outros, mas em que eu fui fisgada abruptamente para a reflexão. Impossível ser diferente, quando entrei na venda de seu Juarez, entrei no mundo do rememorar.

Por este motivo, acredito, que os desvios e digressões e possíveis avanços desta etnografia se justificam pelo próprio jeito de contar destas pessoas (romeiros) e também pela forma como fui

montando meu mosaico antropológico, minha bricolagem elíptica, onde *Kronos* e *Kairós* se encontram de forma conflituosa, jamais exata e harmônica. No princípio, achava que isto prejudicava minha pesquisa em todos os seus aspectos. Mas como um *phármacon*, aquela venda me mostrou muita coisa, inclusive o lugar olhado das experiências de outrem e como são reformuladas suas lembranças: "como se".

## II.II Bric-à-Brac[2]

Venda de Seu Juarez
São José dos Campos - SP, 28 de março de 2012

Dia 28 de março, quarta-feira, por volta do meio-dia, Juliana estaciona o carro em frente à venda, passos da casa de dona Lourdes, onde almoçaríamos, topamos com Amarildo fazendo algumas notas fiscais antes de seguir para a festa que organizava no dia. Confesso que estava com bastante

[2] *Bric-à-Brac*, do francês: objetos usados, velhos, em mau estado. Local onde se podem encontrar esses objetos.

fome, pois pela manhã, durante o corrido café da manhã, havia conversado com Wellington, funcionário de Amarildo e um dos romeiros que conheci na caminhada de 2011. Só pensava em nos direcionarmos para a casa de dona Lourdes, onde supus que seria o almoço, antes de Juliana me levar para mais uma empreitada, entrevistar Clara, uma irmã de Amarildo que esteve muito próxima de mim durante a caminhada. Para então pegar o ônibus direto para São Paulo, às 18 horas. Devo admitir que quando Izabella, de seis anos, saiu do carro, quase em movimento, e apressadamente entrou na venda do avô, Seu Juarez, desanimei. Estava tão cansada e faminta, só queria almoçar, fazer os últimos contatos e entrevistas e partir. Aquelas duas portas vermelhas de madeira abertas naquele dia claro e chuvoso não me interessaram. Parei perto da primeira porta, vi Izabella orgulhosa adentrando a venda do avô, pegou em uma grande embalagem, um doce vermelho coberto com açúcar. Só a cor do doce já mostrava o quanto exagerado e nauseante podia ser aquele doce. Depois correu para dentro da venda, passou para dentro do balcão e foi ter com o avô, pegar mais doces e abraçá-lo orgulhosamente, como se ali dentro houvesse algo de muito especial. Como o dia estava muito claro, quase cegando a visão e as luzes da venda apagadas, eu não conseguia ver, nem supor, o que havia de tão fascinante ali dentro. Mas aquele gesto de Izabella, metendo as pequenas mãos no vasilhame cheio de doces vermelhos que brilhavam por causa do açúcar, aquele movimento da menina com o doce na mão cintilava, era inacreditável o poder daquele gesto e daquelas cores e brilhos, talvez porque em minha infância eu também tivesse tido a venda aonde ia com meu pai, informação esta que foi prestimosa para puxar assunto com seu Juarez.

Quando entrei, pela porta da beirada, impressionantes objetos me olhavam enquanto eu também os olhava, incrível aquele lugar tão pequeno, coleção de corujinhas de metal e louça, pingas do lado do quadro com a imagem de Cristo, do lado de casinhas de João de Barro, bonecas, ursos de pelúcia e espingardas antigas penduras no teto, assim como placas e conchas do mar. Nas estantes: telefones, máquinas de costurar antigas no de meio cestos com cabeças de alho, pães e biscoitos pendendo do teto amarrados por fitas. Fiteiros com refrigerantes e doces. Amarildo entra na venda e mostra o telefone mais antigo que o pai tem, que já quiseram comprar, mas que seu Juarez não vende, diz Amarildo: "funciona, o pai ainda fala nele". Seu Juarez me mostra as placas com sua idade, mostrando que nasceu em 1930 e um quadro com um papel amarelecido indicando que o estabelecimento era da década de 50 (mais precisamente do ano de 1956) e que ele jamais fechava, nem em feriado. Aquilo era um *bric-à-brac*, uma desordem ordenada de um cotidiano antigo, peças sem valor, em sua maioria, mas que contavam um história não linear, não homogênea, fragmentária e fragmentada. Havia ali também

alguns traços de *memorabilia*[3] como alguns brasões de metal do século XIX. Agora sim era compreensível a fascinação de Izabella. De acordo com Walter Benjamim:

> As crianças, com efeito, tem particular prazer em visitar oficinas onde se trabalha visivelmente com coisas. Elas se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam... Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos... A criança lida com os elementos dos contos de fada de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos. ("Obras Escolhidas", vol. I, 1994, págs.237 e 238).

Em outro ensaio, "História Cultural do Brinquedo" de 1928, o autor chega a falar dos brinquedos em seu formato de madeira, no processo de manufatura, das "quinquilharias de Nuremberg". Traz uma nostalgia dos brinquedos manufaturados, da brincadeira comandar o brinquedo e não o contrário como acontece na era da reprodutibilidade técnica.

Mas é certo que naquela venda, Izabella juntava pedaços de coisas nada complementares e distantes pela história cronológica, construindo seu pequeno conto de fadas de sucata, *bric-à-brac* e *memorabilia*. Eu olhava tudo atenta, sentada no balcão conversava com seu Juarez, disse a ele que na minha infância no interior de Minas Gerais, também eu com e meu pai íamos a venda como aquela, que chamava "Lado Rosa", pois o casarão antigo era de esquina e era pintado de rosa. Logo ele se interessa e começa a me mostrar as coisas todas. E de fato, como todo olhar é interessado, o meu ali também o era, reparei nas santas, na Nossa Senhora Aparecida grande em cima da geladeira e em boneco talhado, logo Amarildo falou algo do tipo: "este é o homem do mato" ou "o velho do mato" ou "um caboclinho do mato". Nada mais era do que um caboclo sim, mas um preto velho, onde dentro do cachimbo havia até um cigarro fumado.

[3] *Memorabilia*, do inglês, lembranças em forma de objeto que são significativos por conta de um evento ou algum período histórico.

Objetos da venda de Seu Juarez (2012)

Coleção de corujas de Seu Juarez, empilhadas em sua venda (2012)

Teto da venda de Seu Juarez apinhado de objetos

Fiquei reparando, e de certo as coisas também me olhavam, "lugar olhado e ouvido das coisas" (Dawsey, 2007). Assim também as coisas chamavam minha atenção para si. Vi então, quase atrás de uma das portas vermelhas de madeira, um painel com algumas fotos recentes e apenas duas fotografias em sépia, antigas, bem na beirada final do painel. Logo associei, esta é de Aparecida. Logo chamei: "- Seu Juarez, esta foto aqui é d'aonde?". Ele olha, pensa, silencia e responde: "- Estas duas aqui são lá de Aparecida". Em uma das fotos, há dois rapazes com calça boca de sino em frente à – hoje – chamada Basílica Velha. Amarildo pergunta: "- Pai, quem são estes dois?". Seu Juarez, mais uma vez olha, silencia, parece buscar algo longe, em nenhum momento pensa em olhar se existe alguma anotação no verso e diz: "- Este aqui é o Zé, este daqui eu nem sei quem é!". Indaga Amarildo mais uma vez: "- E como essa foto veio parar aqui no bar?", seu Juarez direto, como se fosse a resposta mais óbvia do e plausível do mundo: "- Sei não, deixaram aí, pregaram aí". Então partem para foto ao lado (foto da capa deste caderno/desta parte, direita para a esquerda). Amarildo começa: "- Pai esse aqui é o senhor, a mãe... com quem no colo? E grávida de quem? E quem são estas outras pessoas? Tio...". Aí então começam uma conversa onde se trocam nomes dos personagens das fotos, onde não se identifica o menino da foto, e novamente não se pensa em momento algum em buscar ajuda em algo escrito para rememorar. Parece que rememorar era justamente aquilo, aquele diálogo onde se confundiam nomes, suscitava a lembrança de outros personagens que não apareciam nas fotos. Tudo num outro tempo, às

vezes rápido, às vezes lento e silencioso. Amarildo engata outra pergunta: "- E essa foto da família é de quando?", sem pensar em olhar o verso, onde existe a data, seu Juarez responde: "- Essa foto... acho que é de quando a gente veio para cá, assim que chegamos, fomos a Aparecida" (a família de seu Juarez é de Minas Gerais). Amarildo olha para o pai e em tom animado fala: "- Pai, o senhor está numa beca nesta foto, olha, de terno...", seu Juarez prontamente responde: "- Que isso meu filho, nesta época era assim que a gente ia para Aparecida, não era como hoje que vai de qualquer jeito...".

No meio de tantos objetos com as mais diferentes datas e hi(e)stórias, aquela conversa nada mais era do que uma prosa entre narradores, onde o esquecido não era totalmente esquecimento, havia um rastro que cintilava trazendo da fundura da memória, lembranças sem linearidade, ou história com datas e personagens nomeados e apontados com certeza e exatidão, pontos contraditórios. Momento em que se nota que a memória e o esquecimento tem o mesmo peso na narração, às vezes pendendo mais para um lado, depois pendendo para o outro, nunca equilibrado. Submersão e emersão de imagens e histórias desniveladas. E tudo isso acontece, pois a lembrança se produz a partir do presente, naquele exato momento pai e filho construíam uma rememoração, uma lembrança. Uma construção de quem eram, de quem são e de um devir do que serão. A interpretação deve ser sempre delicada, pois há curvas e desvios, detalhes sutis, mas jamais procurando endireitar as coisas. Penso que o antropólogo deve lidar com esta história que não é História, é um caso de menos, uma narração/um conto do cotidiano, um teatro de menos (Menor) à la Carmelo Bene.

> A memória faz variar o ponto de vista, distende conceitos duros, solta o corpo ajustado, faz viver os mortos (...) redime o sagrado. A memória devolve não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia. (...) Esquecimentos, omissões, trechos desfiados da narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do quotidiano das pessoas. Dos traços que deixou a sensibilidade popular daquela época... (...) O mago que transmuta o passado em futuro deve ter mão rápida para capturar o Tempo no átimo da sua cognocibilidade porque ele fulgura um estante e desvanece. (BOSI, 2003, págs. 13, 18 e 20).

E parece-me que rememorar faz o que Benjamim já havia indicado, ou seja, explode o *continuum* da História, pois não há exatamente começo, meio ou fim. Lembrar é colocar na mesa fiapos de memória e rastros de esquecimento e, a partir dai, construir esta hi(e)stória de menos, Menor, do quotidiano, mostrando que não há uma história universal. Mostrando que existe neste *ínterim* da memória e esquecimento uma explosão de ambiguidades, criatividades e invenções, traçando um outro tipo de noção de história (a história Menor, de menos), uma história apartada da historiografia tradicional.

## II.III A venda: boa para fazer pensar...

Venda do Seu Juarez ,São José dos Campos - SP (2012)

"Sala das Promessas", Aparecida do Norte - SP (2011)

A venda de seu Juarez me faz pensar o conselho do velho *Geppetto* a *Pinocchio*: para que nunca se jogasse nada fora. Seja o quê for, os cacos, os destroços, objetos, antigos entulhados. São estes objetos, milhares de coisas que nos rodeiam, que podem contar hi(e)stórias ou rastros de esquecimentos de nós mesmos ou de outrem. Objetos que nos posicionam e posicionam os outros através de suas memórias, lembranças e rastros dos esquecimentos. Todas as coisas falam, contam hi(e)stórias, até mesmo as paredes. Cacos que constroem mosaicos e bricolagens, verdade e invenção de lembranças/fiapos de memórias profundas, pegadas de esquecimentos. Objetos conhecidos, objetos de família e objetos integrados de alguma forma na vida das pessoas. Cacos e despojos colados e guardados, transformados em objetos familiares, em objetos de importância. E é neste momento que a venda de seu Juarez é boa para fazer pensar vários pontos de minha pesquisa, faz-me lembrar da "Sala das Promessas" do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Tanto na venda quanto nesta sala, os objetos são expostos, coisas antigas ou novas, cada qual no seu lugar. Na venda, objetos guardados, comprados, ganhados e achados, coisas de uma vida inteira. Na "Sala das Promessas", *ex-votos,* do latim: por voto, por causa de um voto, de pagamento de promessas, objetos de cera em formatos de partes corporais. Objetos em agradecimento a graças alcançadas como: joias, instrumentos musicais, oratórios, bandeiras, fotografias, vestidos de noiva, diplomas, fitas, restos de roupas de acidentes e material hospitalar, dentre os mais variados objetos de agradecimento e testemunho de graças alcançadas pela intervenção de Nossa Senhora Aparecida.

A venda e a "Sala das Promessas" parecem a princípio dois ambientes distantes, talvez um profano e outro sagrado. Porém, ambos os lugares transitam entre o sagrado e o profano. Apesar de

parecerem diferentes e impossíveis de comparação. Ambos os ambientes estão recheados de objetos de hi(e)stórias e testemunhos. De certa forma, parece em um primeiro lance de olhos que a "Sala de Promessas" possui uma organização própria e que a venda é uma bagunça de objetos entulhados. Porém, devo dizer que a atual "Sala de Promessas" realmente teve um projeto e um planejamento de organização dos objetos conforme o tipo de graça alcançada e semelhanças entre os objetos oferecidos a Nossa Senhora. Projeto idealizado pela artista plástica Ana Durães (o que será explicitado mais à frente). Mas que não se tenha dúvidas de que também a venda de seu Juarez, também ela, tem uma organização própria, não sendo pois uma "bagunça" completa, existe uma separação entre placas, coleção de pequenas corujas, casas de João de Barro, bebidas. Como também não era pura bagunça a antiga "Sala dos Milagres" da Basílica Velha, esta que era apinhada de coisas sagradas, talvez mais parecida ainda com a venda. Dessa maneira, estes lugares contemplam a frase famosa de Claude Lévi-Strauss de que qualquer organização e ordem são melhores do que nenhuma. Assim, ambos os lugares são passíveis de comparação, lugares que apontam destaque para Nossa Senhora Aparecida, que estão ligados a objetos de memória e esquecimento, além de coisas ligadas à travessia e a pessoas devotas e romeiros da Santa. Assim, na venda, os objetos de lembranças e rastros podem contar pedaços de hi(e)stórias e narrativas de pessoas de São José dos Campos, do bairro da Vila. E na "Sala das Promessas", as coisas também estão animadas, agentes e testemunhos de promessas feitas e graças e milagres alcançados. Lugares que possuem coisas e tecem narrativas mundanas e de fé, ao mesmo tempo. Objetos, na venda, que, contam experiências vividas por seu Juarez, sua família e amigos. Na cidade de Aparecida, especificamente os objetos de devoção e *ex-votos* contam, testemunham experiências vividas de fé. Sempre lembrando que estas coisas todas, tanto as da venda quanto aquelas da "Sala das Promessas", são objetos cheios de agência, que contam experiências, mesmo que não sejam contadas de forma linear, e que transformam o mundo e as pessoas ao seu redor.

> São estes objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se encorparam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante, cada um desses objetos representa uma experiência vivida uma aventura do morador (BOSI, 2003, pág. 26)

Obviamente, aqui, Ecléa Bosia faz uma relação de pessoas e objetos que se relacionam de maneira contínua no tempo e de forma familiar. Certamente a venda de seu Juarez e seus muitos objetos se relacionam como o trecho citado acima. Mas também impossível não ver certa intimidade do romeiro e do devoto com seu objeto de pagamento de promessa e também com os objetos vistos e as narrativas de outros pagadores de promessa. Dessa maneira, também os *ex-votos* expostos servem

como narrativas na forma de testemunhos de experiência vividas. Alguns objetos demoram anos para saírem das vitrines e das paredes da "Sala das Promessas", traçando também certa continuidade daquelas narrativas de experiências de fé.

## II.IV A exibição das palavras[4]

E ali, naquele dia cinza, com aquela chuva fininha, dentro da escura e velha venda de seu Juarez, ainda aprendi mais. Nas conversas curtas, cheias de silêncio e olhares, havia também gestos. Ele e Amarildo me contavam coisas, nada reto, nenhuma história linear. Nem sempre o que eu perguntava era respondido diretamente, havia toda uma sequência espiral da narrativa. Pessoas que eu não conheciam entravam na contação das hi(e)stórias, afinal, sem elas era impossível contar. Coisas do passado se misturavam a falas do cotidiano. Uma mistura bela e perturbadora de passado, presente e devir, vir-a-ser. Mas que fique claro que a narrativa estava e sempre está sendo feita, processada no presente. Dessa maneira, elementos do hoje penetravam os causos do ontem, um ontem tão antigo que só poderia ser contado com a argila modelada no presente. E foi assim, que também aquela prosa no meio da venda, da cesta de alho, do copinho de cachaça e no meio de lampiões e espingardas antigas, seu Juarez me fez mais uma vez refletir e me lembrar da minha pesquisa em Aparecida do Norte.

Das primeiras vezes que fui à cidade de Aparecida: em 2010, no dia 12 de outubro, festa da padroeira e depois em Março de 2011. A sensação era de total tormento, tudo o que perguntava não tinha resposta, todos tinham meias palavras. Sempre que perguntava: "- O senhor (a senhora) está pagando promessa?", a resposta era amena, arrastada, com sotaque do interior (seja de qual interior fosse), "- Não, só vim ver a Santa". Aquelas respostas evasivas sempre me faziam voltar para casa, na cidade de São Paulo, desanimada e desistente. Porém, foi conhecendo seu Juarez (e também os romeiros que acompanhei) que percebi, a narrativa é elíptica, em espiral. Não existem respostas diretas, elas são construídas no decorrer da narração, envolvendo os que narram e os que escutam. A pergunta "- Você está pagando promessa?", ensinou-me seu Juarez sem o saber, não é a melhor forma de começar ou acabar uma conversa. É preciso ouvir, é preciso deixar que outras referências façam parte da hi(e)stória. As lembranças emergem das profundezas da memória como apontaria Bergson, e elas não vêm em arquivos bem arrumados e codificados. Não eram então as respostas dos devotos que se encontravam vagas, eram minhas perguntas que eram jornalísticas e pontuais, como se tivesse hora

[4] Título do texto do estudioso de teatro Denis Guénoun encontrado no *Folhetim: Ensaios*, "Teatro do Pequeno Gesto", 2003.

marcada, só me interessava pelo assunto promessa enquanto muitos dos romeiros queriam falar de outras coisas. Cheguei até a pensar com fúria: "Será que neste raio de Santuário mariano maior do mundo ninguém paga promessa?". Fui inocente, não deixei muitas vezes que a narrativa se desenrolasse (mas logo após a romaria de 2011, felizmente em 2012 eu teria outra oportunidade de ouvir ao invés de só perguntar, o que será visto no outro caderno desta pesquisa). E foi assim, dentro daquela venda, observando seu Juarez, Amarildo, quem entrava e saía, que percebi, há o tempo da hi(e)stória, há o tempo da narrativa. Muitas vezes, eles ali não falavam somente com as palavras, falavam com os gestos, com todo corpo, com silêncio distante e até com uma pontinha de lágrima que era segurada no canto do olho.

Desta forma, o corpo fala e narra das mais diversas formas, através da voz e dos gestos, dos silêncios, do leve fechar de olhos ou do sorriso largo que também pode ser amarelo. E assim, com esta multiplicidade de sinais, um corpo conta uma hi(e)stória, narra uma experiência através da fala, das mãos e dos olhos. O ofício do antropólogo é tentar perceber estes imponderáveis, as piscadelas, mas é necessário assumir que não é fácil, podemos levar uma pesquisa inteira para notar que esta ou aquela tremedeira representava uma imersão na memória. Talvez mais do que ouvir, deveríamos assistir aquele que fala. Talvez esta pesquisa tenha sido muito mais do imaginava: uma pesquisa de Antropologia Visual. Pois, precisei recapitular as imagens e seus detalhes para entender o grande *Theatron*, a grande cena. Onde claro, também o antropólogo participa, age, atua e interage.

> Trata-se aqui de apontar para dois planos da reflexão. Inicialmente, o fato, empírico de que a linguagem se estabelece primeiro na palavra e, portanto, sensorialmente, no elemento da escuta. As palavras pertencem originalmente ao universo sonoro. Não são vistas. O teatro quer, o que ele produz, aquilo sobre que trabalha é o colocar à vista, é ato de mostrar as palavras – que estão, por natureza, no elemento do invisível. O teatro quer explicar o invisível, dá-lo a ver. (...) O teatro quer o corpo e a voz. (...) O teatro quer o corpo, as coisas, exibidos sob seus olhos. O visível como sensação. O estético. E este corpo, que ele quer olhar, perscrutar, esta matéria das palavras que por essência são impróprias à vista, i-mostráveis (porque são feitas de sons e ideias). (...) A voz está duplamente inscrita no som e no espaço. Ela coloca e institui seu próprio limite. A este respeito, ela está no coração, no núcleo do teatro. Não que o teatro se reduza à vocalidade como parte deste mundo de sons. Mas o teatro se produz no exato limite entre o som e o corpo, onde a voz está precisamente alojada... E isto determina até a fundação de sua atividade própria: a atuação, o jogo do ator. A atuação não é absolutamente a pura enunciação do texto (segundo o regime de sua literariedade), também não é a instalação no coração do simulado, do factício, da imagem. A atuação é exatamente a atividade que conduz do texto ao visível. A atuação é a passagem ao jogo. O que é propriamente teatral na atuação é o jogo desta impropriedade que entra em jogo, que faz nascer o jogo e mostra ao olhar sua irrupção. É nisto que o jogo é essencialmente lúdico: o jogo não é um domínio próprio, definido, circunscrito no âmbito do qual seria possível se colocar por um *savoir-faire*. O jogo é um pôr em jogo. Para falar de outro modo, o núcleo, o coração do jogo do ator é sempre um certo *quantum* de improvisação... O teatro é sempre a passagem do texto ao teatro. A passagem do texto ao visível – ela própria tornada objeto do olhar. (...) ... um vaivém entre jogo e o não jogo. (...) Isto que eles

> vêm fazer no teatro: ver a passagem do texto pelos corpos. (GUÉNOUN, 2003, págs. 46, 47, 50, 57, 58 e 64).

Se esta longa citação tem algum lugar, é o de apontar não exatamente para o teatro, mas para a antropologia. Ou seja, Guénoun aponta para um teatro para além da escrita, da voz, da fala. Um teatro, que bem pode ser o teatro da vida cotidiana, que é mesclado com a vocalidade e as demais sensações, um teatro do *gestus* (termo de Bertold Brecht). Uma cena de mãos, cheiros e todos os tipos de sensações, um jorro de sensibilidades como diz o próprio Guénoun. E é exatamente neste registro de jogos, imprevistos, vozes e gestos, hi(e)stórias e narrativas atravessando os corpos de quem fala e ouve em que as personagens desta dissertação estão inseridas. Experiências recontadas e revividas através dos lábios (linguagem), das mãos, dos toques, das piscadelas de olhos. "Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá a voz , faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência."(BOSI, 2003, pág. 44).

Faz-se necessário então sair de si no ofício do antropólogo, não só para ouvir o outro, mas também para vê-lo. Observar como ele narra, e narração tem a ver com melodia, encenação. Contemplar o outro é observar e perceber seu jeito de narrar suas experiências vividas, passadas através de encenações do hoje. Como mostra Bosi, devemos seguir Simone Weil com a "pedagogia do olhar" e o "método da atenção". Parece que isto é óbvio na disciplina antropológica, porém, não acredito que o seja de fato tanto assim. O outro é uma multiplicidade, que não é abarcada só pelo som ou olhar, o outro não é passível de leitura clara e simples, não é uma estátua a ser desenhada e entendida por ambos os planos. O outro é um mosaico, que fala com as mãos, com a voz e com um silêncio ou sussurro puxados de uma memória distante, traduzida em uma rala e superficial lacuna. E o que o observador deve, a meu ver, evitar, é preencher esta lacuna com interpretações "academicistas" e sim partir do outro e de sua "estranha linguagem" (Pierre Clastres) e dos profundos limites de nossa linguagem para revelá-lo, o que já foi alertado por Marilyn Strathern em "No limite de uma certa linguagem", do ano de 1999, e a partir daí tentar procurar autores que dialoguem com o que foi visto e não "nativos" e situações que certifiquem os autores e teses diletas.

> Nossos objetivos, então talvez não devam ser tão grandiosos quanto poderíamos desejar: desvendar relações supostamente misteriosas que, ao mesmo tempo, motivariam os seres humanos e seriam a explicação de tudo o que eles fazem, nossa tarefa talvez seja mais modesta: elaborar teorias etnográficas capazes de desenvolver o que quer que estudemos à sua quotidianidade... reinserir o que quer que estudemos na vida e evitar cuidadosamente as sobreinterpretações e literalizações que em última instância, são as armas dos poderes

> constituídos, finalmente, ao menos, tentar vislumbrar aquilo que, na vida, por vezes de modo silencioso, escapa sempre a esta mesma quotidianidade. (GOLDMAN, 2006, pág. 171).

E assim, tentar, no ofício do antropólogo, ressaltar o quotidiano do outro que é estudado, sua forma de ser, de estar, de fazer e de contar. E é neste ponto que assumo, os autores e teses desta dissertação me foram trazidos à cabeça pelos romeiros e por seu Juarez, autores da passagem, da caminhada, da memória e do esquecimento e das lembranças, do corpo e das invenções. Das romarias e do povo de fé. Autores que levaram as quinquilharias de uma devoção a sério.

## II.V De Benjamin aos Narradores de São José

Neste ponto, quase finalizando este tópico, começo com o autor Michel Le Ven (2005) que demonstra que a história oral é uma história do tempo presente, uma narração que os indivíduos fazem da vida no momento da fala, um refazer de uma vida, os sujeitos vão se fazendo num "acontecimento". Desta forma, os romeiros e contadores/narradores de São José dos Campos vão construindo suas hi(e)stórias no momento mesmo de sua narração. Ou seja, inventando o real. Mas não que este seja pura imaginação ou ficção, mesmo que contenha ambas. Mas uma invenção nos termos de Roy Wagner (2010):

> De fato, poderíamos dizer que um antropólogo "inventa" a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação – por consistir em seus próprios atos e experiências – é mais "real" do que as coisas que ela "relaciona". No entanto, essa explicação somente se justifica se compreendermos a invenção como um processo que ocorre de uma forma objetiva, por meio de observação e aprendizado, e não uma espécie de livre fantasia. (...) Tampouco deveríamos nos surpreender se as analogias e os "modelos" resultantes parecerem desajeitados ou mal ajustados, pois eles se originam do paradoxo gerado pelo ato de imaginar uma cultura para pessoas que não a concebem para si mesmas. Esses constructos são pontes aproximativas para significados, para a parte de nosso entendimento, não seus objetos, e nós os tratamos como "reais" sob o risco de transformar a antropologia em um museu de cera de curiosidades, de fósseis reconstruídos, de grandes momentos de histórias imaginárias. (págs. 30 e 62).

Portanto, esta invenção é algo objetivo, promovido tanto pelo antropólogo como pelo dito "nativo". Ou seja, o antropólogo constrói sua própria cultura de referência como cria a do outro estudado. O mesmo faz o "nativo", ele também inventa através de percepções a cultura do antropólogo, que neste caso é o seu outro. Mas também inventa, formula, formata uma cultura que seja sua. Pois esta preocupação nunca foi propriamente do "nativo", assim nunca se esforçou para formular a ideia de uma cultura e costumes que fossem seus. Assim, quando é questionado, entrevistado, formula uma cultura.

Porém, importante pensar que essa invenção ocorre das duas partes, também o antropólogo não tem uma cultura formulada, organizada. No caso dos romeiros de São José dos Campos, eles se inventam no momento da caminhada, mas muito mais na hora que falam de si próprios, no momento das "entre-vistas" (termo de Michel Le Ven). E eu também me invento e invento minha posição no mundo, não como mentira, mas como uma articulação até então nunca pensada ou formulada sobre meu ofício de antropóloga e minha relação com a devoção e com a fé. Tais invenções só são possíveis a partir das relações criadas entre o outro e o antropólogo. É bastante claro, nas entrevistas, como o romeiro formula sua personagem, sua *persona*, com mais articulação e menos lacunas do que no momento mesmo do caminhar. São dois momentos de um mesmo acontecimento, este que forma o outro e modela seu discurso, o discurso de quem este outro é. O romeiro caminhante da estrada é inventado não apenas durante o momento em que caminha, mas muito mais no momento em que tenta reviver e relembrar toda a experiência vivida para contar. A partir daí, ele se vê e se constrói perante a comunidade e perante o antropólogo como romeiro com todas as peculiaridades que esta personagem carrega. E, neste caso, o processo da invenção muito tem a ver com o processo de rememoração, da lembrança e também do que se é esquecido.

No momento da conversa, não há preocupação com fatos verídicos ou inverídicos, não há uma preocupação com a História linear, cronológica e verdadeira, longe estamos aqui da pretensão de uma História com traços universais. Há uma preocupação com a hi(e)stória que é narrada pelo romeiro, esta que é guiada pelo "como se fosse". Falamos de história com letra minúscula, uma história Menor, de menos, que é aliada da criatividade e da inventividade prática.

> Em suas célebres teses "Sobre o conceito da história", escritas em 1940, Walter Benjamin declara: "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num estante de perigo". Essa afirmação é uma recusa clara ao ideal da ciência histórica que Benjamin, pejorativamente, qualifica de historicista e burguesa, ciência esta que pretende fornecer uma descrição, a mais exata e exaustiva possível, do passado. (GAGNEBIN, 2006, pág. 40).

Aqui, fala-se de outra história, de outra forma de olhar para a mesma, contando com seus imprevistos, acasos, criatividades. Quando se fala de história nada mais obrigatório do que falar de tempo e espaço. Benjamin discute uma nova configuração deste tempo, que nem sempre é o cronológico, diacrônico, pode ser também um tempo suspenso, extraordinário: um tempo *kairótico* (tempo do coração, das emoções e sensibilidades, das mais variadas percepções). Assim também como o espaço, pode se reduzir ou se expandir. Por exemplo, apesar da cidade de São José dos Campos ser

um “interior grande” e estruturado, cheio de multinacionais, um polo de desenvolvimento no interior do estado de São Paulo, porém, para mim, São José se reduz e se amplia, ao mesmo tempo, em minha experiência do espaço de uma pequena praça do bairro Vila Maria, onde mora os pais de Amarildo. Ou seja, o espaço, o território também está demarcado por minha experiência. Benjamin que tanto se interessou pela obra literária de Marcel Proust aponta que este demonstra que o tempo da hi(e)stória privilegia o tempo da experiência, o tempo repleto de acasos, “contra a morosidade mortífera do tempo cronológico devorador, a alegria de curtos momentos de graça, de instantes quase místicos nos quais os diversos tempos se condensam...”(GAGNEBIN, 2006). A obra de Proust traz para Benjamin a importância dos registros da dispersão e da distração, da perda de tempo para que se possa achar ou topar com algo: a lembrança. Benjamin aponta Proust como carregando em si a “arte do prosador”, o memorialista e o contador. Dessa maneira, Benjamin reflete a partir da obra proustiana: “Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo da textura.” (BENJAMIN, *Obras escolhidas*, v. I, pág. 37).

Benjamin aconselha: “escovar a história a contrapelo”, “explodir o *continuum* da história”. Ou seja, desde Proust até a obra de Paul Klee, *Angelus Novus*, um anjo que não caminha no mesmo sentido da História, e assombrado parece recuar velozmente em direção ao futuro, mas de costas para este e olhando aterrorizado para o passado, anjo chamado por Benjamin: “O anjo da História”.

*Angelus Novus* de Paul Klee, 1920

Ou seja, Benjamin tenta em toda a sua obra entortar os galhos da História e mostrar que há desvios, passos tortos e nada lineares como não quer a historiografia tradicional. O autor nos desafia a olhar o mundo com lentes para hipermetropes e presbíopes e colocar o mapa-múndi de cabeça para baixo para, quem sabe assim, conseguirmos entender o "verdadeiro" formato da hi(e)stória e do espaço, e assim refletir sobre uma outra e velha concepção da relação espaço-tempo-hi(e)stória: a narração.

As considerações sobre "O narrador", de 1936, é um dos textos mais conhecidos de Walter Benjamin. Não creio que seja mal lido ou mal interpretado, pois muitos acham o texto como sendo por demais nostálgico e pessimista. Considero sim que exista uma melancolia na escritura de Benjamin, porém devemos sempre considerar que ele fala em um tempo de terror, contra o terror, período entre guerras. Não creio que seja um autor desiludido, ao contrário, penso ser um pensador contra a barbárie a favor da experiência e da história dos homens comuns. Benjamin opta pela narração e não pela História canônica. Opta pelas narrativas, sendo elas o motor que passa uma experiência de pessoa a pessoa. A narrativa perpassa pela autoridade do conselho, pelo fabuloso e pelo fantástico. Contrapondo-se à informação que passa pelo plausível e pela questão da verdade e da mentira. Já a narrativa e o narrador encontram-se em outro regime de verdade, não são refutáveis, não contam verdades ou mentiras, inventam e criam o que já é real. Dessa maneira não são plausíveis, estão pois mais próximos de um Realismo Fantástico. O lugar da narrativa é a viagem, o deslocamento, o viajante. A narrativa é fluxo, não se compara à História, está ligada à tradição oral e à poesia épica, tenta passar ensinamentos práticos à comunidade de ouvintes. Pois a narração está diretamente ligada ao ouvinte. A narrativa é uma arte manual, delicada, de vaivém, sem conexões retilíneas e universais, a hi(e)stória não acaba quando acaba a narrativa. Por isso, esta etnografia que fala de narradores não pode ser uma crônica e nem os romeiros ou eu, cronistas, pois assim colocaríamos ponto final como o faz a historiografia. "O texto não apresenta conclusão, porque não há conclusão na vida. A vida continua correndo devagar como o caminhar da humanidade, como os passos dos homens do interior de Minas..." (LE VEN, 2005, pág. 35). E por isto mesmo, esta etnografia não é um romance, com ponto final e tudo declarado na última página. Meus personagens, romeiros e devotos, continuam por aí, a caminhar sempre, por trabalho, por estudo, por saudade e por fé.

É certo que em seu texto de 1936, Benjamin se vê um tanto frustrado com a decadência do gênero narrativa numa época da pressa e da reprodutibilidade. Porém, há muito mundo que se caminhar e não é que nos lugarejos mais inusitados e também nos cantos dos arranha-céus das cidades, podemos encontrar, não com muita frequência é claro, mas aquele narrador sábio e que fala com a voz e com o corpo, tendo nas mãos todo um balé de gestos. E não foi na estrada, no caminhar tanto em São José dos

Campos quanto em Aparecida do Norte que encontrei senão o típico narrador benjaminiano? Algo de uma incrível e delicada proximidade.

> Assim definido, o narrador figura entre mestres e sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode percorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é o poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. (BENJAMIN, *Obras Escolhidas,* v. I, 1994, pág. 221).

Portanto, caminhar é preciso para contar e narrar a caminhada a coloca no registro impressionante do Realismo Fantástico. Assim, caminhamos dois dias à pé para Aparecida, eu e os romeiros de São José dos Campos do dia 10 até o dia 12 de outubro de 2011. E, entre os dias 27 e 28 de março de 2012 ouvi as narrativas de tudo que foi vivido, relembrando, revivendo e realçando as tonalidades das cores, dos acontecimentos. Nós fizemos o acontecimento tomar corpo ao narrá-lo. Caminhamos, paramos, caminhamos e ao final narramos. E não posso deixar de dizer, durante a viagem, na travessia, andando mais devagar em alguns pontos da estrada (Rodovia Presidente Dutra) ou nos pontos de paradas – restaurantes e postos de gasolina – sempre há aquele que contempla, coloca seu olhar longe e narra, sobre a caminhada, sobre os outros, sobre a vida, misturando experiências, criando um cenário fabuloso. E o que há de mais fabuloso nisto é a troca feita entre o momento mesmo da prosa, da conversação, pois todos os atores são afetados pela experiência do caminhar e do narrar. Através da linguagem, que pode ser oral, gestual ou escrita – todos são atravessados e transformados pela palavra do outro e pela palavra compartilhada e pelas sensações sentidas e gestos vistos e compartilhados. É o poder de modificação do "atravessamento", ou seja, atravessar um rio, atravessar um caminho, atravessar uma rodovia (Dutra). Enquanto se atravessa se é atravessado. O mesmo acontece com a palavra: minha palavra atravessa o outro e a palavra outra me atravessa. "Eis algo que nasce com a linguagem, e que faz com que, depois que a palavra foi verdadeiramente fala pronunciada, os dois parceiros tornem-se diferentes do que eram antes." (LACAN, 2005, pág.26). Os romeiros de São José dos Campos podem atravessar a rodovia, a Dutra, em busca do caminho para Aparecida do Norte, já atravessaram oito vezes, oito anos. Com toda certeza, neste tempo todo, eles se transformaram e a estrada também. E continuarão a atravessar, a próxima caminhada será no próximo mês de outubro deste ano de 2012, será uma nova travessia, num novo e mesmo caminho .

## II.VI Um átimo perigoso...

São João Evangelista da Basílica Velha, no ateliê de restauração
Arquivo: Jean Dias Gomes (equipe de restauração), Aparecida, 2012

Colocando ponto final neste tópico II, impossível não falar também de algo nem sempre comentado, mas de raro e perigoso brilho na narração oral e para o narrador. Chamo novamente Ecléa Bosi para me guiar nesta escritura. De acordo com a autora, narrar contém toda a potência da memória e do esquecimento, do reviver e também da morte. Não há lembrança sem memória, memória sem esquecimento, tudo isso embalado por várias temporalidades e também por um tempo que se aproxima da morte. Quem conta, por um átimo de segundo, pode perceber que quem narra é sábio e, muito já viveu. Quem muito viveu é sinal que tem pouca vida pela frente, quem muito passado tem para presentificar no ato da narração é certeza que pouco futuro - enquanto tempo cronológico – tem. Aprende-se com Sócrates que caminhando, o velho narrador está rememorando, revivendo e está aprendendo a morrer. Como o santo da Basílica Velha carcomido pelo tempo e com camadas e camadas de poeira, a restauração como um projeto de rememorar, não deixar morrer, mas isso seria realmente possível? Assim, há algo de vida, reviver e de aprender a contar para deixar, e deixar porque se está sempre caminhando e morrendo. Diz Bosi (2003):

> Uma intuição de um devir, do seu próprio devir de homem que se vê envelhecendo, enquanto sentimento de um tempo que, simultaneamente passou a se re-apresentar à consciência e ao coração. É mais que viver de imagens do passado. Pode existir no narrador oral um minuto em que ele intui a temporalidade. (pág. 45).

Não que o narrador seja um alienado temporalmente, mas muito perigoso é se num átimo de segundo, enquanto narra algo do tempo guiado pelo tempo *kairótico*, ele se choca com o tempo cronológico, uma tragédia na medida em que esta percepção do tempo que corrói as pessoas e as hi(e)stórias e a percepção de que as narrativas podem se perder, como bem afirmava Benjamin neste novo mundo do progresso. Algumas coisas não devem ser pronunciadas ou notadas neste cenário da contação de causos e hi(e)stórias, caso contrário, o narrador pode se emudecer e entristecer. Esta caminhada para o fim da narrativa, acredito eu, tenha que se dar no esquecimento da morte. Dessa maneira, o narrador vai caminhando e contando, e sem perceber caminha até a última narrativa, que permanecerá ou não, dependendo sempre da assimilação desta por outros narradores. Diz Walter Benjamin:

> Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo, que no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios, liberta a língua para arroubos demostênios, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prenhe não seja outra coisa que o vestígio dos hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o fez sobreviver (*Obras Escolhidas,* v. II, 1995, pág. 104).

Passado e presente, memória e esquecimento se fazem em lembranças e rastros, muito mais superficiais do que o a memória, muito menos demolidoras do que o total esquecimento. Assim nos redimem, redimem nossa vida vivida, redimem nosso sagrado íntimo, redimem as derrotas e vitórias. A leve poeira do esquecimento nos redime: para que possam os romeiros e nós todos continuarmos caminhando e narrando. O tempo cronológico é redimido pelo tempo *kairótico*, este que nos redime e cura pela linguagem, pela narrativa, pelo contar. "O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida." (BENJAMIN, *Obras Escolhidas,* v. I, 1994, pág. 221).

# III Os narradores de São José

*Andá com fé eu vou,*
*que a fé não costuma faiá...*
*Certo ou errado até*
*A fé vai onde quer que eu vá*
*A pé ou de avião...*
*Mesmo a quem não tem fé*
*A fé costuma acompanhar*
*Pelo sim, pelo não...*

**(Gilberto Gil)**

Fotografia da Família de Seu Juarez em Aparecida- SP
Verso com dedicatória, 1957

# III.I Até parece história de antropólogo...

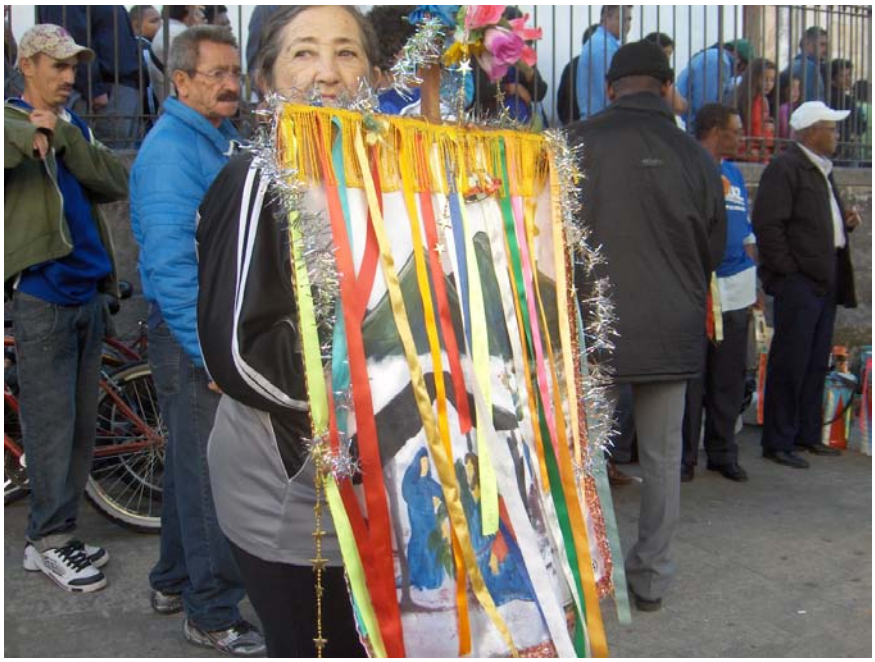
Banca de Jornal vendendo fitinhas de Nossa Senhora Aparecida
Dia 12 de outubro de 2010

Minha pesquisa em Aparecida do Norte buscando estudar – a princípio – os pagadores de promessa a Nossa Senhora Aparecida deu início em outubro de 2010. Havia mudado de tema de estudo, antes me debruçava sobre a Semana Santa e suas encenações, rituais e dramatizações na cidade mineira de São João Del Rei, já até havia feito trabalho de campo no início do ano na cidade, acompanhando suas inúmeras missas e procissões nas cinco Igrejas históricas dali. Porém, a mudança para o estudo da promessa, da devoção era como uma libertação. O tema me atraía muito mais, conseguia me locomover mais rapidamente, afinal Aparecida está a duas horas e trinta minutos de São Paulo. Tudo parecia encaixado. Mas como toda pesquisa de campo nada era bem do jeito como havia pensado. Na verdade, inocentemente, não planejei minha ida. Simplesmente liguei para vários hotéis, não havia vaga em nenhum hotel, pensão ou birosca da cidade. Em outubro, na semana de comemoração do dia da padroeira, quanta inocência da pesquisadora que vos fala achar que iria achar hotel e água quente. Então fiz o que tinha que ser feito, ou o menos pior a ser feito. Dia 12 de outubro de 2010, peguei uma bolsa com uns biscoitos, uma velha máquina de fotografias, um caderno vermelho

para anotar as grandes descobertas que teria em campo, uma sombrinha e dois casacos. Parti para o Terminal Rodoviário do Tietê em São Paulo, comprei a passagem para às cinco horas da manhã. Pela estrada, observei como ia entrando em uma atmosfera completamente diferente de São Paulo. Só a Dutra à frente, ao lado da rodovia, grandes galpões de multinacionais como *Johnson & Johnson*, *General Motors* (GM), *Ericsson*, *Philips*, dentre inúmeras outras. E sempre grandes áreas com grama diante de cada empresa. A estrada encontrava-se tranquila, não havia a quantidade de carros e ônibus que o funcionário da empresa de ônibus *Pássaro Marron* me alertou, quase me amedrontando, de que haveria na estrada e que na entrada da cidade o trânsito ficava parado. Foi passando o tempo, levei meu livro "O pagador de Promessa" (2010) do autor Dias Gomes para ir lendo no caminho, um clichê antropológico este ato? Não sei, mas me dava alguma segurança. Chegando perto da cidade, já conseguia ver o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, a imagem é realmente impactante, pois primeiro se sai da confusão de São Paulo e da rodoviária lotada, depois durante bom tempo a vista é de multinacionais as mais variadas, depois; bom tempo sem ver nada de edificações. Perto da cidade de Aparecida, se avista algumas casinhas de uma simpática cidade chamada Roseira, mas só se avista "os fundos" da cidade. Aí então, como se aparecesse do nada aquele gigantesco Santuário e na estrada romeiros caminhando com seus cajados, mochilas, chapéus e cobertores, fazia bastante frio naquela manhã. Quando cheguei à rodoviária, desci as escadas do ônibus, por lá já havia muita gente, pensei: "vou seguir o fluxo". Quando chego ao alto, passando pelo centro e pela Igreja de São Benedito, chego a Igreja Velha, Basílica Velha, onde antes da construção do Santuário ficava a Santa. Todas as lojas estavam abertas, vendendo santos, brinquedos, almofadas, lembrancinhas, berrantes, chapéus, esporas, ursos de pelúcia gigantes. De repente o sol saiu, a cidade brilhava com seus bibelôs à venda, cruzes e imagens e as Folias de Reis na rua, as cores, as violas, fiquei animada, tirei muita fotografia.

Lojas em Aparecida, Festa de Nossa Senhora Aparecida, dia 12 de outubro de 2010

Basílica Velha, Aparecida, 12 de outubro de 2010



Senhora segurando a bandeira da Folia (fora da Igreja)
Aparecida, dia 12 de outubro de 2010

Violeiros da Folia de Reis (fora da Igreja), Aparecida, dia 12 de outubro de 2010

Folia de Reis (outro grupo,fora da Igreja), Aparecida, dia 12 de outubro de 2012

Palhaços das Folias pedindo esmola (fora da Igreja), Aparecida, 12 de outubro de 2010

Aglomeração de devotos na entrada para a "Passarela da Fé", ponte que liga a Basílica Velha ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, Aparecida, 12 de outubro de 2010

Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, Aparecida, 12 de outubro de 2010

Depois de ficar bastante tempo na Praça Nossa Senhora Aparecida em frente a Igreja de Monte Carmelo e, onde se encontra uma grande estátua de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (ou seja, a própria Santa Aparecida), inaugurada no ano de 1888, hoje conhecida como Igreja Velha ou Basílica Velha, onde se abrigou durante tantos anos a imagem de Nossa Senhora Aparecida; também eu, como milhares de pessoas, faço fila para passar pela "Passarela da Fé", que liga a Basílica Velha ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, onde hoje encontra-se a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida. Passarela inaugurada em 1972, tendo 389 metros de comprimento, em formato de "S", uma forma de homenagear a Santa. Atravessei esta passarela lentamente, havia muita gente indo e voltando, a passarela tem duas vias de acesso tendo como referência a Basílica Nova (ida à direita, volta à esquerda). Basílica que começou a ser construída em 1946 e até hoje está sendo construída, por exemplo, hoje os padres redentoristas se dedicam a conseguir doações para o revestimento da cúpula central. Apesar de sua imensidão, e talvez por conta disso mesmo, o Santuário sempre está em obras, tanto arquitetônicas quanto estéticas. Um *continuum* processo de construção. Porém, hoje, a Basílica Nova tem uma estrutura gigantesca, de uma magnitude e desenho arquitetônico

que tenta lembrar o Vaticano, com suas arcadas, uma obra monumental. Hoje, possui uma infraestrutura que atende aos romeiros/devotos com lanchonete, banheiros, área de descanso, lojas, etc.

> A Basílica Velha e a praça , desde a década de 50, não suportavam mais a fluência dos romeiros, sobretudo aos domingos. Já em 1947, os missionários haviam proposto a construção e acabamento do subsolo da nave norte para servir de igreja provisória, mas a sugestão não foi acatada pelas autoridades. Somente a 21 de junho de 1959, o movimento religioso aos domingos foi transferido para o Santuário. Apesar da precariedade do ambiente de construção, aquele dia foi um dia histórico, porque o povo podia contar com espaço e tranquilidade para sua devoção. O desconforto, porém, era compensado pela largueza do espaço. Havia um razoável serviço de água potável e sanitários, conforto este que a praça da Basílica Velha não oferecia. Aos poucos os inconvenientes da transferência do movimento foram sendo compensados pelas vantagens que a nova igreja proporcionava. O Livro do Tombo anotou para o dia 21 de junho: "Hoje, pela primeira vez, o movimento de romeiros se transferiu para a Basílica Nova. Às 4:30 horas, a Imagem de Nossa Senhora Aparecida foi levada para lá. Missas, batizados, casamentos, confissões e comunhões foram realizados lá. Desafogou bastante o movimento aqui em cima. Os padres acharam que o trabalho se desenvolveu muito. A experiência aprovou cem por cento". Com exceção dos peregrinos saudosistas, apegados à Basílica Velha, e dos que tinham interesse no comércio rendoso da praça, o ambiente de largueza agradou a todos. A construção que se levantava, e que o peregrino via crescendo sempre, foi a melhor propaganda que se podia fazer, dizia Padre Sotillo. Com seus próprios olhos os visitantes observavam o caminhar das obras e eram generosos nos seus donativos. (BRUSTOLONI, 1998, págs. 224 e 225).[5]

Porém, mesmo hoje, os devotos não deixam de passar pela Basílica Velha e enfrentar a fila para tocar no vidro da Nossa Senhora Aparecida que se encontra no altar, esta que poderia por muitos ser considerada um simulacro, mas o que veremos no segundo caderno desta dissertação, que não é este o caso. A igreja, mesmo passando pelo processo de restauração desde o ano de 2004, tem missa e visita de romeiros todos os dias. Muitos passam antes na Basílica Velha para depois atravessar a passarela e ir para o Santuário. Note-se que a passarela fica pronta depois da ida da Santa para a Basílica Nova. Há também um teleférico, que levava as pessoas do alto do Monte Carmelo, onde fica a Basílica Velha até a Basílica Nova, com vista da cidade, este que foi desativado há alguns anos por instabilidade e precariedade.

---

[5] Porém, segundo o reitor do Santuário Nacional de Aparecida, Pe. Darci José Nicioli, o conjunto geral da Basílica Nova ficou pronto em 1980 e a ida definitiva da imagem de Nossa Senhora Aparecida para o Santuário se deu no ano de 1982. Estas informações estão contidas no documentário produzido pelo próprio Santuário Nacional (www.a12.com) e pela Aparecida Rede de Comunicações. O filme denomina-se "Aparecida das Águas: a verdadeira História de Nossa Senhora" (sem data). As confusões de dados é comum nas histórias que envolvem as datas de acontecimentos no Santuário, o tamanho da "Passarela da Fé", o número de *ex-votos* e etc. Obviamente que tais dados numéricos não impossibilitam a pesquisa, só reafirmam a questão da memória, da lembrança, dos rastros do esquecimento e como estes são registrados. Uma funcionária do Centro de Memória (CDM) me disse que hoje se tem a preocupação de registrar todos os dados, mais nem sempre foi assim, acrescentou, por exemplo, que existem muitas fotos e informações sobre a construção da Basílica Nova, mas quase nada sobre o início da "Sala das Promessas".

Com o passar do tempo, o mesmo comércio rendoso se estabelece perto da Basílica Nova, porém, comércio administrado e ditado pelos redentoristas. E a mesma visão do Santuário sempre em obras continua levando os devotos a doarem dinheiro para a finalização da construção da Basílica Nova. Campanhas como "A Família dos Devotos" com suas revistas e produtos ajudam a erguer o edifício. Muitos se sentem parte daquela construção, sentem-se como um tijolo ("Campanha do Tijolinho") da estrutura, outros pensam ser os padres e a instituição gananciosos. Independente das posturas e posições políticas, todos querem passar pela Santa. E no dia de sua festa, a fila para ver a imagem é quilométrica, o Santuário se enche de gente de todos os tipos, impossível passar dos bancos perto das portas. Muitos sentam no chão, há televisões de tela plana que transmitem todas as missas. E microfones se encontram instalados mesmo fora da Igreja, assim é possível ouvir a pregação, mesmo do lado de fora do Santuário.

No dia 12 de outubro de 2010, quando cheguei de frente para o Santuário, o que vi foi um formigueiro humano, não consegui entrar na Igreja. Não sabia o que fazer, estava cansada como se já fosse tarde, eram apenas nove horas da manhã. Tinha passado apenas duas horas ali e não sabia o que fazer. Comecei aos poucos e perguntando para as pessoas se elas estavam ali pagando promessa, principalmente para aquelas com camisetas de romaria: não houve resposta afirmativa. Todos repetiam mais ou menos a mesma coisa: "venho todo ano, mas conheço gente que já fez". Ou seja, estavam ali por força de uma "tradição" (que obviamente não é aquela da busca incessante de uma origem), por força do fazer todo ano, da repetição do ato de fé. Conversei com grupos de romaria, grupo de capoeira, grupo de motoqueiros, todos estavam ali para celebrar a Santa, ninguém pagava promessa. Obviamente, como qualquer antropólogo em flor, como qualquer neófito, pensei: "Será que vou dar conta disso, acho que não...". Sentia-me desesperada, uma multidão à minha frente e ninguém respondia afirmativamente a minha simples e direta questão: "Você está pagando promessa?". Ficava pensando ironicamente: "Como neste lugar cheio de gente ajoelhada, chorando, rastejando e com este tanto de *ex-votos* não tem ninguém pagando promessa? Estou achando isto tudo uma piada". Foi assim que fui observar outras coisas, as placas de ônibus: "De onde vinham?", a galeria de lojinhas que chamam de *shopping*. Levei uma pesquisa inteira para descobrir que as respostas estavam sendo dadas, o que estava em total desacordo era a minha pergunta, como quem quer correr rápido dali com uma informação preciosa e não se envolver. Desesperada e desolada fui buscando fragmentos, até que um simples cartão, de um grupo romeiro me caiu às mãos. Com muita dificuldade me aproximei do grupo que estava sentado do lado de fora da Igreja, exaustos, com cobertores. Os mais jovens acordados e conversando animados, outros dormiam. Primeiro conversei com os adolescentes, perguntei da

romaria, me falavam que tinham vindo à pé de São José dos Campos a Aparecida. Em seguida veio ao meu encontro um rapaz negro com um dos sorrisos mais largos que eu já vira, Wellington, e me falou que ele participava do "apoio", não tinha vindo à pé, mas ajudava com o almoço, lanche, remédio e buscava os desistentes pelo cansaço e pela dor no meio do caminho. Perguntei se no ano que entraria (2011) eu podia participar e também quis me inteirar de quem organizava a romaria, ele estava dormindo, só conseguia ver sua cabeça, pois o cobertor não o cobria totalmente (hoje sei que naquele momento pensei que fosse mais velho do que realmente é): o Amarildo. Wellington me deu o cartão de contato com Amarildo, lembro-me de ter olhado o cartão e tê-lo achado totalmente estranho, não sei se fiz alguma cara diferente, mas o rapaz foi ligeiro: "- Amarildo tem uma empresa de festas, eu trabalho com ele, fazemos churrascos... mas para a romaria pode entrar em contato por estes números e *site* mesmo". Agradeci e me despedi e disse que podiam me esperar que no ano que entraria (2011) eu iria fazer a caminhada com o grupo.

Guardei aquele cartão, com a foto de uma picanha sendo cortada por uma grande faca, como uma relíquia, sentia que aquilo poderia ajudar e muito a minha pesquisa, e sabia que iria fazer a romaria com eles no ano de 2011, apesar de todos terem me falado depois na caminhada deste ano, que não acreditavam que eu os procuraria. Ainda hoje, guardo o cartão, um pouco amassado e com toda certeza me vem à cabeça o "*anthropological blues*" de Roberto DaMatta.

Cartão da empresa de Amarildo: "Fim de Tarde", recebido em 12 outubro de 2010 em Aparecida

Ainda cedo, sentei-me nas escadarias do lado de fora do Santuário no sol, não havia lugar para ninguém, sentei-me perto de duas senhoras, uma bem gorda, mal-humorada e cansada, com a perna esticada (tinha alguma forte dor na perna direita causada pela viagem de ônibus da romaria) e segurando uma sombrinha clara para tentar deter um pouco aquele sol que nos castigava. Ao fundo, de "trilha sonora" do meu desencanto: a missa. E claro, fui direta, perguntei o nome dela e saquei a pergunta. O nome eu não me lembro, afinal estava mais preocupada em fazer logo a minha pergunta: "- A senhora está pagando promessa?". A resposta foi "não" como já deveria imaginar. A senhora me disse que organizava romarias, que era de Minas, que todo ano fazia isso, disse que estava com a coluna doendo, o corpo doendo, tomando remédio, falava que estava doida para ir embora, "mas que povo que gosta de rezar..." disse cansada, franzindo bastante o rosto. Aproveitei então para puxar conversa com a mirrada senhora sentada dois degraus abaixo de onde eu estava, perguntei seu nome, ela falava com uma voz fina e o som vindo da Igreja me fazia entender apenas metade das coisas que ela dizia. Ela era da romaria organizada pela senhora com quem eu havia acabado de conversar. A senhora franzina, de blusa vermelha e longos cabelos grisalhos amarrados em formato de rabo, foi bem mais solicita e eu como uma metralhadora saquei a pergunta da pesquisa: "- A senhora está fazendo promessa?". Ela me disse que não. Aí então perguntei: "- Mas a senhora já fez promessa para Nossa senhora Aparecida?". Ela respondeu: "- Não, mas venho todo ano". E completou dizendo que: "- Promessa é coisa séria! Quem faz uma promessa tem que pagar direitinho senão fica ruim...". Parece que notando minha desolação e minha frustração ante as respostas disse que há muito tempo tinha feito uma promessa para um menino lá da cidade dela, do interior, que não parava de chorar, o menino curou e a mãe dele veio pagar. Parecia-me mais um consolo, como se ela contasse uma história de um outro alguém devoto só para me animar. Aí então sorri, depois disso ela começou a me falar que o Padre Fábio de Melo estaria lá em Aparecida pela noite, que ia ter *show* e fogos e que o cantor Daniel estava na Igreja cantando. Foi só então que percebi que aquilo que eu escutava, mas não ouvia com atenção, era a voz do cantor sertanejo Daniel cantando "Romaria", composição do violeiro Renato Teixeira:

**Romaria**

É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó, de gibeira o jiló,
dessa vida cumprida a só...

Sou caipira, Pirapora Nossa
Senhora de Aparecida

Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida.

O meu pai foi peão, minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
Em busca de aventuras
Descasei, joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi
Me disseram porém, que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar.

Trago junto a este texto um *Compact Disc* (cd) - com a música de Renato Teixeira, "Romaria", gravada pela cantora Elis Regina no ano de 1977, mas com indícios de ter sido composta muitos anos antes pelo autor, quando este visitou a cidade de Aparecida - muito por acreditar que a etnografia é múltipla, sendo visual e sonora, e por que não, também tátil?

Silenciei-me, ouvi cada palavra. Depois, levantei-me ao final da música, agradeci às senhoras e saí observando as coisas para além das promessas, que só depois de muito tempo percebi que tudo aquilo que eu pensava não ser promessa, fazia parte de uma circulação de trocas, envolvendo graças, comércio, milagres, pessoas, palavras e objetos. Ali estava um sistema da promessa, a circulação de dons e dádivas e trocas que ela regia.

> **Diário de Campo de Pesquisa (fragmentos)**
> **Dia 12 de outubro de 2010**
> **Aparecida do Norte – São Paulo**
> **Festa de Nossa Senhora Aparecida**
>
> Pela manhã: primeiras conversas – desânimo.
> Pela tarde – 16h: Não consigo acompanhar quase nada, estou cansada. Agora, acontece a procissão que vai da Basílica Nova a Basílica Velha, a TV Aparecida mostra os acontecimentos e eu os vejo sentada no "Salão dos romeiros".

O *show* do padre Fábio de Melo seria às 20h:30, mas eu já estava muito cansada, talvez um pouco mais animada, fui à rodovia, por volta das 18h:30 para tentar trocar minha passagem (pois tinha comprado passagem para o último horário, para lá de 20h:00). Vi que estava bem fácil, qualquer um que tivesse a passagem da empresa "Pássaro Marron" para São Paulo poderia partir caso o ônibus tivesse vaga. Fiquei então esperando em um dos bancos da rodoviária, sentada ao lado de uma moça bem jovem e magra de traços orientais, com roupa de ginástica e tênis nos pés, uma mochila grande nas costas e um cajado. Fiquei então me lembrando do cartão do Amarildo e que no ano de 2011 eu também estaria ali voltando com meu cajado. Eu a observava tanto, que ela delicadamente sorriu para mim. Pegamos o mesmo ônibus, e por cansaço e muito mais inibição não consegui trocar uma palavra com aquela moça mesmo com muita curiosidade para saber qual caminho tinha tomado, qual fora sua travessia até Aparecida, se era devota e claro: se estava pagando promessa. Mas as perguntas presas na garganta, fizeram-se em silêncio em boa hora, no meu caso pelo cansaço de achar agulha no palheiro, achar um grande pagador de promessas como do livro de Dias Gomes, e ela também muito cansada por talvez ter pagado sua promessa, esta que eu nunca ficarei sabendo, seria ela quem me daria o sim tão esperado? Creio que não. Então, as duas, em silêncio, entramos no ônibus e dormimos até São Paulo. Esta foi minha primeira ida a campo, pelo menos da pesquisa em questão, muito cansaço, muita frustração e muitas perguntas erradas. "Imagine-se o leitor" sem saber o que fazer, tentando tomar nota de tudo, mas tudo o quê? Nada mais verdadeiro do que a desolação e a frustração do neófito

antropólogo que não leu bem Claude Lévi-Strauss (*Tristes Trópicos)*, e parte em busca de aventuras e volta para casa: macambúzio e sorumbático (como diz a gente da roça e da fé). Diz Wagner (2010):

> A despeito de tudo que possam ter-lhe dito sobre o trabalho de campo, a despeito de todas as descrições de outras culturas e de experiências de outros pesquisadores que ele possa ter lido, o antropólogo que chega pela primeira vez em campo tende a sentir-se solitário e desamparado. Ele pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar a sua língua, mas permanece o fato de como pessoa ele tem de começar do zero. É como uma pessoa, então, como um participante, que começa sua invenção da cultura estudada. Ele até agora experimentou a "cultura" como uma abstração acadêmica, uma coisa tão diversa e tão multifacetada, e no entanto monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ou visualizá-la. Mas enquanto ele não puder "ver" esta cultura em torno de si, ela lhe será de pouco conforto ou utilidade. Os problemas imediatos que o pesquisador iniciante enfrenta em campo não tendem a ser acadêmicos, ou intelectuais, são práticos e tem causas evidentes. Provavelmente desorientado e aturdido, ele muitas vezes encontra dificuldades para se instalar e fazer contatos. (pág.31).

## III.II V*ai para Aparecida à pé ou caminhando?*

Ano de 2011, já era outubro, havia se passado um ano. Era hora de entrar em contato com o organizador da romaria de São José dos Campos, o Amarildo. Liguei para ele, por volta das dez horas da manhã, explicando quem eu era, que pesquisava devoção, ele muito simpático disse que eu poderia me juntar à turma da romaria. Mandei um recado pelo *site* de sua empresa com meus dados como ele havia me pedido, isso no dia 3 de outubro, por volta do meio dia:

**Contato Site**

Nome: Denise Moraes Pimenta

E-mail: detpimentinha

Assunto: Caminhada à Aparecida

Telefone:

Mensagem: Prezado Amarildo, como combinado em nossa conversa pela manhã, mando meus dados para poder participar da caminhada de São José dos Campos à cidade de Aparecida. Gostaria de saber se te entrego os 10 reais no dia ou você tem alguma conta para que eu deposite o dinheiro. Por favor, me passe também o endereço da casa de sua mãe, lugar de onde vocês saem não é? Bem, saio aqui de São Paulo e chego aí em São José no dia 9, gostaria de saber o que devo levar? Cobertor, algum tipo de "cajado" para facilitar na

> caminhada? Como sou marinheira de primeira viagem, ainda não sei bem o que precisa levar. Muito obrigada por aceitar minha presença junto ao grupo, pois como já te falei estudo Aparecida e muito me ajudará a experiência com vocês! Meus dados abaixo: NOME: Denise Moraes Pimenta (estudante mestrado em Antropologia - USP) Cidade: São Paulo Endereço... Camisa: M Muito obrigada, aguardo retorno com o endereço, atenciosamente, Denise Pimenta São Paulo, dia 3/10/2011

O dinheiro, dez reais, era uma quantia simbólica para adquirir a camiseta da romaria, que ajuda na identificação, na proteção dos próprios devotos e também para a compra de remédios, me avisou Amarildo. Pensei que estes remédios fossem para dor de cabeça, gazes para machucados acidentais, só depois fui entender quais eram estes remédios e como eles eram importantes para a caminhada. No dia 4 de outubro, às 22:31h, Amarildo responde meu email passando as informações que eu havia demandado:

> Denise boa noite!!!
> Segue endereço:
> Rua ... v. Terezinha (próximo a tecelagem Parayba).
> Com relação ao cajado é legal levar alguma coisa, pois serve de apoio e ajuda bastante.
> Temos vários bambus do tamanho de cajados que um voluntário faz pra gente todos os anos.
> Quanto ao valor de R 10,00 pode ficar tranquila que você me entrega no dia sem problemas.
> É bom levar um cobertor pequeno, pois auxilia bem na madrugada, é bom levar também toalha de banho pois em certa parada dá até para tomar banho.
> Levar frutas, chocolates, água, *gatorade* e alguma coisa leve, pois paramos também em lanchonetes de postos de gasolina e dá para comprar alguma coisa.
> Qualquer dúvida, vamos nos falando.
> Um Abraço.
> Amarildo.
>
> Enviado pelo aparelho BlackBerry® da Vivo.

Sabia que a caminhada duraria dois dias, então, no dia 9 de outubro saí para a rodoviária do Tietê por volta das 18:00h, estava bem ansiosa, me sentindo estrangeira e forasteira como sempre, tinha tentado reservado um quarto em um hotel chamado “Luma”que ficava relativamente perto da casa da mãe de Amarildo. Sempre quando ligava o atendente dizia que podia ir o dia e a hora que eu quisesse,

pois sempre tinha vaga. Achei estranho, mas pelo *site*, o hotel parecia simples, mas simpático. Já na rodoviária, liguei mais uma vez para Amarildo para confirmar a hora que a romaria iria sair, estava indo dia 9 de outubro, pois achava que a romaria sairia cedo no dia 10. Mais um engano meu, a romaria sairia dia 10 de outubro pela noite, o encontro na casa de dona Lourdes era às dez da noite, ou seja, 22h:00. Mas já que estava na rodoviária, pensei que era melhor ir de uma vez.

> **Diário de Campo de Pesquisa**
> **Dia 9 de outubro de 2011**
> **São Paulo**
>
> Dia nublado e chuvoso em São Paulo, estou arrumando as coisas para ir para São José dos Campos. Encontro-me insegura como sempre. A sensação de que não sirvo para a etnografia é imensa e intensa. Sempre sofro muito quando vou ao encontro do novo e do estranho, do outro. Preciso saber que horas a romaria sai, preciso ligar para Amarildo e me sinto intensamente travada para uma atividade tão simples quanto esta. O novo me causa pavor, assombro. Mudanças são sempre difíceis, deslocamentos representam sempre uma grande aflição. O próprio sentimento limiar. Lembrei-me da chegada quando fui de ônibus em 2010 e o quanto me impressionou os romeiros às margens da estrada, com cobertores nas costas, carregando até a bandeira do Brasil nas costas e os cajados.
> A viagem começa não na arrumação da véspera, mas na ansiedade e inseguranças dos dias que precedem a véspera. Chove muito em São Paulo e eu preciso ir

Cheguei a São José dos Campos, por volta das 19h:30, já estava bem escuro e fazia frio. Fiquei meio impressionada, a cidade é enorme, atravessada pela rodovia Presidente Dutra, tive uma má impressão da cidade, achei pouco iluminada. A viagem tinha sido horrível, o motorista havia corrido muito e o ar-condicionado muito forte (frio). Saí do ônibus, peguei um táxi e indiquei o lugar onde iria ficar. O taxista, Rogério, já foi me explicando que ali era o centro velho de São José e que se eu fosse sair era para tomar cuidado. Perguntei se o hotel era tranquilo para passar a noite, ele me disse que era: "- Mas você sabe, é um entra e sai de gente a noite toda". Quando chegamos ao hotel o taxista fez questão de me levar até a recepção: "- Você sabe né, vê que é de fora assim...". Entramos num lugar que certamente não era o lugar que vi pelo *site*. Na recepção havia apenas um vidro fumê, por trás um rapaz de porte grande e carrancudo, me deu a chave do quarto. Antes de subir, o taxista me deu seu telefone caso houvesse qualquer problema. Aí sim, comecei a ter medo, com tantos aconselhamentos. Subi, entrei no quarto errado, o quarto de frente para o meu estava aberto e eu me confundi, só notei alguns cobertores na cama. Quando eu entrei no meu quarto, entendi as recomendações do taxista. O quarto tinha uma cama enorme, espelhos por todos os lados, luz *néon*. Estava num hotel-motel, um lugar meio de passagem, realmente não consegui dormi pelo entra e sai constante e as portas batendo. Não dormi. Logo pelas 6h:00 desci, queria fechar minha conta, o dono do hotel-motel tinha glaucoma

avançado, eu mesma fiz minha nota fiscal. Ainda era muito cedo, fiquei sentada na rodoviária até que pudesse fazer *check-in* em outro hotel, pois precisava dormir, andaria dois dias e precisava descansar. Só consegui um hotel por volta de 8h:30 estava exausta. Dormi pela tarde, já pela noite fui ao supermercado comprar um rodo (para servir de cajado, o que não precisou como já foi aqui falado), água, frutas e biscoitos de polvilho.

Peguei um táxi e me direcionei até a Vila Maria, fui a primeira a chegar, logo foram chegando os participantes. Amarildo chegou com as camisetas e o transporte para levar os romeiros até o ponto de onde sairíamos da Dutra. Estava tudo vazio, de repente, a rua estava lotada de romeiros já com a blusa da caminhada – eu também já havia vestido a minha (quando vi notei que na manga havia o logo de uma campanha contra o aborto, eu que sou a favor da legalização do aborto apenas dobrei a manga e não fiz daquilo um tema de discussão ou conflito, afinal não estava lá por esta questão) – familiares dos caminhantes, curiosos, vizinhos. O sobrinho de Amarildo exibia na própria parede da casa de dona Lourdes, fotos da caminhada de 2010. Revejo Wellington, ele disse que ninguém estava acreditando que eu ia entrar em contato depois de um ano e quando ele ficou sabendo por Amarildo, resolveu que naquele ano também caminharia. Antes de partir, Amarildo fez uma oração, pedindo para que todos fossem não para aparecer, achei engraçado, mas depois descobri que ir à pé para Aparecida não era ali um evento só de fé, podia ser para alguns também de folia. Fé e folia podiam andar juntas. Falou que no ano de 2010 caminhou pela cura do câncer de seu pai, seu Juarez, que não estava na rua como todo mundo, ouvia tudo de dentro da casa, pelo portão e parecia bastante emocionado. Então Amarildo disse que dessa vez iria pela prima que estava doente e pediu para que cada um lembrasse o real motivo da sua própria caminhada e mentalizasse os pedidos feitos por parentes e amigos, estes que pediam para que nós que iríamos caminhar até Aparecida levássemos pedidos e agradecimentos a Nossa Senhora (ou seja quinquilharias-palavras de desejos e pedidos).

Comecei a sentir que a viagem seria realmente difícil, tirei da minha mochila, um livro, papel higiênico, uma blusa de frio que estava levando além da conta.

**Diário de Nossa Senhora**
**Escritora: romeira Flávia Brito**
**11/10/2011**

Hoje finalmente inicia-se o dia da minha tão sonhada caminhada. Nesta caminhada meu coração encontra-se muito aflito, pois não sei se a minha coluna irá suportar o peso da mochila, se conseguirei seguir andando, se terei a fé necessária para caminhar sem cessar, mas o meu acordo com o Senhor é que irei até onde Ele quiser que eu chegue. Minha mochila está pronta, um pouco pesada, mas sinto uma paz interior, uma coragem, tantas noites mal dormidas, tanta ansiedade e sinto que está passando tudo. Finalmente chegou o horário vamos para a estrada.

Depois da reza e das reflexões. Dona Lourdes me disse: "- Ah, se eu tivesse uns 50 anos eu iria...", a madrinha de Amarildo complementou, "- Eu bem que queria ir, mas como vou com esta perna..." (parecia que havia passado por uma cirurgia ou estava com varizes, não me lembro ao certo). Lembro-me que depois das orações foi uma folia, entramos eu e Ana Clara, uma adolescente de 17 anos, neófita como eu na caminhada, Jeferson, outro jovem que trabalha com Amarildo e que sempre ia no Apoio e sentia uma grande emoção, pois me falou que antes ia só de diversão, mas que agora era diferente, ele tinha se convertido. E o simpático Wellington, que é braço direito de Amarildo no trabalho e grande amigo. Entramos numa *Kombi* já muito velha da empresa de Amarildo "Fim de Tarde", guiada por Wellington. Os outros, que eram muitos, ou foram no pequeno caminhão da empresa ou em carros de familiares até o ponto de encontro na Dutra. Na *Kombi*, onde eu estava, Wellington e Jeferson cantavam músicas da Renovação Carismática, foi aí então que percebi que o grupo era carismático. Quando chegamos ao ponto de referência combinado, mais uma vez rezamos, antes observei uma senhora (para lá dos 50 anos) se aquecendo, como se fosse fazer ginástica, com roupa de ginástica, lembro-me que achei aquilo um exagero, e eu era a única de calça *jeans*. Confesso, pensei ironicamente: "Parece que estamos indo escalar o *Everest*". Depois de algumas horas a ironia se voltaria contra mim, e logo então entenderia o porquê de aquecer os músculos e usar roupas de algodão para deixar o corpo transpirar.

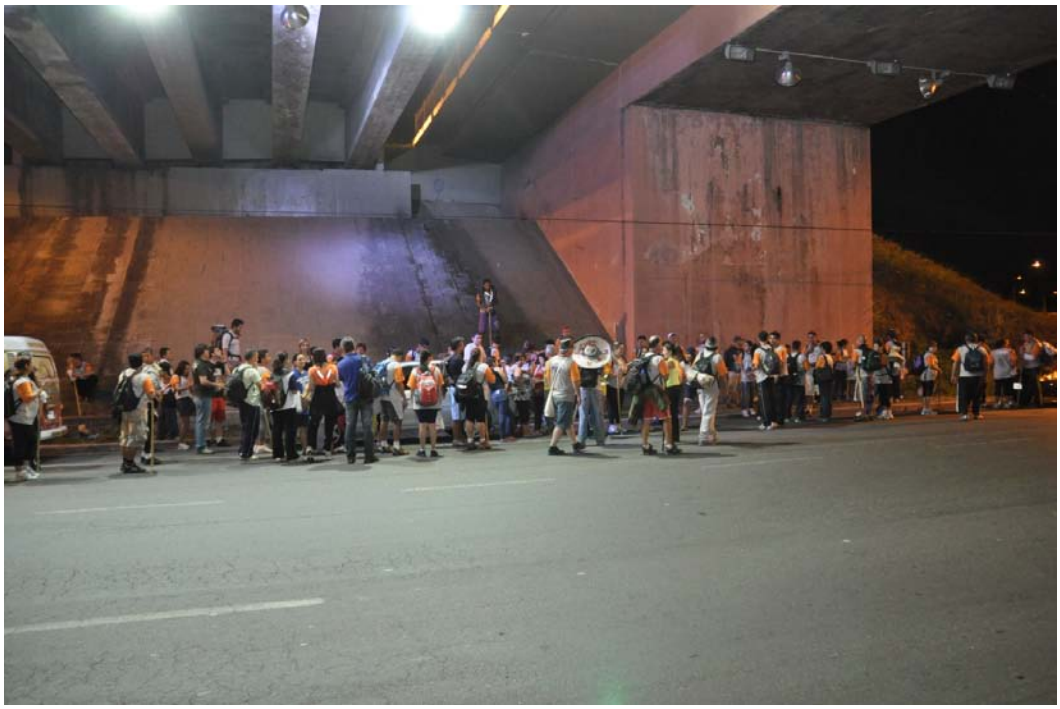
**Diário de Nossa Senhora**
**Escritora: romeira Flávia Brito**
**11/10/2011**

Chegamos no viaduto combinado, estávamos eu e o Marcelo ( meu esposo), senti muito pela Laura não ter ido na caminhada comigo, mas firme na fé. Sentei-me na grama ao lado de 2 moças e conversamos um pouco, o pessoal foi chegando, chegando, fizemos uma oração e saímos. A orientação é que andássemos de frente ao trânsito e foi desta forma que seguimos, pediram que caminhássemos quando possível na grama, pois iria descansar um pouco os pés e seguimos o que nos foi pedido. Quando iniciei a caminhada fiz minha oração de entrega e senti-me muito forte naquele momento e não sentia-me jamais desamparada.

Já estávamos indo começar a caminhada, a emoção ali era forte para todos. Foi quando Amarildo apontou que poderíamos atravessar a rodovia para começar a caminhada no fluxo contrário dos carros e dos ônibus e caminhões. Mas atravessar a Druta quase meia-noite não é atravessar a Paulista de madrugada, não há sinais de trânsito, todos têm que se ajudar, o trânsito é veloz e frequente,

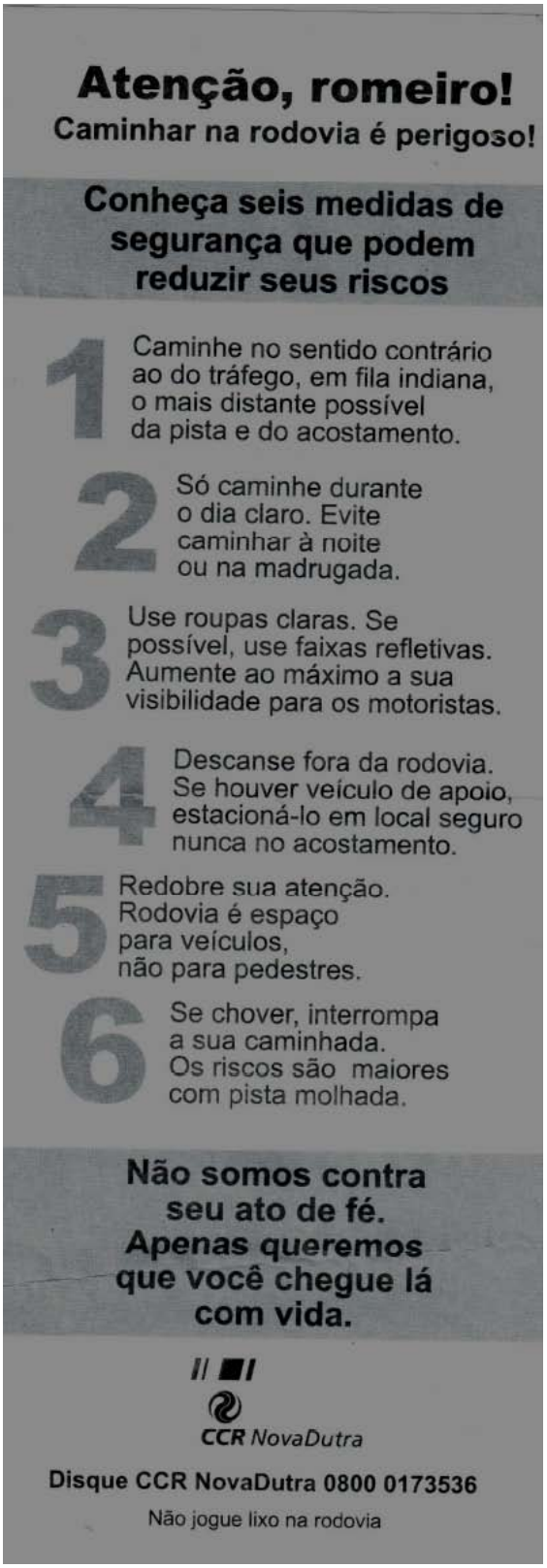
além do outro lado ter um tipo de cerca. Mas antes de partimos para a longa caminhada, ainda rezamos no ponto combinado da Dutra.

Grupo da romaria, Rodovia Presidente Dutra (marco em São José dos Campos)
10 de outubro de 2011



Atenção e posicionamento para atravessar a Dutra, 10 de Outubro de 2011
Foto de Beto Freitas

Amarildo pediu atenção na estrada, ao mesmo tempo, um rapaz distribuía panfletos da CCR-Nova Dutra, pelo que li, estávamos fazendo mais ou menos tudo que eles pediam para não ser feito, como caminhar de madrugada, usar roupas escuras e caminhar no acostamento.



**Atenção, romeiro!**

**Caminhar na rodovia é perigoso!**

**Conheça seis medidas de segurança que podem reduzir seus riscos**

1 Caminhe no sentido contrário ao do tráfego, em fila indiana, o mais distante possível da pista e do acostamento.

2 Só caminhe durante o dia claro. Evite caminhar à noite ou na madrugada.

3 Use roupas claras. Se possível, use faixas refletivas. Aumente ao máximo a sua visibilidade para os motoristas.

4 Descanse fora da rodovia. Se houver veículo de apoio, estacioná-lo em local seguro nunca no acostamento.

5 Redobre sua atenção. Rodovia é espaço para veículos, não para pedestres.

6 Se chover, interrompa a sua caminhada. Os riscos são maiores com pista molhada.

**Não somos contra seu ato de fé. Apenas queremos que você chegue lá com vida.**

CCR NovaDutra

**Disque CCR NovaDutra 0800 0173536**

Não jogue lixo na rodovia

Andar dois dias pela Rodovia Presidente Dutra em romaria ensina várias coisas, como disse Victor Turner em eu texto "Peregrinações como processos sociais" do livro "Dramas, Campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana" (2008), um comportamento peregrinatório, como por exemplo, um sentimento de solidariedade entre desconhecidos, ajudas mútuas, afinal a peregrinação ao lugar santo é um momento de suspensão, um momento de *communitas*. Dessa maneira, este texto sobre a caminhada até o Santuário de Aparecida só é possível de estar sendo traçado pelas múltiplas lembranças e rastros de esquecimento de vários romeiros com os quais tive mais contato. Pois a empreitada é cansativa, dolorosa e estafante, consegui registrar apenas algumas palavras em meu caderno de campo em uma das paradas e dormi sentada na cadeira de plástico enrolada em um cobertor xadrez e com a caneta *bic* na mão. Assim, as minhas lembranças da memória e meus rastros de esquecimento se juntam aqui às lembranças e rastros de alguns dos devotos, aqueles com os quais voltei a ter contato quando retornei a São José dos Campos no final março de 2012. Começo então o fio da memória que se completará pelo Diário da romeira Flávia feito durante a caminhada, pelas palavras de Amarildo, organizador da caminhada, Juliana e Lucas, respectivamente esposa e filho de Amarildo, por Clara, irmã de Amarildo, por Wellington, amigo e funcionário de Amarildo e por Dirceu, amigo e guardião da romaria, este que acompanhou Amarildo desde a primeira caminhada em 2000. Pois, esta caminhada da qual falo neste texto completou 8 anos em 2011, mas Amarildo e Dirceu já fazem o trajeto há 11 anos. Dessa forma, esta escritura conta com a solidariedade latente da caminhada, impossível escrevê-la sem multiplicar as vozes e entrecruzá-las.

**Diário de Campo de Pesquisa**
**Caminhada à pé de São José dos Campos a Aparecida**
**Dia 11/10/2011**

Não são nem 7h:30, estamos num posto (talvez na cidade de Caçapava), chove torrencialmente.

Este foi, além de algumas fotografias, os meus únicos registros da caminhada. Portanto, apresento os outros personagens e suas falas desta empreitada. Em um primeiro momento, fiquei com o grupo dos mais jovens. Depois, por não conseguir acompanhar o fôlego dos mesmos, fui aos poucos ficando para trás, mais perto de Amarildo e Dirceu. Citarei alguns personagens, mas esta caminhada contava com mais de 80 pessoas, impossível a aproximação com todos, mesmo pelo ritmo de cada grupo. Começa-se a caminhada com todos juntos, mas depois os romeiros que possuem o mesmo ritmo se mantêm juntos, nunca ou quase nunca alguém fica sozinho. A romeira Flávia Brito, quem nem

cheguei a conhecer pessoalmente, diante da quantidade de gente, cedeu seu "Diário de Nossa Senhora" generosamente para compor esta tessitura. Muitas vezes as datas entre as falas podem parecer desconexas. A caminhada de São José dos Campos à cidade de Aparecida começa no dia 10 pela noite, por volta de 22h:00, quando os devotos se encontram em frente ao portão da casa de dona Lourdes, saímos do viaduto para seguir caminhada mais de 23h:00, assim quase meia-noite, quase dia 11 de outubro de 2011. Assim, meu diário fala a partir do dia 10 de outubro, já o da romeira Flávia fala a partir da data do dia 11 de outubro.

### III.II.I Meus primeiros companheiros de caminhada: a galera da frente

Da esquerda para direita: Jeferson, Wellington, João
Caminhada para Aparecida, dia 10 de outubro de 2011

Saímos o grupo da frente: eu (na época. 27 anos), Wellington (30 anos), Jeferson (17 anos), João (15 anos), Cidão (menos de 20 anos), Ana Clara (17 anos) e Lucas (13 anos). Quando atravessamos a Dutra, andando sobre o cascalho, Wellington e Jeferson nos alertando sempre para

olhar para onde estávamos pisando, pois podia haver algum buraco por ali. Mas não foi o chão de cascalho que me chamou atenção, pois logo saímos dali e seguimos para o acostamento, o que me impressionou foi como o acostamento era estreito e como os carros, ônibus e gigantes caminhões passavam tão perto da gente e tão velozmente. Lembro-me de ter olhado para cima, só havia a lua cheia a nos iluminar, mais nada. Ana Clara, bela e assustada, olhou para mim e comentou: "- Que medo né!?!". Eu concordava, mas sorri e respondi que estávamos juntos e não teria problema algum. Mas eu também estava com medo, principalmente com o vento dos caminhões que nos jogavam para trás, eu segurava no cajado com tanta força, com medo de cair e rolar pela Dutra.

Seguimos, Wellington queria agilizar, "puxar a turma", apressar o passo, pois segundo ele, com um passo muito devagar demoraríamos muito a chegar. Ele, Jeferson e Cidão cantavam muitas músicas da Renovação Carismática, alegres, cantavam em alto volume e estavam felizes, Wellington fingia que seu cajado era uma guitarra. Estava calada e pensei: "Não sei se vou aguentar isto até o fim...", para mim mais pareciam evangélicos fanáticos a gritarem no meu ouvido. Como se tivesse lido meus pensamentos Wellington me perguntou por que eu estava tão calada, sorriu e falou brincando: "- Aqui é assim Denise, a pessoa entra e ou sai amigo e adorando a gente ou sai nunca mais querendo ver nossa cara". Eu ri e parece que aquele comentário selou ali uma união para uma longa caminhada. Relacionei aquilo que via com o que havia lido em Thomas Csordas (2008) quando analisa a "cura católica pentecostal" que se utiliza da "Retórica da predisposição" e a "Retórica da Transformação".

> Quando criança, na década de 1950 , eu ficava mesmerizando na frente da televisão, vendo a primeira geração de curandeiros da TV, como Oral Roberts e Kathryn Kuhlmann, levar ao ar suas preces. Algo da musicalidade e da cadência de linguagem deles, algo da sua invocação do poder divino e da compaixão, algo da exultação e da dor de seus auditórios ardentes, algo da diferença entre aquilo tudo e as coisas que eu conhecera em meu próprio ambiente católico romano enchia-me de encantamento. (...) Com alguma ironia, quando em 1973 eu estava pronto para iniciar, em primeira mão, o meu próprio estudo desses fenômenos, a cura pela fé, tal como eu assistia quando criança, começava a ser praticada em um movimento chamado Renovação Carismática. (...) O que havia então de explicitamente religioso na cura? Assumi essas questões de que a cura religiosa poderia ser vista como um tipo de performance cultural altamente persuasiva... Felizmente, havia um nexo entre o símbolo e experiência na noção de que há uma retórica na *performance* através da qual os símbolos moldam o significado para os participantes. A retórica nesse sentido é o poder de persuasão imanente na ação simbólica e na *performance* ritual. (...) Os carismáticos participam, no final do século XX, da mudança de ênfase entre os cristãos no sofrimento e na automortificação como imitação de Cristo para a ênfase na possibilidade e benefício da cura divina como praticada por Jesus nos evangelhos (Favazza, 1982). Os processos de crescimento espiritual estão ligados porque a doença é normalmente vista como obstáculo ao crescimento espiritual. A cura é, portanto, considerada necessária para

> todas as pessoas no processo de crescimento espiritual, que, por sua vez, conduz à boa saúde. O sistema de cura é holístico no sentido em que busca integrar, em princípio, todos os aspectos da pessoa, concebida como um compósito tripartite de corpo, mente e espírito. (...) Além disso, os carismáticos referem-se frequentemente à Cura dos Relacionamentos, a qual, ainda que não associada com uma técnica sua em particular, implica o reconhecimento de que as tensões no ambiente interpessoal podem contribuir para a etiologia dos males descritos de outra forma como físicos, espirituais, emocionais ou demoníacos. (...) Finalmente, a oração cura para si próprio ou para os outros pode ser praticada na solidão da devoção privada. (CSORDAS, 2008, págs. 15, 17,33, 35 e 37)[6].

Sempre muito preocupados Jeferson e Wellington cantavam e brincavam, mas ficavam de olho em tudo, nos carros e nos caminhões, tentando cuidar de todas as pessoas que tinham permanecido naquele grupo. Além disso, Amarildo se comunicava o tempo todo com uma das pessoas de cada pequeno grupo que seguia, sempre perguntando se estava tudo bem, se alguém estava passando mal ou querendo desistir.

O nosso grupo tentava andar rápido, e Wellington e Jeferson tentavam nos animar e faziam piadas. Jeferson brincou: "- É... começa assim mesmo, todo mundo disposto, brincando, mas eu quero ver o povo depois das 4 horas". Perguntei o que eram aquelas 4 horas, disse-me ele: "- É quando o povo perde o humor, fica cansado e mal-humorado". Todos nós rimos. Em quatro horas de caminhada, parecia que suas palavras tinham sido uma profecia, estavam todos com a cara e humor que o rapaz havia narrado no início da caminhada. Afinal, no início, como diz Rubem César Fernandes (1994): "Nossos passos eram rápidos e leves, inocentes ainda do que estava por vir" (pág. 27). E os romeiros, pessoas que, o próprio autor ressalta, fazem grande esforço físico, mas em nada se assemelham a atletas.

Depois de algum tempo, obviamente que eles também queriam saber de mim, falei que morava em São Paulo, estudava na Universidade de São Paulo, fazia mestrado em Antropologia, pesquisava religião, mais especificamente devotos de Aparecida e por isso tinha pedido para acompanhá-los. Os mais jovens como mesmo disseram "ficaram de cara" de eu estar fazendo isso tudo "só por causa de uma pesquisa". Foi neste instante que Wellington que já me conhecia, e que em 2010 havia me entregado o cartão de Amarildo, e sabia que eu estava ali fazendo uma pesquisa, quis saber além, indagou sobre minha devoção e minha fé. Senti-me muito tranquila para responder, pois assim como eu queria saber deles e das suas relações com a Santa Aparecida, também eles queriam saber de mim e das minhas relações com a religião. Como demonstra Wagner (2010), eles, os romeiros, devotos também

[6] A "Renovação Carismática" como vertente mais jovem e desejosa de reformas e renovações dentro da tão rígida Igreja Católica toma fôlego também no Brasil na década 1970.

faziam um esforço para entender minha figura e me "inventar". Wellington foi mais perspicaz e mais longe, quis tocar no ponto em que eu os tocava, cutucava, perguntava. Quis saber se eu era católica? Disse a ele que minha família tanto por parte de mãe como de pai eram católicos, contei que minha mãe era devota de Santa Rita de Cássia e minha avó materna de Nossa Senhora Aparecida. Mas esta resposta não bastou, prosseguiu:

> Wellington: - E você é devota de Nossa Senhora Aparecida?
> Eu: - Não! Na verdade eu estudo Nossa Senhora Aparecida.
> Wellington: - Mas não é devota?
> Eu: - Não, só gosto de estudá-la e estudar quem Nela acredita.
> Wellington: - Mas você tem fé?

Parei, pensei, que pergunta era aquela, eu não sabia responder. Em outro contexto responderia tranquilamente que não. Mas ali, caminhando e já um pouco cansada, aquela pergunta me pareceu um quebra-cabeças. Não estava preocupada ou envergonhada em dizer que não tinha fé, mas por algum motivo, algum cansaço físico, vacilei. Então respondi:

> Eu: - Não tenho muita fé não...
> Wellington: - Mas a prática traz a fé.

Wellington dizia que era preciso caminhar e caminhar, sem desistir, insistir, aí sim a fé chegaria. Segundo ele a fé vinha na própria caminhada.

> Wellington: - Caminha um tanto, depois mais um tanto... tem que ser assim...

Aquela frase ficou ecoando na minha cabeça: "A prática traz a fé". Vi ali mesmo, caminhando uma relação íntima entre a fé, a promessa e o sacrifício corporal, físico. A ação, o ato de caminhar, leva o devoto até a fé. Nunca havia refletido por este ângulo. Pelo contrário, pensava que a fé levava à ação, mas jamais que a prática levava à fé. O caminhar, caminhar, sem parar, sem desistir, a repetição traria a fé. O sacrifício traria a fé, associei aquela fala diretamente à promessa de se fazer uma caminhada desgastante e sacrificante como aquela.

Então, coloquei a maior força no cajado, e olhei para Wellington:

Eu: - Então tá, vou aprender com vocês como é esta tal de fé.

Wellington: - Isso mesmo, então vamos continuar caminhando...

Dessa forma, Wellington me mostrava que o sacrifício físico, corporal, tinha a ver com a construção de um corpo de fé. Que de forma alguma era uma construção unicamente individual, mas também coletiva. O sacrifício de se andar até Aparecida, a longa travessia, fazia parte da composição material da fé. Ou seja, a materialização da fé através dos corpos. Se como aponta Rubem César Fernandes (1994), a etimologia da palavra sacrifício é *sacre facere*: fazer o sagrado. Então estavam os romeiros (aliás, estávamos nós) naquele momento fazendo o sagrado. Dessa forma, na caminhada não só se andava como fé como se estava fazendo e tecendo a própria fé. Um corpo que faz e vai em busca do sagrado. Também de acordo com Fernandes (1994) o sagrado buscado, que sempre parece estar chegando, sempre parece estar por perto, mas não é um lugar que de fato se chegue. Assim, partindo das reflexões de Fernandes e também de Turner (2008), penso então que no que tange o sacrifício da caminhada, este é um ato que está sempre no gerúndio, um processo. Ou seja, estar fazendo o sagrado, caminhando, um contínuo, que não necessariamente se chega a um fim, pois o que realmente importa na romaria não é propriamente o fim único de chegar a Basílica, chegar ao lugar santo. O processo, o estar fazendo o sagrado é o central, a travessia é santa. O gerúndio é o tempo da romaria, o tempo do sacrifício, do *sacre facere*: fazer o sagrado. Mesmo não sendo devota, me incluo nesta feitura do sagrado, pois o fato de estar com o grupo me tornava um membro deste ato que também é coletivo como já havia falado.

Portanto, ali, todos nós sacrificarmos nossos corpos, um sacrifício físico para fazer o sagrado. Assim, o ato de fazer o sagrado é um ato da devoção material, que envolve os corpos na medida em que o *sacre facere* se expressa através dos corpos dos caminhantes (além de se expressar também pelas palavras e pelos objetos que são oferecidos a Nossa Senhora Aparecida, o que também se encontra no registro da materialidade da devoção do catolicismo popular). E o ato de fazer o sagrado, o sacrifício que envolve o físico, transforma o corpo, abala os sentidos e a percepção do mesmo, o que será visto mais adiante. Dessa maneira, acompanhando a romaria de São José dos Campos à cidade de Aparecida, o importante é a travessia, a intenção e o esforço para se chegar, não exatamente o ato de chegar. Obviamente que a partida e a chegada ao lugar santo são dramáticos, mas nada mais transformador do que a travessia. É no meio, no entre, no *ínterim* que se constrói o estado de *communitas* e o *sacre facere*. Como já afirmou Turner, a peregrinação como processo.

E começa a caminhada de São José dos Campos a Aparecida
Quase meia-noite do dia 10 para o dia 11 de outubro de 2011

Existia um bordão da caminhada, sempre quando um grupo passava pelo outro falava: "- 'Fulano', você vai para Aparecida à pé ou caminhando?", e alguém do outro grupo respondia "- Ah, eu vou caminhando, e você?"; retornava a fala a algum membro do primeiro grupo: "- Eu vou à pé...".

Esta turma da frente, "puxava" e animava, cantava. Mas de repente, houve uma tempestade, com aproximadamente 1h de caminhada, no meio da estrada, não havia onde nos escondermos, só havia aquelas multinacionais fechadas e com as luzes apagadas, eu tentando proteger minha câmera com a capa de chuva de plástico que Amarildo havia nos dado (no início da caminhada, ainda em São

José dos campos, Amarildo distribuiu capas de chuva e pequenas lanternas para todos). Jeferson para nos animar falava: "- Já está chegando o Costelão". Isso por mais de uma hora, tentando nos manter focados na caminhada, na cabeça de todos havia um posto chamado "Costelão" muito próximo, mas nunca chegava. A lua havia se escondido, a chuva era torrencial, já estávamos todos encharcados e sem horizonte de parada.

**Dia 28 de março de 2012**
**Conversa com Wellington na casa de Amarildo em São José dos Campos**
**Rememorando a caminhada de 2011**

Eu: - Você me acompanhou, naquela animação...

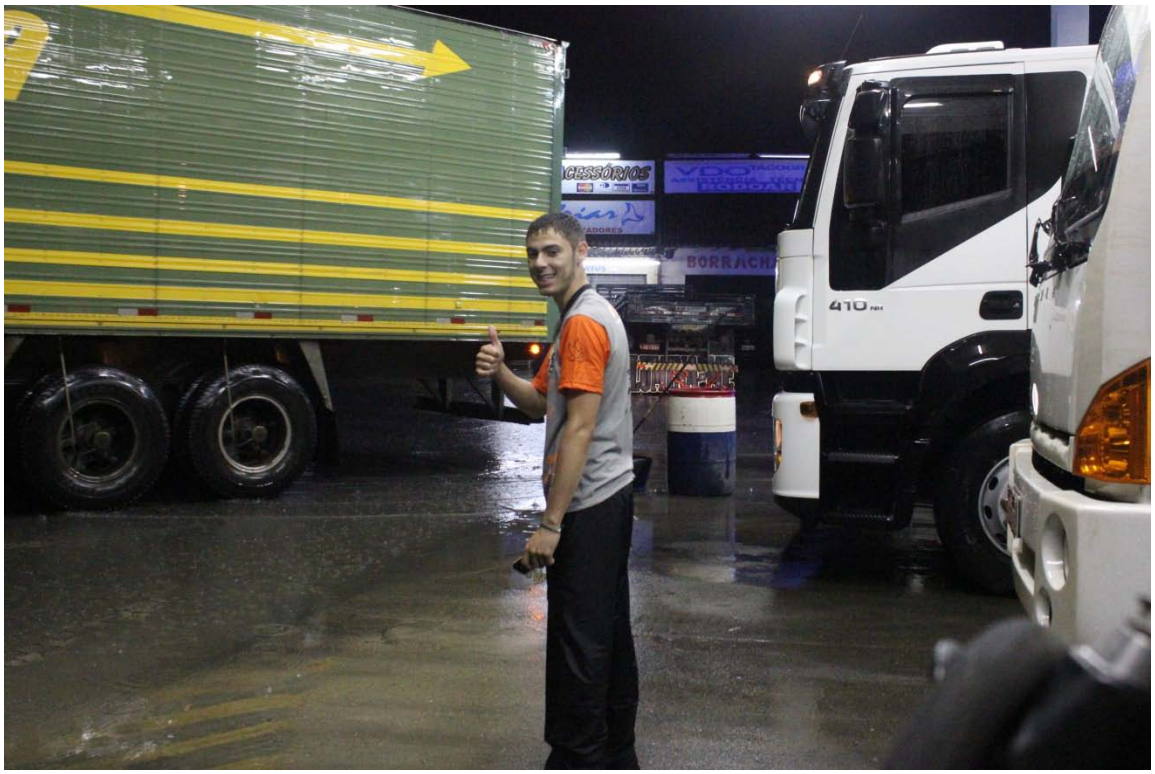
Wellington: - Tomamos chuva né...

Eu: - Nossa, aquele momento da chuva foi o mais crítico... eu achei. Naquele momento eu falei assim... eu não pensei em desistir por nada, mas naquele momento eu pensei: "o que eu estou fazendo aqui?".

Chegamos a um posto de gasolina, sem infraestrutura nenhuma, não havia luz no banheiro. Todos torcendo as blusas molhadas, as meias encharcadas. No momento em que me dirigi para o banheiro para trocar a roupa, Jeferson me alertou que eu não poderia trocar de roupa, tinha que continuar caminhando com aquela molhada e que ela logo ia secar no corpo com o vento, explicou-me que como nos levávamos a roupa do corpo e mais uma muda dentro da mochila era perigoso trocar a roupa, me perguntou: "- E se chove de novo?". Entendi então que teria que ficar mais algumas muitas horas com aquela roupa, até que clareasse e a chuva não mais ameaçasse cair sobre nossas cabeças. Saímos do posto e continuamos a caminhar, agora com uma garoa. Depois da chuva, Lucas, o filho de Amarildo, bem cansado e desestimulado, pediu para ligar para o pai, pois queria que alguém viesse buscá-lo, ele queria ir embora, João também esboçava a mesma vontade. Wellington ligou para Amarildo, mas o grupo deste estava muito atrás. Então entramos numa bifurcação para a cidade de Caçapava, paramos na rodoviária completamente vazia, exceto por alguns adolescentes. Alguém até brincou: "- Cidade do interior é assim mesmo, não tem nada para fazer, o que tem é a rodoviária". Isto já era madrugada, estávamos todos ensopados. Neste momento, juntou-se a nós também Diego (menos de 25 anos), sua esposa Camila, estava em outro grupo. Ficamos ali um bom tempo, conversando, tremendo e rindo, numa rodoviária erma, cansados e molhados. Peguei umas barras de cereais que tinha levado e comecei a repartir. Pois como apontou Turner durante o momento da peregrinação tanto a solidariedade, a hospitalidade e a comunhão caminham juntas. Ou seja, ali estávamos literalmente em comunhão: comendo juntos e dividindo entre muitos as pequenas barras de cereais que todos passavam

de mão em mão, para que aquele que desejasse tirasse seu punhado, sempre pequeno, pois ainda havia o outro companheiro.

Como Amarildo e seu grupo estavam demorando muito a chegar à rodoviária de Caçapava, convencemos Lucas a continuar e nos encontraríamos com os outros na estrada. Foi que aconteceu. Continuamos a caminhar na Dutra  madrugada a fora. Agora sem luar, só a luz dos caminhões.




Jeferson no Posto de Gasolina, completamente molhado
Na estrada, perto da cidade de Caçapava, madrugada do dia 11 de outubro

Pelos relatos de Flávia, que estava em outro grupo, a chuva não havia sido fácil para nenhuma das turmas da romaria.

**Diário de Nossa Senhora**
**Escritora: romeira Flávia Brito**
**11/10/2011**

Quando saímos olhei para trás e percebi que éramos em muitos e que não saberia como seria possível chegarmos, mas no meu coração Deus dizia que seria possível. Caminhando fui conversando com uma moça e um rapaz que chamávamos de cunhados, fomos dizendo nossos motivos de estarmos ali e fomos caminhando até que de repente começou a chover. Abri a mochila naquela chuva, vesti a capa, e não conseguia enxergar nada, pedia ao Espírito Santo que guiasse meus passos. Logo nos refugiamos em um posto de gasolina, fomos nos agrupando e logo, logo a chuva passou, pensei: este foi o primeiro desafio. Meu tênis ficou completamente

ensopado e percebi que logo, logo meu pé estaria lotado de bolhas. Chegamos a Caçapava, muito frio, muito escuro, por vários momentos tive medo no início desta caminhada devido à chuva, ao frio, é como se estivesse me sentindo em um deserto sem ter para onde ir e às vezes me perguntava o que estava fazendo ali, o que me levava a todo este esforço. Sinto que o inimigo estava me testando, me atingindo. (...) Estávamos ensopados, pois começou a chover muito novamente, estávamos com frio, fome, toda incomodada com o tênis, pois o meu pé já estava cheio de bolhas...

## III.III Perigo e Pureza: a estrada e o corpo como limiar e aprendizado

Romeiros na Rodovia Presidente Dutra, de São José dos Campos à cidade de Aparecida – SP
Outubro de 2011 / Foto de Beto Freitas

As curvas da estrada, as curvas dos corpos, estes jovens ou velhos. Quando se anda o que se tem é o seu grupo, sua mochila, o cajado, e a estrada à frente, perigosa e sempre interminável. Caminhávamos pela Rodovia Presidente Dutra, em um espaço tão pequeno, correndo para atravessar pontes tão perigosas, prensados entre o beiral de concreto e os caminhões. Tive plena certeza de que na maioria das vezes não fomos esmagados pela atenção e cuidado dos caminhoneiros das cargas pesadas que seguiam para todo canto do país. As fronteiras, as passagens materiais com diz Van Gennep

(1977), para nós era toda aquela estrada, mas principalmente a frágil e visível fronteira, pintada com tinta branca no chão do asfalto cinza, linha que nos separava dos veículos. A linha branca quase invisível à noite, que separava a estrada do acostamento, estávamos em uma topografia marginal, um lugar perigoso e incerto.

> Em meu livro *From Ritual to Theatre* (1982:17-18), ensaiei uma etimologia da palavra inglesa "experiência", derivando-a da base indo-européia *per-*, "tentar, aventurar-se, arriscar"- podemos ver como seu duplo, "drama", do grego *dran*, "fazer" espelha culturalmente o "perigo" etimologicamente implicado na palavra "experiência". O cognato germânico de *per* relaciona experiência com "passagem", "medo" e "transporte", porque *p* torna-se *f* na Lei de Grimm. O grego *peraō* relaciona experiência a "passar através". Em grego e latim, experiência associa-se a perigo, pirata e ex-per-imento. (TURNER, 2005, pág. 178).

Na estrada em direção a Aparecida
11 de outubro de 2011 /Fotos de Beto Freitas

> Lévy-Bruhl não generalizou que o perigo está na posição marginal, mas Van Gennep teve mais perspicácia sociológica. Viu a sociedade como uma casa com salas e corredores em que passagem de um para outro é perigosa. O perigo está nos estados de transição porque a transição não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível. A pessoa que tem que passar de um a outro, está ela própria em perigo e emana a outros. (DOUGLAS, 1976, pág. 119).

Nossos corpos frágeis seguiam em frente, protegidos por aquela imaginária linha, ou não, na medida em que também eles estavam ali em estado marginal de perigo e também pureza. Olhando as luzes dos caminhões de frente, mesmo como perigo, aqueles veículos também ajudavam a iluminar a estrada. Além de Dirceu – amigo de Amarildo, que o acompanha desde a primeira caminhada, há 11 anos – que vinha sempre por último e segurava uma potente lanterna para iluminar nossos passos, o homem da luz, o próprio lampião. Para a caminhada de 2012 pensam inclusive em incrementar a

segurança colocando três pessoas carregando três bandeiras de cores chamativas para servir de referência ao caminhante, em três posições de destaque: início, meio e fim da romaria.

A estrada é dura, perigosa, o pó do asfalto cega e seca o rosto, os lábios. A estrada é linda, verde, existem algumas poucas árvores, algumas pequenas preciosidades. Mas certamente ela é margem, passagem material. Assim quando saímos de São José dos Campos, lembro-me do alerta de Amarildo:

> - Vamos lembrar de andar sempre em pequenos grupos, não deixar ninguém sozinho. Muito cuidado na estrada de Taubaté, a gente sabe de histórias de roubo...

> **Diário de Nossa Senhora**
> **Escritora: romeira Flávia Brito**
> **11/10/2011**
>
> Muito medo senti quando passando por um local e vimos algumas pessoas se drogando e o cunhado falou: ande logo, ande logo... apertamos o passo e encontramos nosso novo companheiro que era um senhor que se apresentou pois estava andando sozinho e não me lembro o nome dele. Falamos que deveríamos andar juntos, pois acreditamos que seria perigoso. Enquanto andávamos pude perceber que os desafios seriam grandes, pois tínhamos algumas pontes para passar e como não havia espaço, aguardávamos na cabeceira e quando não vinha carro saíamos correndo, e em uma dessas pontes acabei quase morrendo pois tropecei no cajado que minha companheira, que estava na minha frente, levava e caí, bem na ponte, quase no meio, me levantei e senti que alguma coisa me impulsionava para que pudesse ir rápido, não sei como cheguei ao final dela sem o caminhão ter me atingido. Chorei um pouco, estava aterrorizada, pensei em desistir, pois tinha minha filha para cuidar e estava ali por ela e não adiantaria sair dali morta, pois ela e o Marcelo precisavam de mim, mas continuei andando.

Pela noite, os desfiladeiros, ainda bem que a luz não era tão forte, pois senão poderíamos ver o perigo logo ao lado. Mas logo começa amanhecer, uma das horas mais impressionantes da caminhada, a roupa de todos ainda úmida, mas o vento e o frio da manhã parecem secá-la. Ainda não há sol, são 5h:00 da manhã. O vento parece rasgar as roupas e perpassar nossos corpos. Não sei se por emoção, cansaço ou encantamento com a certeza de que aguentamos andar durante a noite inteira e agora diante de nós aquele "céu de Monet", rosa e azul (cores usadas por Monet para retratar o céu na maioria de seus quadros e na obra mais conhecida por tais tonalidades: *La Seine à Argenteuil II*, conhecido como *Vanilla Sky*), todos estavam em silêncio, andando em fila indiana, o acostamento não era tão estreito, mas parece que cada qual queria ficar com seu cansaço e silêncio. Todos nós de cajados, alguns com chapéu, de repente os caminhões começaram a buzinar quando nos viam no acostamento. Todos os caminhões com adesivos de Nossa Senhora Aparecida nos para-brisas ou também de Jesus Cristo. Nos viam, agora de manhã com maior facilidade, e buzinavam, um cumprimento de devoto para devoto. O

caminheiro buzinava, e um balé não sincronizado de cajados se levantava em resposta. Este gesto se repetiu até chegarmos em um novo marco, uma lanchonete no meio da estrada, onde tomaríamos café. Incrivelmente a estrada me parecia mais perigosa agora pela manhã, agora podíamos ver a falta de estrutura dos acostamentos. Nas pontes não havia acostamento, tínhamos que atravessar várias vezes correndo. Os rapazes da frente iam sinalizando com os cajados em punho, o mais alto que conseguiam, para os caminhoneiros que tinha mais gente na estrada. Eu era uma das últimas da fila indiana, senti quando aquele caminhão azul fez um "s" na estrada para desviar do meu corpo, eu me virei para o peitoril de concreto e olhei para baixo, para o gramado lá embaixo. Quando Jeferson, lá da frente, olhou para mim com olhar de espanto, levantando as mãos, numa delas o cajado, com susto. Quando já havia atravessado a ponte e cheguei perto, ele me disse aflito:

> Jeferson: - Nossa Senhora! Quase que o caminhão te esmagou, eu estava olhando para trás e pensei que você ia ser esmagada. Se não fosse o caminhoneiro que desviou...

Eu, ainda cansada da brusca travessia e sem saber direito o que tinha se passado e nem a imagem que Jeferson tinha visto, falei:

> Eu: - Ainda bem que não vi, se tivesse percebido, acho que tinha sido esmagada mesmo...

Passado o susto, que nem era meu propriamente, mas construído a partir do que Jeferson me contou e contava para os outros, finalmente chegamos à parada, ao marco do descanso, do banheiro, da comida. Por lá, já estavam muitos dos romeiros, identifiquei Amarildo e Dirceu. Pensávamos em ficar 30min por lá, neste tempo as pessoas decidiam o que fazer, tomavam café, iam ao banheiro, conversavam ou se deitavam num chão sujo e cheio de restos de alimentos para descansar, alguns até conseguiam dormir profundamente. Foi neste momento que retirei meu caderno de campo, escrevi uma frase e dormi toda desajeitada, com o corpo torcido na cadeira de plástico e com meu cobertor, me chamaram para deitar no chão, mas confesso que quando olhei para o chão imundo, preferi a cadeira desconfortável, mas isso ainda era metade do caminho, não sabia ainda por quais aprendizados o meu corpo e o de todos ali passariam, aquele chão hoje me parece limpo diante dos lugares por onde sentamos e cochilamos.

A programação era sair dali em meia hora disse Amarildo, que rapidamente dormiu no chão, mas começou a chover fortemente de novo, senti-me aliviada, não aguentaria continuar a caminhar logo. A chuva havia parado depois de uma hora. Apenas uma fina garoa com sol, como diz o ditado popular tão conhecido no interior caipira: "Sol e chuva, casamento da viúva". Amarildo estava em sono

profundo e não conseguia acordar. Mas Dirceu, sempre o pilar da direção e da romaria, alertou que precisávamos ir embora, pois assim não iríamos chegar nunca. Mochilas nas costas, voltamos para estrada, ainda garoava, mas o sol já se mostrava.

Parada na estrada. Deitados da esquerda para a direita Wellington, Lucas, Dirceu e Amarildo mais à frente. Caminhada para Aparecida, 11 de outubro de 2011.

Voltamos a caminhar, o sol saiu, todos agora se lembravam da chuva com saudades. O calor era insuportável, não havia água ou isotônico que nos mantivessem hidratados. Com o sol, notei que a maioria das pessoas ia trocando os calçados, os pés cheios de bolhas e estas cheias de pus. Colocavam sandálias (do tipo alpercatas) com meias, para aliviar a dor. Eu continuei com minha calça jeans e meu tênis, nada mais inapropriado para aquele sol e o estado dos pés. Ana Clara, que seguia juntamente comigo, trocou seu tênis por chinelos *Havaianas*, porém o asfalto queimava e logo ela foi se envergando e tendo mais dificuldades para andar, acredito que nós todos na verdade. A nossa próxima parada seria apenas no *Habib's*, na cidade de Taubaté. Dessa forma, seguimos viagem, talvez o momento mais complicado da viagem por conta do extremo sol.

Uns romeiros se ofereciam para carregar a mochila dos outros, existia uma mobilização verbal e física de ajuda, tudo para que o outro não desistisse. Os corpos iam se transformando a olhos vistos, saíram eretos e iam se envergando, o cajado já não era mais um simples objeto, era uma extensão do corpo. Diego jogou seu cobertor no gramado da estrada, muitas vezes eu mesma pensei em deixar por lá minha câmera fotográfica e meu gravador, pensava: "isso é caro, mas posso comprar outro". Na verdade os corpos iam se livrando do supérfluo, enquanto iam se agarrando ao essencial para seguir, o cajado, os companheiros e a estrada. Enquanto este corpo deixava para trás várias coisas, inclusive

muito lixo deixado pela estrada, ele ia se configurando em um corpo de fé, sacrificado, que além do cajado carregava também os pedidos, lamentos e promessas seus e dos que não puderam seguir viagem, porque desistiram na primeira parada ou porque ficaram em casa. Um romeiro não carrega só a tralha de sua mochila e seus pequenos e pesados objetos pessoais como escova de dentes, que no final se vê a inutilidade destas coisas. Nunca se vai sozinho para Aparecida, além dos romeiros que seguem juntos, todos carregam pedidos de orações, intenções alheias e objetos de outrem para a Santa.

> Os vizinhos do pagador de promessas pedem licença para afixar na cruz fotografias e bilhetes íntimos, expressivos de relações preciosas que estão em perigo. Ao contrário da mística subjetiva que viaja para além do tempo em busca da impessoalidade, a romaria acumula elementos do entorno circunstancial. Enquanto a mística do tempo apaga os rastros à medida que progride, aumentando a escala do vazio anterior, a mística peregrina recolhe, ao progredir, uma carga crescente das quinquilharias humanas. O bom romeiro tem muitas histórias para contar, o lugar santo é um imenso depósito de desejos e lamentos. (FERNANDES, 1994, pág. 15).

Enquanto íamos deixando para trás nossas coisas, nosso lixo, sentando ou deitando em qualquer lugar, vivíamos a estrada marginal e o corpo limite. Pois como diz também Fernandes: "a mística da romaria católica 'é 'exterior' porque se exercita ao nível concreto da sensibilidade." (1994, pág. 25). Assim, quanto mais perto do lugar santo, menos vaidosos, menos carregados de tralhas individuais e mais carregados de quinquilharias humanas, aprendíamos a lidar com a estrada, suas curvas e também nos tornávamos, nós todos, mais curvos. Obviamente, os caminhantes e narradores experientes diziam e nos ensinavam as técnicas do corpo para um devoto, quanto mais devagar, mais difícil suportar, a ideia é manter uma passada rítmica, até nos ensinaram a usar absorventes íntimos dentro do tênis, por cima da sola, aquilo ajudaria a proteger os pés das bolhas e machucados. Obviamente, que devíamos, nós todos os neófitos na romaria, seguirmos os conselhos e as dicas dos já experientes caminhantes, o saber prático da caminhada, os conselhos dos experientes. Mas observei, que mesmo os mais experientes em determinado momento, também eles se envergavam. Poderia esta também ser uma técnica do corpo? Seria um corpo moldado pela fé mais cansado, sacrificado? Mas ao mesmo tempo mais leve. Pois existe esta ambiguidade, quanto mais cansado, mas leve o corpo parece estar, uma inércia que faz andar. O corpo que se modifica concretamente, materialmente, uma sensibilidade palpável. Os sentidos e suas percepções são alterados durante a caminhada, poderia até dizer que há uma alteração do estado de consciência dos romeiros na medida em que há momentos de concentração total na linha do horizonte para não cair e também para tentar visualizar algo além da estrada. O corpo mostra, indica um modo de estar-no-mundo, inclusive o estar-no-mundo de forma religiosa, a fé, a cura, o milagre, a crença passa por este corpo que também é um corpo religioso. Ou seja, o corpo é um

dos instrumentos da promoção da eficácia da fé, da transformação do ser enquanto matéria e também mente. Ou seja, as pessoas não têm simplesmente um corpo, elas são um corpo, e este produz mudanças, transformações, carrega discursos e retóricas e promove eficácia simbólica, pode curar e levar à cura pela fé, pela devoção material, pelo sacrifício.

> Eu também percebi que o objeto da cura não é a eliminação de uma coisa (uma doença, um problema, um sintoma, uma desordem), mas a transformação de uma pessoa, um sujeito corpóreo. Reconhecer que o nosso ser corpóreo não é menos um produto da cultura do que da biologia tem o potencial de transformar nossa compreensão tanto de corpo quanto de cultura. Por outro lado, se o corpo pode ser mostrado como base existencial da cultural e do sujeito em vez de o simples substrato biológico de ambos, o caminho estaria livre para a compreensão do corpo como não apenas essencialmente biológico, mas igualmente religioso, linguístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico. Por outro lado, se até a linguagem pode ser apresentada como o surgimento da corporeidade e não apenas da função representativa do *cogito* cartesiano, o caminho estaria aberto para definir cultura não só em termos de símbolos, esquemas, traços, regras, costumes, texto ou comunicação, mas, igualmente, em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, espacialidade, paixão, desejo, hábito, evocação e intuição. (CSORDAS, 2008 pág. 19)

Se acompanharmos o pensamento de que todas as margens são perigosas, devemos então nos lembrar que o corpo é curva, é margem, limites externos e internos. Um corpo que é perigo, poluição e também pureza. Como também a estrada, lugar do perigo, da sujeira e do milagre. As margens dos corpos e a estrada como margem estão diretamente ligadas neste processo da caminhada de perigo e pureza. Perigo do corpo machucado (sangue e pus), perigo da estrada, esta que carrega o grão da pureza de direcionar para o local sagrado e o corpo que se purifica também através da secreção interna, que ultrapassa os limites do corpo e se torna externa: a lágrima. As lágrimas são "admitidamente limpas, as lágrimas correntes constituem material de poesia romântica: não maculam." (DOUGLAS, 1976, pág. 154). Lágrimas de felicidade, lágrimas do sentimento do milagre vivido e experienciado através dos sentidos do corpo.

> **Diário de Nossa Senhora**
> **Escritora: romeira Flávia Brito**
> **11/10/2011**
>
> ...e ocorreu que em um momento conversando com a Jussara (em frente a Volkswagem) de repente no meio do nada sentimos um cheiro muito grande de rosas... como se estivéssemos no meio de uma plantação de flores, era um cheiro adocicado, era um sinal de Nossa Senhora para que não desistíssemos, continuássemos, eu perguntei a ela: você passou perfume, ela disse não, achei que fosse você e nos olhamos, nos emocionamos muito, choramos e nos calamos pois aquele momento já tinha valido a pena toda a nossa caminhada. Fiquei imaginando o porquê que aquilo estava acontecendo justamente comigo que sou uma pessoa tão pecadora, uma serva tão ruim, mas comecei a agradecer a Deus por ter me dado esta oportunidade de vivenciar o amor

> Dele pelas mãos de Maria. Voltamos a nos falar somente depois de quase uma hora de total silêncio e o mais estranho é que neste momento de silêncio é como se tudo tivesse passado, a dor nos pés, o cansaço, a fadiga, a fome, senti-me renovada por aquele cheiro, aquele bálsamo do amor de Nossa Senhora, senti-me uma filha muito querida e amada. Quando voltamos a conversar comentamos que ninguém jamais poderia duvidar do que havia acontecido conosco, pois nós duas sentimos o cheiro e não precisaríamos provar nada para ninguém, pois era um presente de Deus para nós e não sabemos o porquê, mas neste momento o cunhado e o amigo estavam bem mais na nossa frente, era realmente para sermos nós. Sinto muita paz e uma renovação imensa em seguir em frente, a escuridão havia sido superada, a chuva havia amenizado um pouco, já estávamos chegando em Taubaté que seria nosso primeiro ponto de parada, pois haviam nos dito que iria ter um ponto de apoio no *Habib's* .

Assim, o relato de Flávia nos mostra de forma mais clara que esta estrada que para ela foi deserto, também era passível de se converter em milagre, pois a estrada (a travessia) nunca é de mão única. Ou seja, os mistérios da estrada, da passagem, podem vir no medo das trovoadas e escuridão da noite como também pelo milagre, o cheiro de rosas. Depois da ida a São José dos Campos em março deste ano de 2012, comecei a manter contato com Flávia por email. Sabia eu, desde a adolescência, das respostas dadas por Santa Terezinha a seus fiéis, no caso de concessão da graça, o agraciado recebia, sem data ou motivo, uma rosa vermelha de alguém. Portanto, Santa Terezinha avisava que a graça estava por chegar através de rosas. Conversando sobre esta santa com Flávia, notei o porquê do cheiro das rosas na estrada ser tão importante, ela era devota de Santa Terezinha. Recentemente inclusive me dissera via email que, mesmo temerosa, começara a novena de Santa Terezinha, esperando com isso receber sua graça, que infelizmente não tinha recebido com a caminhada. Assim, Flávia espera sua rosa chegar. Flávia me contara que havia caminhado com fé para que sua filha, Laura, passasse no vestibular para Medicina e muito a frustrou o não recebimento da graça depois de tanto esforço. Mas ela não duvidava da fé e nem do poder do milagre, tem certeza de que receberá a graça. Talvez o que Flávia não percebera era que a estrada não era longa apenas até Aparecida do Norte, mas a estrada é longa até a chegada da graça, pois como muito se repete na cidade de Aparecida: "Nossa Senhora não demora, ela capricha". Apesar da espera, o tempo que é um dos pontos cruciais da economia do dom, Flávia continua firme na força de seu voto.

Voltando à caminhada, chegando ao *Habib's*, o calor era extremo, entrávamos no restaurante para ir ao banheiro, lavar o rosto. Mas sentia que as pessoas que lanchavam por lá e muitos dos funcionários se sentiam incomodados com aquela quantidade de gente estirada fora da lanchonete onde houvesse uma sombra, além do lixo que deixamos por lá depois. Romeiros também vão deixando bastante lixo pela estrada, atitude que observei constantemente. Falta de lixeiras? Falta de forças para recolher o lixo? Um misto dos dois. Esperávamos ali o carro de apoio no qual vinha a esposa de

Amarildo – Juliana – com o almoço. Porém, o apoio demorou muito, assim muitos aproveitaram para descansar, dormir na sombra ou mesmo ao sol. Chegou a um ponto em que também eu me estirei na entrada da lanchonete, onde era bem fresco, pensei que isso não ocorreria. Ali, na multidão, eu era apenas mais uma "devota" exausta.

Romeiros descansando fora do restaurante *Habib's*, esperando o carro de apoio com o almoço
Taubaté - SP, 11 de outubro de 2011

Véio, no chão, e outro romeiro deitado no banco de madeira, dormindo esperando o carro do apoio
No *Habib's* de Taubaté - SP, 11 de outubro de 2011

Ana Clara dormindo sobre a grama e sob o sol escaldante
Taubaté - SP, *Habib's*, 11 de outubro de 2011

Romeiros na entrada do *Habib's*
Taubaté - SP, 11 de outubro de 2011

O apoio finalmente havia chegado, alguns poucos já tinham debandado sem almoçar, o resto dos romeiros se enfileiraram na porta da *Kombi* para pegar seu almoço – macarronada com salsicha – e um copo de refrigerante ou também uma garrafa de água, que tinha aos montes, pois a hidratação do corpo é essencial na travessia. Juliana (esposa de Amarildo) e sua pequena filha, Izabella, serviam a todos com muita disposição e carinho. Todos comeram, se saciaram, o almoço simples estava bem temperado e saboroso. Comi pouco, estava tão cansada, que nem vontade de comer eu tinha. Mas Camila, esposa de Diego, havia me alertado para comer pelo menos um pouco para ter forças para enfrentar a caminhada. O apoio é essencial na medida em que auxilia com comida, medicamentos e também serve para levar novamente para São José dos Campos quem se machucou pelos mais diversos motivos ou desistiu. Dessa vez, o apoio tinha demorado, muitos romeiros reclamavam de fome e sede. Porém, o trabalho do apoio é tão cansativo como daquele que caminha. Juliana vai e volta de carro várias vezes pela Dutra, ainda chega em casa e tem que preparar – apenas com a ajuda da sogra, dona Lourdes – almoço para aproximadamente 80 pessoas, não esquecer a água, o refrigerante e servir a todos e sempre com grande boa vontade, sem contar das várias ligações de Amarildo para saber que horas o apoio chegaria. Juliana chegou cansada e esbaforida querendo ajudar a todos. Wellington me disse que neste ano de 2011, tudo ficou nas costas de Juliana, pois antigamente também ele e Jeferson eram do apoio, a rapidez do processo era maior. Desta vez ficou tudo para ela fazer, ela clara a sua fisionomia de cansaço. Porém, sempre em prontidão para qualquer necessidade dos romeiros.

Carro do Apoio com o almoço
*Habib's,* Taubaté - SP, 11 de outubro de 2011 / Foto de Beto Freitas

**Dia 27 de março de 2012**
**Casa de Amarildo em São José dos Campos**
**Juliana (do apoio) rememorando a caminhada**

Juliana: - Vou falar um pouco da alimentação. O primeiro ano que a gente foi, a família do Amarildo ia encontrar com a gente no meio do caminho para levar um bolo, um café. Porque já vem da família dele de querer ajudar. E nos outros anos, a gente sentiu a necessidade de... também porque a turma era maior, e segundo porque não era todo mundo que tinha dinheiro para parar num restaurante e para poder se alimentar. E também para se alimentar de uma maneira correta, um alimento que fosse te sustentar por um período maior e que não fosse te deixar tão pesado, que não te deixasse andar. Aí, um afilhado nosso, disse que tinha conseguido uma verba e que ia levar *marmitex* para eles, só que chegou muito tarde, o pessoal já tinha comido. Mas enfim, ele conseguiu distribuir todas as *marmitex* e o pessoal gostou demais da comida, foi minha sogra que fez. Ele pediu ajuda dela e eles organizaram. Aí, o Amarildo sentiu que foi legal, que o pessoal gostou, que sustentou por um período maior e que não precisou parar muito... Dessa vez, Wellington veio em casa e falou: "o que acha da gente levar almoço...". Eu falei: "eu vou fazer uma coisa muito prática arroz com macarrão com salsicha", porque também era o que tinha e não tinha nem tempo de ficar elaborando coisa muito diferente. Ano passado (2011) a gente já conseguiu se planejar melhor, a gente conversando com nossos amigos alguns propuseram a ajudar. A gente fez uma escala, a gente conseguiu se programar certinho. Então a gente fez uma escala com horário de café da manhã, almoço, café da tarde e a janta. A gente conseguiu doação com amigos nossos de pão, de frios, de frutas. E o almoço que eles também doaram pra gente e a janta que a gente conseguiu também. Então é muita doação. A comida este ano eu fiz em casa. Fiquei responsável pela preparação, mas sobrecarregou muito. Já para este ano (2012) já tem três merendeiras acostumadas com coisa grande. (...) O pessoal do bairro Novo Horizonte doou remédio... (...) É um trabalho de formiguinha, as pessoas se doarem para isso acontecer... é uma acolhida. A Ana fez o café da madrugada, o Beto se doou para tirar fotos, porque ali ele não estava ganhando nada. Esta doação é muito bonita, porque todo mundo faz pelo mesmo motivo a fé, sem ganhar.

Assim, Juliana, com sua voz sempre calma e serena, me explicava que a caminhada só acontecia, pois as pessoas se doavam, não só aquelas que caminhavam, mas quem estava por trás, os patrocinadores, que não doam exatamente dinheiro, mas alimentos. Doam seu tempo para levar bolo e café em paradas durante a madrugada como Ana e a irmã de Amarildo, Cor-Maria (nome que faz referência ao Coração de Maria), Beto, fotógrafo profissional, que se deslocava para registrar a caminhada. Além de pessoas do comércio que abriam seus depósitos para doação de água e refrigerante. Juliana então me fala da existência de uma circulação de ajuda que faz a caminhada ocorrer. Ou seja, há ali, nos bastidores da caminhada uma circulação de dons que é o motor, move a feitura da caminhada. Assim, a circulação dos dons já começa nas doações de pães, bananas, café, etc. Enquanto Juliana me falava desta circulação de pedir doações e ao mesmo tempo das pessoas oferecerem, Amarildo me conta duas passagens interessantes. Disse-me que – no ano de 2011 - havia dois ônibus para buscar os romeiros em Aparecida, um deles havia sido doado por um senhor evangélico, que respeitava muito o grupo e a caminhada até Aparecida. Ressalta que, o ônibus não era

ruim ou quebrado por ser doação, era um veículo novo com motorista a serviço do grupo. Outro caso interessante relatado por Amarildo, falou-me que antes da caminhada de 2011, foi pedir ajuda a um pequeno comerciante que conhecia e que ele respondeu: "- Com dinheiro e alimentação eu não posso te ajudar, pois você sabe que meu estabelecimento é pequeno, mas você me dá os pães e os frios e eu preparo todo o lanche para você e embalo", além de um devoto que todo ano faz cajados de madeira (bambu) para ajudar na travessia dos caminhantes. Dessa forma, Juliana e Amarildo estavam querendo me mostrar que existiam pessoas que não iam à pé para Aparecida, mas que faziam as ofertas circularem e que doavam seu tempo, suas habilidades e seus talentos para que a romaria ganhasse fôrma e forma. O apoio é como uma espécie de "anjo da guarda", pois Amarildo me explica, que a gente que caminha dorme e descansa pelo menos alguns minutos, o apoio não dorme, pois tem que fazer o café, o almoço, o jantar e estar preparado para buscar as pessoas que não aguentarem chegar, que desistem por dor, por se machucarem ou exaustão.

**Diário de Campo de Pesquisa**
**29 de março de 2012**
**Em São Paulo**

Quando cheguei a minha casa, fui dar uma olhada com mais vagar nas fotos que Beto havia me emprestado para ajudar a compor as imagens da romaria. Pois como tinha explicado a ele, chegou um momento em que eu não tinha mais forças para nada, muito menos para tirar fotos. Então, nas fotos de Beto, lá estou eu sentada no degrau da entrada do *Habib's* almoçando. Estava com o pensamento longe, pensando que ainda faltava metade do caminho e que caminhar depois do almoço, com aquele sol, seria um martírio. Notei também outra foto, com Lucas, filho de Amarildo, com quem conversei sobre estudo, escola, faculdade. Nossos sorrisos amarelos com cara de mortos de cansaço.

Durante o almoço
11 de outubro de 2011/ Foro de Beto Freitas

Depois do almoço, eu e Lucas seguindo viagem
11 de outubro de 2011/ Foto de Beto Freitas

## III.III.I Fragmentos de um discurso corporal

A experiência da fé atravessa o corpo, todas suas sensibilidades, sensações e percepções. A experiência corporal da romaria faz parte da devoção material do catolicismo popular, que se sacrifica para chegar ao local santo, para agradecer uma promessa. Até que este corpo chegue ao Santuário Nacional de Aparecida, ele se transforma fisicamente, pés se enchem de bolhas, os lábios e todo o corpo se desidratam, alguns ficam com insolação, virilhas "assam", braços e pernas perdem as forças, joelhos e colunas travam. Em todas as paradas, o cheiro de pomadas massageadoras de cânfora, tenho o cheiro do *Cataflam* ainda hoje nas narinas, além dos vários remédios, analgésicos para suportar as dores musculares. Este corpo também narra uma hi(e)stória, pois ele sai reto, chega enrugado, corcunda. A ideia é sempre ajudar o outro a chegar, assim quando um dos devotos percebe que o outro romeiro está cansado e prestes a desistir, se oferece para carregar suas tralhas, matulas, mochilas. Há momentos em que o corpo está livre e as pessoas não sabem onde estão seus pertences e tão pouco se preocupam. Quando mais se desfazem das "próteses", este corpo mais próximo está da chegada, mais o corpo parece ir completando seus pedaços e se transformando em um corpo de fé. Pois o corpo, este corpo de fé, é um corpo em obra. Ou seja, ele já não é um corpo pronto e crente na saída da caminhada, ele vai se modificando e se construindo ultrapassando os obstáculos, atravessando e se sacrificando. O corpo que ora, que reza, que crê é uma construção feita ao longo de toda a travessia. A paisagem da Dutra muda ao longo do caminho e também o caminhante se transforma. E os corpos dos devotos também estabelecem entre si uma relação de solidariedade e afeto. Muitas vezes, principalmente durante a madrugada, vi um terço cinza passando de mão em mão.

> O corpo é um tema particularmente propício à análise antropológica, porquanto pertence de pleno direito à estirpe identificadora do homem. Sem o corpo, que lhe dá rosto, o homem não existiria... A existência do homem é corporal... (...) A existência de um é o espanto do outro, senão sua incompreensão... (...) A condição do homem é corporal, de que o homem é indiscernível do que lhe dá a espessura e sensibilidade de seu ser no mundo. (LE BRETON, 2011, págs. 7, 8 e 11).

Voltando à estrada, saindo de Taubaté, do *Habib's*, seguimos viagem. Agora enfrentaríamos a estrada, a parte da Dutra, da cidade de Pindamonhangaba - SP ("Pinda"). Antes fizemos mais uma parada não prevista, mas o sol era demais, as pessoas não aguentavam. Os grupos que chegavam embaixo de uma ponte se jogavam num gramado verde perto de um supermercado chamado *Shibata*. Eu e Ana Clara ainda tivemos forças para comprar água mineral e água de coco em uma choupana.

A partir dali tudo seria mais difícil, o sol nos cegava e agora era a estrada de "Pinda", infinita, sem paradas, andávamos, subíamos e descíamos a estrada e no horizonte: só mais estrada. Este caminho é interminável, andamos em linha reta e não existe acostamento. Quase nos jogamos nas pedras e no mato para não entrarmos na estrada. Por lá, encontramos um rapaz que fazia a caminhada sozinho de São Paulo à cidade de Aparecida, nos contou que estava há uma semana caminhando, mas que parava para dormir, pois caminhar à noite para alguém sozinho era ainda mais perigoso. Eu andava quase embriagada com aquelas boas horas de estrada no horizonte, a sensação é de que se vai desmaiar. Importante relatar tais sensações, pois os contextos etnográficos são corporais, sensoriais. Com muita vontade de ir ao banheiro, eu caminhava inquieta, perguntei a Amarildo quando era a próxima parada, ele me disse que por ali não tinha, demoraria horas. Quando depois de muito andar, chegamos a um gramado onde estavam dona Nice, Clara (irmã de Amarildo) e outros romeiros. Clara havia falado brincando, que estava doida para chegar ali, pois ali tinha o banheiro. Aí, eu ansiosa e inocentemente perguntei: "- Onde?". Ela com um sorriso respondeu: "- Aqui o banheiro é público, você pode escolher o matinho da esquerda, da direita ou do fundo". Hesitei durante um tempo, mas não resisti, fui o mais distante possível, mas com vergonha, quando voltei já não tinha uma ponta de vergonha. Clara me olhou e falou: "- É assim, quando a gente está viajando com nossa família, a gente para num posto de gasolina e acha o banheiro sujo e diz, 'ah, eu não vou fazer xixi nesse banheiro não', mas quando é na Dutra, caminhando, você faz xixi e dorme em qualquer lugar, seu corpo não escolhe".

**Diário de Nossa Senhora**
**Escritora: romeira Flávia Brito**
**11/10/2011**

Quando saímos do *Habib's* percebi que o meu pé estava "podre" e a Jussara perguntou se queria o *crocs* dela, aceitei, tirei a meia e continuei, neste momento com menos dor. Começou o calor, o cansaço de não ter dormido à noite começou a me bater mais forte, caminhávamos em retas intermináveis e eu comecei a sentir-me muito cansada. Em frente ao *Shibata*, minha terceira parada, pedi para descansarmos um pouco. Estávamos com sede e com pouca água então paramos no ponto de ônibus e senti-me esgotada, então um motorista de um ônibus que jamais tínhamos visto perguntou se queríamos água e trouxe água para nós. Uma pessoa parada no ponto que estava esperando o ônibus se ofereceu para entrar no mercado e trazer mais água. Deus continuava cuidando e zelando por mim pelo coração dócil de tantos que não me conheciam mais que me ajudavam. A presença do outro é que nos faz sentir o amor de Deus. Olhava para a estrada e via várias pessoas passando, caminhando como eu, andando, andando, olhava para o rosto daquelas pessoas e sentia o quanto precisamos estar ao lado de Deus, nos abastecendo do amor dele. Pedia o tempo todo pelo vestibular da Laura (filha de Flávia) e clamava a Deus que tivesse misericórdia da luta dela como estava tendo de mim, todo o propósito da caminhada era a Laura estar bem, ter sucesso no vestibular dela, pois sabia o quanto ela estava se esforçando e merecia e rogava a Deus que aceitasse todo o meu esforço. Continuamos a caminhada em silêncio, passando por pontes, cumprimentando a todos que

> passavam, sentindo que as pessoas que estavam ali na estrada nos mandavam força com o piscar do farol dos carros, pelo sorriso de cada uma delas, pelos pedidos de oração. Este para mim com certeza foi o pior trecho de toda a minha caminhada, parecia que não saíamos do lugar, comecei a sentir o peso do deserto novamente, então a Jussara pediu que parássemos novamente embaixo de uma árvore na estrada, seria nossa quarta parada. Naquele momento não queria nada, sentia-me estranha , sentia-me novamente exausta e clamava muito a Deus para que ele continuasse a me ajudar a andar. Partilhamos um pouco juntos que a caminhada era pesada, mas que já seria uma vitória se parássemos por ali, tantos milagres e prodígios já tinham acontecido, mas eu pensava, é pela Laura, é por minha filha, senhor aumente a minha fé e me dê coragem.

Portanto, o corpo se transforma na caminhada, vira um corpo de fé, este que é produzido durante a travessia. O ato de caminhar transforma o caminhante. O sacrifício tem por finalidade afetar o estado religioso do sacrificante, este acaba sendo marcado por um caráter sagrado. Poderíamos dizer que a consagração do caminhante é feita durante a travessia e quanto mais próximo do Santuário de Aparecida, mais modificado aquele corpo está. Mauss Inclusive aponta o sacrifício como um ato dramático, o que está diretamente de acordo a ideia de Fernandes (1994) da romaria da paixão, da "Paixão Brasileira", que está historicamente e antropologicamente moldada por uma paixão, o drama do Cristo, o que envolve claro sacrifício. Dessa maneira, o sacrifício modifica, afeta e produz eficácia.

> O sacrifício é um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais se interessa. (...) Eles devem ter uma confiança inabalável no resultado automático do sacrifício. Em suma, trata-se de efetuar um ato religioso, a atitude interna deve corresponder à atitude externa. Vê-se que desde o princípio o sacrifício exige um credo... que o ato implica fé.(MAUSS, HUBERT, 2005, pág. 19).

Importante sempre ter em mente que o sacrifício é humano, que obviamente modifica o devoto, mas que são corpos humanos que buscam forças para continuar, pois a estrada é lugar de mistérios, mas a mística romeira também carrega seus limites e dificuldades. A estrada também é lugar de perguntas e bifurcações: continuar ou parar?

## III.III.II OS MARCOS

Os mensageiros e os marcos sempre foram – desde os gregos – elementos nas travessias. Hermes, o deus mensageiro que habita entre dois mundos, transitando e circulando entre estes mundos. Muito se assemelha ao ofício do antropólogo. E as Hermas, que são marcos na estrada, pontos de referência. Aqui, neste trabalho, já falamos também das cruzes espalhadas por todo Brasil, que também são exemplos de marcos.

Nesta oitava caminhada de São José dos Campos a Aparecida, o marco mais comentado, referenciado, era o pedágio da Dutra, antes da cidade de Aparecida. Este pedágio era comentado por todos que já tinham feito a travessia, como narradores a dar conselhos, como bem fala Benjamin, os experientes sempre falavam: "vocês vão ver é na hora do pedágio". O pedágio: o principal marco, a principal passagem. Falava-se mais do pedágio do que em chegar ao Santuário. Pois há uma ideia construída coletivamente pelos caminhantes que o mais difícil é chegar ao pedágio, e que quem chega ao pedágio chega a Aparecida. O pedágio ficou no imaginário dos romeiros como um ponto fixo de desistência ou resistência. O que não é bem assim, e se verá nas narrativas, pois depois do pedágio ainda há muito por caminhar, ainda há um Posto de Guarda, e o longo morro para se chegar ao Santuário. Mas o pedágio, pode-se dizer que virou a principal "Herma" deste longo caminho até a Santa Aparecida.

**Dia 28 de março de 2012**
**Casa de Amarildo em São José dos Campos: tomando café com Wellington e Juliana**
**Rememorando a caminhada de 2011**

Wellington: - Num momento, à noite, ninguém falava mais nada, só o Amarildo falava alguma coisa, e eu imagino como deve ter sido a madrugada. Só olhar aquela luz do pedágio, aquela luz que não chega nuca...

Juliana: - É... é uma ilusão, cheguei no pedágio agora falta pouquinho para chegar a Aparecida, é ilusão. De lá para chegar a Aparecida, você chora, você chora, porque parece que você anda, anda e parece que a Basílica sai do lugar. É uma sensação tão estranha.

Wellington: - Parece pertinho, mas você anda tanto depois do pedágio, você anda tanto.

Eu: - É... não é pertinho...

Juliana: - Ali é o mais difícil, ali, como diz o Amarildo: "é onde o filho chora e a mãe não ouve".

Clara, a irmã de Amarildo também dá seu testemunho sobre as dificuldades do caminho e sobre o pedágio. Pois ela já desistiu exatamente neste ponto:

**Dia 28 de março de 2012**
**Casa de Clara**
**Rememorando as caminhadas de 2010 e 2011**

Clara: - O Amarildo falou: "não quero te influenciar em nada, mas quem chegou até aqui (o pedágio antes da cidade de Aparecida), você poderia continuar tentando". Mas como eu já tinha ido nos outros anos, eu sabia ainda o que me esperava pela frente. Acho que se fosse no caso igual você, uma pessoa que vai pela primeira vez continua, porque não sabe o que tem pela frente...

Eu: - Nossa! Te entendo completamente...

Clara: - Tá chegando, tá chegando... Nossa! Falta só 10km, só 2km...

Juliana: - É rapidinho...

Clara: - É ali, é moleza...

Eu: - Você já sabia o que era!

Clara: - Eu sabia, eu já tinha ido nos outros anos. Ai eu comecei a lembrar, ainda falta o posto de guarda, depois do posto de guarda tem o arco-íris. Aí eu fui lembrando a cada parada nossa... Tem a subidona... Eu fui lembrando de cada lugar que tinha pra passar. Ah, eu falei: "eu não vou aguentar". O Amarildo falou: "pensa bem Clara". Eu falei: "não, pra mim não dá mais Amarildo". Ai como sempre voltei super chateada, porque eu não queria desistir. Aí quando foi o ano passado (2011) que eu falei que eu queria ir de novo, aí meu marido falou: "Clara você tem certeza? Você já desistiu o ano passado (2010)". Aí falei: "Por isso mesmo. Porque eu desisti eu vou mostrar que eu posso. Eu não vou desistir este ano".

Tais relatos me levam a refletir sobre de performance, de *parfournir*, ou seja dar cabo de, completar como um todo uma experiência. Em relação aos romeiros que desistem, o que acontece com a visão desta experiência? Ouvindo os relatos, ouço sempre me dizerem que chegaram até onde Deus queria que eles chegassem, mas o fato é que não se dão por satisfeitos, sentem que a experiência não foi completada, o que gera grande tristeza, angústia e vontade de tentar completar a travessia nos anos seguintes. Há uma necessidade de preencher o que não foi completado, parte da experiência não conhecida, ainda vazia para eles. Como quando Clara fala ao marido que iria completar a caminhada de 2011, mesmo não tendo completado a de 2010, como se prometesse terminar algo, completar, dar cabo de algo ainda por fazer. E também, abaixo, o relato de Wellington, pois ele, o mais animado de todos, desistiu antes do pedágio, durante a madrugada quando paramos em um carro da família de Amarildo que trazia bolo e café.

**Dia 28 de março de 2012**
**Casa de Amarildo em São José dos Campos**
**Wellington rememorando o momento da desistência**

Eu: - Você estava muito cansado e foi muito próximo do pedágio. Quando você viu que não estava dando mais conta, no café de madrugada, o que você sentiu? Você estava muito triste.

Wellington: - Porque o que acontece é o seguinte, quando você sai com um propósito você pensa na chegada, é isso o que te leva pra frente, e no momento da chuva... eu ainda estava com força porque você pensa na chegada, daqui a pouco tá chegando, foca na chegada. Naquele momento que a gente estava em "Pinda", para chegar no posto, pra chegar ali já foi terrível...

Eu: - Eu lembro que você estava com muita dor, os meninos massageando seus pés e pernas...

Wellington: - Ali eu já entreguei a toalha, já não dava mais para mim, meu pé já estava inchado, passando mal de tontura, pressão alta... Aí o Cidão e Jeferson falaram : "não, a gente faz uma massagem no seu pé, você dorme um pouco, você vai renovar as forças e vai". Você tava com a gente nessa hora. Eu tava confiante que ia conseguir ainda, tava doendo tudo, até a orelha, mas eu tava confiante que ia conseguir. Quando a Juliana chegou lá com a comida, a Rafaela, mãe do João, com os *gatorades*. Eu falei: "eu vou embora". Aí o Amarildo falou: "você não vai não negão, capaz...". Mas ali já estava no limite e quando começamos a caminhar tava doendo tanto o meu pé. Aí não sei quem falou, não sei se foi você, "vai andando que o corpo vai esquentando", mas não esquentava nunca. Aí eu pensei com a cabeça assim: "ai meu Deus, o Senhor conhece o meu coração, a vontade que tenho de chegar, enfim, o que me leva lá em Aparecida, mas se o Senhor colocar qualquer carro que seja na minha frente, qualquer pessoa aqui na minha frente, eu posso até não conhecer, falando vão pra São José..." E você me conhece, momentos antes daquele momento, à tarde ainda, o João falou: "se aparecer qualquer pessoa aqui com um café eu vou sair fora"... (risos). Eu falava pro João: "não, você não vai fazer isso não". E nós estávamos em grupo certo, e querendo ou não uma pessoa mostra confiança para a outra... e como eu estava trabalhando este lado psicológico de todos, eu não podia falar: "ó, tô desistindo", eu tinha que pensar em desistir e ir embora e não falar eu estou pensando em desistir e outras pessoas falarem: "ah também vou", "também quero", aí ia influenciar. Então como a decisão era minha, quando eu tinha certeza que eu não ia conseguir mais, tanto que eu não fiquei falando, eu falei: "eu vou embora".

Eu: - Foi exatamente isso, foi de supetão! Quando chegou no carro do café, todo mundo assustou. Jeferson falou: "que isso!".

Wellington: - E eu já estava trabalhando isso horas na minha cabeça. E o que eu fiquei mais triste de não ter chegado é porque a gente andou junto todo tempo, eu percebi que... o Jeferson falou que: "ah, eu tive que acelerar um pouco...".

Eu: - Eu fiquei pra trás demais, com dor... cada um ficou num canto...

Wellington: - É, então espalhou. Como o próprio Jesus fala, a ovelha conhece a voz de seu pastor, quando o pastor chega e chama as ovelhas, junta tudo. E a gente tava ali junto desde o começo, ah, vamos pra rodoviária, vamos todo mundo junto; ah, vamos parar aqui, ah, vamos todo mundo junto; ah, vamos continuar, vamos todo mundo junto... Alguém ficava para trás, e a gente parava, esperava. No momento que eu saí ali, o Jeferson me falou: "ai Negão, eu não estava aguentando tive que acelerar um pouco mais, o Cidão ficou no meio, o João ficou com ele. A Denise ficou pra trás com o Amarildo, a Ana Clara também". Então dispersou, isso foi o mais triste, porque foi legal a gente sair junto e ficar junto durante toda a caminhada. Mas a hora que eu pensei em desistir, eu tinha certeza que ia desistir. Eu já vinha trabalhando isso na minha cabeça há tempos... Falei: "segredo Jeferson, *game over*". Já estava sendo carregado pelo Cidão de um lado e pelo Jeferson do outro.

Eu: - E quando você chegou em casa...

Wellington: - Chorei muito. Ah, você fica frustrado, é muito difícil. Querendo ou não você fica meio frustrado, aí as pessoas vão consolar você: "mas tá bom, até o pedágio tá bom"... Pra falar a verdade não tá bom. Ai você escuta que a Ana Clara chegou arrastando, você chegou bem debilitada. Todo mundo chegou, conseguiu, aí você pensa, será que não faltou forçar um pouquinho mais, mas se eu fui até ali é porque Deus queria que eu fosse até ali... esse ano que vem, quem sabe ... Você fica um pouco triste de não ter conseguido, legal de você ter conseguido, todos que estavam comigo conseguiram, só eu desisti...

Ainda pela tarde, do mesmo dia da desistência de Wellington, também o filho de Amarildo desistiu, estava completamente exausto, com muito sono e pressão baixa. Lembro muito bem quando chegamos ao carro de apoio do sobrinho de Amarildo. Lucas (13 anos) abraçou o pai e os dois foram caminhando abraçados até o carro, o rapaz entrou no carro com muita tristeza. O mais jovem dentre nós, acho que todos que estavam ali naquele momento ficaram consternados. Antes, Amarildo ainda perguntou se o filho tinha certeza e disse: "- Meu filho, quando alguém vier te dar uma lição de moral na sua vida, você não tem experiência pra fazer isso, aí você vai falar para a pessoa, 'você já foi para Aparecida à pé?' A pessoa vai falar não. 'Então você não sabe o que é experiência'". Esta frase é bem expressiva do que os próprios romeiros entendem da caminhada. Todos sabem bem que aquela experiência é transformadora em um contexto de várias sensações misturas e várias sensibilidades atravessando o corpo. Assim, como o antropólogo não é um inocente, assim também não o eram todos aqueles caminhantes, sabiam bem que o caminho à pé para Aparecida não era um caminho qualquer, sabiam todos do drama, do sacrifício e das transformações.

**Dia 27 de março de 2012**
**Casa de Amarildo em São José dos Campos**
**Lucas rememorando o momento da desistência**

Eu: - O que você sentiu naquela hora em que não aguentou mais?

Lucas: - Eu fiquei triste, porque no ano passado eu tinha ido, não de São José pra lá, mas de Taubaté pra lá. Fiquei triste rezando, falando que este ano (2012) eu não vou poder ir, porque eu vou estar estudando. Eu vou me preparar para conseguir chegar daqui uns anos ainda.

# IV Um pagador de promessas, o filósofo eremita e o lampião

Amarildo :"Um pagador de Promessas"
,Organizador da caminhada à pé de São José dos Campos a Aparecida do Norte
11 de outubro de 2011

**Dia 27 de março de 2012**
**Casa de Amarildo em São José dos Campos**
**Amarildo se apresentando para minha gravação e rememorando a caminhada**

> Amarildo: - Eu sou o Amarildo César, esposo da Juliana, pai do Lucas e da Izabella, um cara que o que faz, faz com muito amor , né Izabella?!

Falava aquilo e olhava para sua filha de seis anos, Izabella, seu xodó. Pois para a entrevista, todos estavam reunidos na sala da casa. Ali, Amarildo, que eu já tão bem conhecia, era personagem, ator de si próprio, numa destreza incrível. Eu ouvia a mesma hi(e)stória, que de fato nunca é a mesma, "como se" fosse a primeira vez, eu ouvia com encantamento a habilidade do discurso mimético que ele fazia do próprio discurso. Um narrador da caminhada, da própria família e de si próprio. Divertido, conselheiro, cheio de ensinamentos aos mais jovens que trabalham com ele (pois a maioria das pessoas com as quais tive contato ou eram aposentadas como Dirceu ou trabalhavam com Amarildo em sua empresa, Véio fazia de tudo) e o acompanham na romaria, atrelado às histórias fantásticas como todo bom narrador. Impressionante sua potencialidade de narrar hi(e)stórias durante a caminhada, narrar a própria caminhada. E lógico, narrar depois, "puxando da memória, narrando a lembrança da romaria, o que é feito e moldado como manufatura no presente do discurso e não apenas de uma memória passada. Com extrema habilidade para projetar personagens das próprias pessoas que conheci e das quais não conheci. Mas ali era claro que Amarildo não era apenas uma pessoa individual, falava por um grupo.

> Todos sabeis o quanto é normal, clássica, a noção de *persona* latina: máscara, máscara trágica, máscara ritual e máscara ancestral. (...) Foram os cristãos que fizeram da pessoa moral uma entidade metafísica, depois de terem sentido sua força religiosa. Nossa própria noção de pessoa humana é ainda fundamental à noção cristã... A noção de "pessoa moral", aliás, havia se tornado de tal modo clara que, já nos primeiros dias de nossa era, e antes em Roma, em todo o Império, ela se impunha a todas as personalidades fictícias, que chamamos ainda por esse nome de *pessoas morais*: corporações, fundações religiosas, etc., que passaram a ser "pessoas"... Uma *universitas* é uma pessoa de pessoas – mas como uma cidade, como Roma, é uma *coisa*, uma entidade... E von Carolsfeld examina e comenta muito bem a Epístola aos Gálatas, 3, 28: "já não sois, um frente ao outro, nem judeu, nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem, nem mulher, pois todos sois *um*, εἷς, em Jesus Cristo". (MAUSS, 2003, págs. 383 e 392).

Na fala de Amarildo, aprece a ideia do pastor e das ovelhas, fazendo referência a Jesus e seus seguidores, assim como havia aparecido na fala de Wellington no outro dia, durante o café da manhã. Pois havia comentado que ele e Dirceu sempre ficam para trás, algo como se tomassem conta daquele rebanho durante aquela travessia perigosa por margens estreitas. Ou seja, notei que o organizador sempre ficava para trás, pois ele é o responsável pelo grupo, precisa estar atento a todos e a tudo que

acontece em todos os pontos do caminho e com os pequenos grupos que vão se formando, inclusive me disse que o aparelho de telefone celular, hoje, ajuda muito nesta tarefa de organizar e guiar. Incrivelmente os guias das romarias precisam ser os últimos da fila, caso contrário, toda a ordem pode se desfazer.

Portanto, é muito importante pensar que o espírito da peregrinação é de *communitas*, mas faz-se essencial neste momento apontar os três tipos de *communitas* indicados por Turner na medida em que a romaria organizada por Amarildo possui todas as características de uma liminaridade, de uma *communitas*: suspensão do tempo, solidariedade, inversão de papéis. Porém é imprescindível atentar para o fato de que esta seja uma *communitas normativa*, ou seja, que necessita de certa ordem, organização e guia para que ocorra.

> Esta é uma dentre várias citações possíveis de distintas literaturas que ilustram o caráter de *communitas* da peregrinação. Aqui, distinguirei, no entanto três tipos de *communitas*, distinção que fiz pela primeira vez em *O Processo Ritual*, pois ela é de vital importância quando se considera a natureza do laço social em situações de peregrinação. Estes tipos são (1) *communitas existencial* ou *espontânea*, o confronto direto, imediato e total entre identidades humanas que tende a fazer os envolvidos pensarem na humanidade como comunidade homogênea, desestruturada e livre; (2) *communitas normativa*, na qual – sob influência do tempo, da necessidade de se mobilizar e organizar recursos para manter os membros de grupo vivos e prosperando e da necessidade de controle social entre aqueles membros que buscam esta ou outras metas coletivas – a *communitas* original e existencial é organizada num sistema social permanente. Isto não é o mesmo que grupo estruturado cuja *raison d'être* original era utilitária, pois a *communitas* normativa começou com uma experiência não-utilitária de fraternidade e companheirismo, cuja busca o grupo resultante buscou preservar em e por meio de seus códigos religiosos e éticos e estatutos e regulamentações, legais e políticos; (3) *communitas* ideológica, rótulo que pode ser aplicado a vários modelos utópicos de sociedades cujos idealizadores acreditam exemplificar ou fornecer as condições ideais para a *communitas* existencial. Meu levantamento é preliminar dos dados relativos às peregrinações indica que, enquanto a situação geral fomenta o surgimento da *communitas* existencial, é a *communitas* normativa que constitui o laço social característico entre os peregrinos e entre peregrinos e aqueles que lhes oferecem ajuda e hospitalidade em sua jornada santa. (...) A *communitas* normativa reina. O espírito de *communitas*, entretanto, continua latente na norma e pode ser reanimado de tempos em tempos. (TURNER, 2008, págs. 158 e 159).

Portanto, Amarildo acolhe e agrupa, e além dele, Dirceu, que sempre mantém uma postura séria, compenetrada, repetindo durante toda a caminhada sua frase, que como um "mantra" acabou virando a frase da romaria. É ele quem carrega a lanterna, estando sempre alerta, nos alertando e alertando os imensos veículos da nossa presença naquele breu nas margens da Dutra.

**27 de março de 2012**
**Casa de Dirceu em São José dos Campos**
**Dirceu rememorando a caminhada**

Eu: - Você me impressionou pela seriedade que levava a caminhada, a romaria, e sua preocupação com a lanterna atrás de todo mundo...

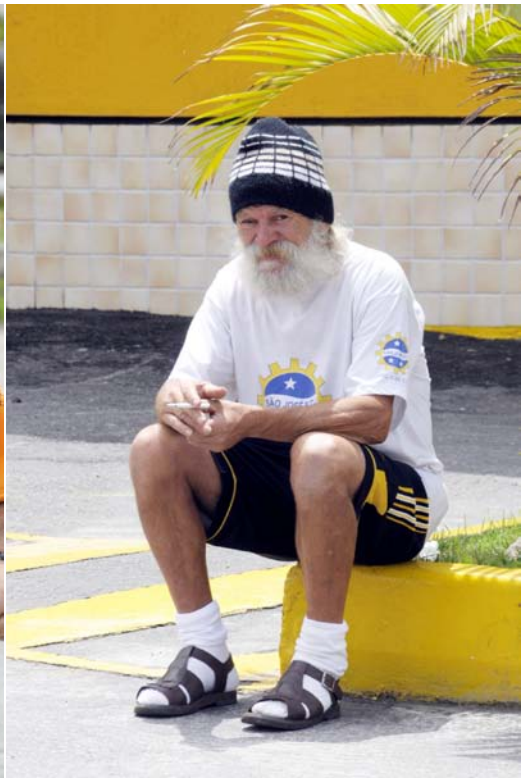
Dirceu: - Pra guiar né, a primeira vez, eu vou lá na frente, depois eu vou lá para trás, quase o último. Fazer sinal pro carro. Guiar o povo. Eu já estou indo pela oitava vez, eu estou mais preparado, a gente já sabe os caminhos que são mais perigosos, sabe onde tem as pontes, cinco pontes onde tem que parar os carros, aquilo ali é perigosíssimo.

Eu: - Apesar de muita gente te achar rígido, eu falei com o Amarildo, que eu te achei o pilar da caminhada, que você conseguia estar na frente e atrás. E quando estava muito escuro, sua preocupação de guiar por trás, guiar os passos de quem está na frente, com a lanterna.

Dirceu: - ... modo de falar: "olha pessoal, isso aqui não é uma viagem, não é uma brincadeira, não é um divertimento e não é piquenique ... aqui é sério, porque é uma viagem cansativa...".

Amarildo me disse em São José quando estive por lá em março: "Se o Dirceu não for na minha caminhada... eu não vejo a minha caminha sem ele. Eu vejo a minha caminhada sem o Amarildo, mas sem o Dirceu...".

Dirceu: "o lampião"
Caminhada, dia 11 de outubro de 2011"



Donizete, o "Véio": "o filósofo eremita"
Caminhada, dia 11 de outubro de 2011

Além de Amarildo e Dirceu que me chamaram muita atenção pela postura de proteção e arrebanhar o grupo. Havia também o Véio, numa postura completamente diferente, mas que parece que se acoplava totalmente às posturas de Amarildo e Dirceu. É como se a *Communitas Normativa* mostrasse aquela *Communistas Existencial* latente. Os três se conhecem há muito tempo e são amigos, mas Véio tem outras passadas nesta caminhada, geralmente está só, fala pouco ou quase nada, não reclama de dores, quando cansa se sentava sozinho na margem da Dutra e quando está pronto para continuar, levanta-se sem atrapalhar ninguém. Fuma seu cigarro durante a caminha, toma sua cervejinha *Caracú* ou uma dose de cachaça e segue. Não compartilha seus pensamentos, mas quando olhava para ele lá na frente, sozinho, ele me parecia pertencer ao horizonte, mesmo pelo fato de ter uma postura contemplativa. Véio demonstra que a peregrinação é feita por um coletivo, mas que existe uma profundidade pessoal e individual também, cada qual também carregando seus desejos e lamentos próprios. Diz Carlos Alberto Steil (1996): "É verdade que nem todos os romeiros são do sertão, mas como diria o autor de *Grande sertão: veredas*, 'o sertão é dentro da gente'. E, embora se realize no espaço exterior, a peregrinação é sempre uma busca do *sertão* que está dentro de cada um." (pág. 19).

## IV.I O narrador e as promessas

No livro *O Pagador de Promessas* de 1960, o autor Dias Gomes diz: "Como Zé-do-Burro, cada um de nós tem suas promessas a pagar. A Deus ou ao Demônio, a uma Ideia" (pág. 15). Assim também ocorre com os romeiros e romeiras, não que esta promessa seja algo bem formulado e definido, a ideia de estar fazendo uma promessa também pode ir se construindo e se arquitetando ao longo da travessia, afinal a promessa não é algo cristalizado e bem formatado, não é um sistema retilíneo, se houver algum sistema para a promessa, este só pode ser circular, ou melhor, espiralado.

Sobre o livro, ainda completa Dias Gomes: "O Pagador de Promessas é uma fábula. Sua estória é inteiramente imaginária, não obstante esteja toda ela construída sobre elementos folclóricos ou sociológicos que exprimem a realidade" (1960, pág. 16). Acrescento dizendo também que esta hi(e)stória da "Oitava Caminhada de São José dos campos a Aparecida", à pé, não é apenas um caso particular de uma família, seus amigos e seus conhecidos. É uma hi(e)stória que se repete entre as famílias, entre as comunidades do Brasil nas muitas romarias da paixão feitas pelo país seja para Aparecida do Norte, Bom Jesus da Lapa, Pirapora, Juazeiro do Norte, Belém do Pará, Guaratinguetá, dentre outros lugares. Travessias que percorrem longas caminhadas com gente do sertão, ou não, em

busca do lugar santo/sagrado e em busca do encontro com o santo (ou beato) de devoção seja Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus, Nossa Senhora de Nazaré, Padre Cícero, Frei Galvão, etc.

Portanto, abaixo a narrativa de Amarildo sobre "sua" romaria que é uma caminhada que pode muito bem estar em vários outros lugares do Brasil, no mesmo formato, sendo guiada por outros Amarildos, Raimundos, Josés, Antônios, etc. E por outras muitas mulheres também, é claro.

**Dia 27 de março de 2012**
**Casa de Amarildo**
**Amarildo me contando a hi(e)stória da romaria/caminha**

Eu: - De onde veio a ideia de fazer a romaria? Cada devoto tem um jeito de pedir ou agradecer, cada um faz uma coisa, uns acendem velas, outros levam um *ex-voto*, uns vão rezar em Aparecida todo mês de Maio ... Mas você fez uma coisa específica, uma caminhada contínua, uma romaria à pé de São José dos Campos a Aparecida, todo ano, uma coisa constante. Eu queria saber quando começou exatamente? E se teve um motivo específico aquele ano? E quem foi com você?

Amarildo: - A primeira vez que eu fiz é porque eu tinha feito uma ... que eu organizei, porque eu já tinha ido 3, 4 vezes antes. A primeira vez que eu organizei, porque eu pedi muito para Nossa Senhora que se desse certo de eu comprar o depósito de bebida que eu iria para Aparecida à pé. Deu certo, eu comprei o depósito de bebida, só que as coisas não foram bem lá, deu tudo errado no depósito de bebida. Mas eu tinha comigo que eu tinha que agradecer até o que tinha dado errado, porque eu tinha prometido. Me lembro também que a primeira vez que eu fui pra Aparecida à pé, eu organizei um grupo, fomos mais ou menos em 12 pessoas e dessas 12 pessoas, quem está comigo até agora é o Dirceu, que foi em todas. E a primeira vez que nós organizamos foi em 27 de julho, dia do aniversário da cidade. Eu já comentei com o Dirceu: "Dirceu nós vamos voltar aqui o ano que vem, com as coisas muito melhores do que são hoje, e esta caminhada vai começar a ser 12 de outubro". Todo mundo falava que eu era louco de fazer 12 de outubro, porque era muito lotado, que isso, que aquilo... Eu não me vejo fazendo uma romaria hoje se não for 12 de outubro, porque a emoção de encontrar pessoas trazendo água pra gente, lanche, tudo porque é movido pela fé... E 12 de outubro, eu brinco que a turma fica de coração mole, quer ajudar, quer estar ali presente e a emoção é infinitamente diferente. E quando nós fomos dia 27 de julho, nós éramos apenas 12 pessoas andando na beira da Dutra, que várias pessoas que olhavam não sabiam nem que destino que era.

Eu: - E todo ano você tem uma intenção, vai por uma causa?

Amarildo: - Tem, tem! Eu já fui pedindo para os meus negócios darem certo, porque a primeira vez que eu fui tinha dado tudo errado, mas eu tinha que ser obediente à palavra que eu ia para Aparecida e fui mesmo dando tudo errado. E no segundo ano, eu lembro direitinho, eu fui pedindo para Deus, para honrar todos os meus compromissos, porque tinha muita dívida para ser paga, muita coisa para acontecer. Ai no terceiro ano as coisas já estavam bem melhor, aí já fui agradecendo. Quarto ano, uma coisa que me fez lembrar muito de Nossa Senhora foi o Pelé do Lusitânia (comerciante de São José), o Pelé que tinha batido o carro, e eu levei uma carta agradecendo tudo que ele tinha passado e sobrevivido àquele acidente. Teve um acidente muito, muito feio na Dutra, se acabou, teve que reconstruir a face dele. Aí, eu falei com ela (mulher ou mãe do rapaz) pode me dar uma carta, que eu vou levar para Nossa Senhora, e minha caminhada

> este ano vai ser porque o Pelé tá vivo. Várias outras vezes foi como agradecimento ou na intenção de alguém. Na penúltima vez , sem ser essa última agora, eu fui pedindo pela cura do câncer do pai (silêncio, Amarildo fica com a voz embargada). Eu lembro direitinho que todo mundo ficou sabendo que o pai tava com câncer, eu falei Deus é mais, vai curar o pai. Eu nunca fiquei muito preocupado que o pai ia morrer, tinha muita fé. E meu pai pode não estar hoje totalmente curado, mas o câncer não incomoda ele hoje do jeito que incomodava. Este último ano fui agradecendo por esta minha prima , Esmeralda, que foi curada de câncer e pela cura do câncer do pai. E se eu fosse traçar, porque o Amarildo vai hoje, eu pediria para que as pessoas que estão comigo estivessem tão bem quanto eu tô, espiritualmente, financeiramente. Por você viu lá hoje (pausa, voz embargada) porque que nem o Diego passando pelo que ele está passando. Não pela humildade da casa dele, a casa é muito simples, é que eu estou vivendo o dia a dia com ele...
>
> Amarildo: - Uma coisa que eu falo é que se eu não chegar, uma coisa que eu não faço nunca é voltar, eu vou para frente, vou para Aparecida.. vai ficando mais difícil, mais dolorido, mais difícil de organizar, a primeira vez que a gente foi uma *kombi* minha buscou todo mundo, da segunda vez foram duas *kombi* e uma van. Dessa vez... foram duas *Kombi* e um caminhão.

Amarildo ainda complementa sobre a questão do se sacrificar, da experiência do atravessar:

> Amarildo: - Todo mundo pergunta: tem carro de apoio acompanhando durante a caminhada? Não, a caminhada do Amarildo não tem carro de apoio acompanhando o percurso, senão todo mundo vai querer colocar a mochila dentro e vai ligar: "onde você está, estou precisando da minha bolsa". O sacrificante mesmo, o sacrifício mesmo é você levar a sua bolsa pesada, aí você tem que fazer amizade, as pessoas carregam sua bolsa pra você. Eu acho que tem que sofrer um pouquinho mesmo. A gente tá passando um pouquinho só do que Jesus passou.

E ainda fala de seu sonho, uma certa ideia de "continuar a tradição", continuar a caminhada. Pois interessante notar que as romarias, em sua maioria, podem ter uma intenção e desejo primeiro, mas não se findam com a realização da graça, a promessa vira de certa forma a caminhada de todo ano mesmo que não exista uma intenção *a priori*. Melhor dizendo, a intenção de uma romaria é sempre seu *continuum* através do tempo cronológico. Ou seja, sempre tendo alguém na frente para coordenar, passando de geração para geração familiar ou de caminhantes. Pois aquele que caminha não leva apenas seus pedidos, desejos e lamentos, leva de toda uma gente crente da comunidade e por onde passa, recebe pedidos de oração, de reza, de levar objetos para Nossa Senhora. Continuar a promover uma romaria é continuar a promover a circulação desses pedidos e das graças dos seus e dos outros com os quais topamos na estrada. Diz Steil (1996): "A relação contratual entre o santo e o romeiro raramente termina com o comprimento do voto ou com a romaria. Alves também observou... que 'a dívida, no contexto da promessa, tem caráter de um contrato informal, regido por obrigações morais onde a perspectiva temporal é de amplo alcance (1993:108)". (págs. 103 e 104).

> Amarildo: Eu tenho um sonho... um sonho de caminhada de ver o Lucas organizando a caminhada dele e eu no apoio por trás para ensinar, pra ele convidar gente da geração dele, amigos da idade dele, porque é muito bom plantar essa raiz nele.

Amarildo me conta rindo um caso acontecido com seu pai, Seu Juarez, e vizinhos da casa dos pais. Sobre pessoas que o associaram à política.

> Amarildo: Nossa senhora! Eu faço isso com muito amor. Até têm uns baianos que moram no fundo da casa do meu pai, falam: "Seu Juarez eu vou votar no filho do senhor", aí meu pai: "não, meu filho não mexe com política não". Aí, eles falam: "porque ele dá camiseta pra todo mundo, quem dá camiseta lá na Bahia é vereador". Eu não vou fazer parte da política nunca se Deus quiser. Eu não faço nada para aparecer e se um dia a vaidade tomar conta de mim, eu paro.

O que para Amarildo não fazia muito sentido, podemos até encontrar aproximações na literatura. Ou seja, a política (políticos que organizam, doam dinheiro ou vão à frente de romarias para se mostrarem íntimos do santo de devoção popular) e o comércio atrelados diretamente às romarias.

# V Chegada: "Nossa Senhora passa na frente"

Durante toda a caminhada, ouvia os devotos falando, nos momentos de maiores dificuldades e dores, a frase "Nossa Senhora passa na Frente". Pensei eu que era uma frase, um dito, para dar mais forças aos romeiros. Mas, em março de 2012, entrevistando Clara em São José dos Campos, explicou-me ela que não era simplesmente uma frase, era uma oração de grande força, no mesmo dia, Clara me mandou por email a oração:

> **De:** clarafreitassilveira
> **Para:** detpimentinha
> **Enviadas:** Quarta-feira, 28 de Março de 2012 22:41
> **Assunto:** Oração Maria Passa na Frente

Olá, boa noite.
Ai vai pra você a Oração:

"Maria passa na frente e vai abrindo estradas e caminhos. Abrindo portas e portões. Abrindo casas e corações.
A Mãe vai na frente e os filhos protegidos seguem Seus passos.
Maria, passa na frente e resolve tudo aquilo que não podemos resolver.
Mãe, cuida de tudo o que não está ao nosso alcance. Tu tens poder para isso!
Mãe, vai acalmando, serenando e tranquilizando os corações.
Termina com o ódio, os rancores, as mágoas e as maldições.
Tira Teus filhos da perdição!
Maria,
Tu és Mãe e também a porteira. Vai abrindo o coração das pessoas e as portas pelo caminho.
Maria, eu Te peço: Passa na frente! Vai conduzindo, ajudando e curando os filhos que necessitam de Ti.
Ninguém foi decepcionado por Ti depois de haver-Te invocado e pedido a Tua proteção.
Só Tu, com o poder de Teu Filho, podes resolver as coisas difíceis e impossíveis. Amém!"

Mais uma vez é possível vermos a ideia de passagem, e agora Nossa Senhora (Maria) é a porteira que ajuda a abrir as portas. Assim, é Maria na sua qualidade de mulher divinizada, metade santa, metade humana, enfim, Mãe. Portanto, Ela vai à frente abrindo a porta para seus filhos e os protegendo do perigo. Dessa maneira, nada mais de acordo com a romaria que atravessa a Dutra a citação desta oração pelos romeiros. Afinal, a oração servia para chamar Nossa Senhora para fazer companhia durante a caminhada.

O pedágio é tido como o marco, porém existem outros marcos que muito significaram para esta romaria, o ponto de ônibus onde dormimos sobre guimbas de cigarro e umidade de urina, neste local, Dirceu que vinha sempre calado e compenetrado, viu que todos estavam sem forças para levantar e falou com uma rígida ternura, enquanto balançava os braços e as pernas: "- Isso aqui ó, isso aqui, agora é só esqueleto, pó, não tem mais nada, agora nós vamos chegar é pela fé...".

Há uma pequena lanchonete antes do pedágio. Pela primeira vez, durante toda a caminhada, fui eu, a pesquisadora, quem pediu para parar, não o tinha feito até então, mas devido a grande dor que sentia nas articulações, chorava muito e pedi para parar. Paramos na lanchonete às margens das margens da Dutra. Sentei-me, comprei água. Do meu lado estavam Clara que me deu um remédio e dona Nice, que me ajudou a levantar e olhando nos meus olhos falou: "Minha filha, pede Nossa Senhora pra te carregar no colo". Fazia frio, precisávamos continuar. Então, olhei para cima e pensei: "Não sei o que estou fazendo... Mas... Nossa Senhora, não sei se existe ou não, mas me carrega no colo".

Chegamos ao pedágio, tínhamos duas horas e meia de descanso, porém estava frio, deitamos no chão, difícil descansar. Mas Ana e Beto tinham levado lanche e café. Levantamos e continuamos. O dia foi clareando, já era dia 12 de outubro, quanto mais clareava mais gente víamos na estrada, com cruzes, cajados. Estávamos exaustos, paramos mais uma vez no Posto de Guarda para tomarmos água, parecia que agora chegaríamos, mas na verdade ainda faltava muito. Quando saímos do posto reparei à minha frente uma senhora negra, de porte médio, sem mochila ou bolsa, deveria ter saído das cidades próximas como Roseira, mas mesmo assim era longe, pelo menos sete horas à pé. Esta senhora estava descalça e caminhava num ritmo firme. Outros passavam por nós, mais fortes e com mais pique corporal, vindos de locais mais próximos. Faltando uma hora para chegar eu e Ana Clara já não aguentávamos mais. Existe uma grande subida até chegar a Basílica. A ansiedade para que ela aparecesse era coletiva, mas nada, só andávamos e nada: vivíamos ali o clímax agonístico. Nicolas, namorado de Ana Clara, se ofereceu para carregar minha mochila, aceitei. Samuel se ofereceu para caminhar ao meu lado e carregar meu cobertor e casaco. Para trás estávamos apenas nós: eu, Ana Clara, Nicolas, Samuel e Amarildo. Perguntei a Amarildo quanto tempo ainda faltava, ele falou: "- Na verdade? Faltam meia hora, mas no seu ritmo, uma hora". Peguei o cajado, ao lado Samuel, batia aquele cajado com tanta força no asfalto que não sei como não quebrei a estrada, parecia que ia abrir o Mar Vermelho. Chegamos eu e Samuel, o portão estava fechado, não fiquei deslumbrada com a visão da Basílica, estava exausta. Demos a volta e chegamos, para subir os degraus do Santuário, um martírio. Só senti que havia chegado quando joguei meu corpo naquele chão gelado. Não conseguia cumprimentar ninguém. Lucas que já estava com o apoio trouxe para mim, pão, frutas e água, dei um sorriso. Logo Ana Clara chegou com o resto do grupo. Juliana disse a Amarildo: "- Agora vamos rezar, a missa das 10h:30 já vai começar". Pensei que todos nós teríamos que entrar. Entraram apenas Amarildo, quase sem forças, Juliana, Lucas e Izabella. Todos estavam sentados ou deitados dormindo fora da Basílica. Quando terminou a missa, Amarildo reuniu todo mundo e fez uma oração e chamou os dois ônibus para buscarem os romeiros. De 95 pessoas, chegaram por volta de 70, tirando a família de Amarildo, ninguém enfrentou a multidão para assistir a missa ou para ver a imagem de Nossa Senhora, o que mostra mais uma vez que o importante da romaria não necessariamente é a chegada no lugar santo, é a travessia, é a feitura do sagrado durante o processo. Então, todos seguiram, pois a verdadeira chegada seria em São José dos Campos, ou seja, a volta, pois por lá toda a praça da Vila já estava organizada/enfeitada e seu Juarez já havia feito três panelões de caldo de mandioca (e nesta chegada todos são muito aplaudidos pela comunidade "não porque merecemos, mas pelo reconhecimento do

sacrifício" diz Amarildo). Eu voltei para São Paulo, infelizmente não segui para o retorno a São José, sentia-me desidrata, com insolação e não conseguia andar direito, queria eu também voltar para casa.

Porém, antes disso, algumas coisas interessantes ocorreram, ainda estatelada no chão do Santuário, algumas pessoas vieram me perguntar da pesquisa, pois como era muita gente, nem todas sabiam. Rafaela, mãe de João, veio me perguntar, ficou encantada. E vários me perguntaram: "- Você fez isso tudo só por causa de uma pesquisa?". Eu respondia que sim. E então perguntavam: "- Mas você é católica, né? Tem fé?" Eu respondia contrariamente. Muitos não acreditando, me falavam: "- Só se chega caminhando à pé a Aparecida quando se tem fé. Olha o monte de gente de fé que não conseguiu chegar. Só se chega a Aparecida caminhando se a pessoa tem fé". Eu muito cansada sorria apenas. Porém, quando cheguei a São Paulo e me lembrava de cada momento, aquele me chamou uma atenção especial. Pensei: geralmente antropólogos ou outros pesquisadores que se debruçam sobre determinado tema religioso começam a questionar sua fé, eu, pelo contrário, depois de tudo que me disseram, saí de Aparecida estropiada e questionando a minha falta de fé. Se o meu suposto "nativo" diz que só se chega à pé a Aparecida quem tem fé, eu não deveria dar o mínimo de atenção a esta fala?

Chegada ao Santuário Nacional de Aparecida
12 de Outubro de 2011 – Dia de Nossa Senhora Aparecida

# VI Senhora dos tempos (e dos espaços)

Nesta romaria em especial há um cruzamento do tempo cronológico com o tempo *kairótico*. É certo que há como em qualquer situação de *communitas* uma sensação da suspensão do tempo, passa-se ao tempo do coração, das sensibilidades concretas. Porém, é necessário que se chegue dia 12 de outubro, pois é o Dia de Nossa Senhora Aparecida. Então os dois tempos se cruzam, perde-se a hora, a noção do tempo, mas como a romaria faz parte da *communitas normativa*, há sempre a pressão de se chegar ainda pela manhã do dia 12 de outubro. Dessa forma, os dois tempos se encontram, não sem conflitos ou agonia. Dimensão agonística desta performance religiosa que é a romaria. Fluxos intensos e contrários do tempo que se atravessam. Além disso, as margens da Rodovia Presidente Dutra vão se transformando em passagem para o sagrado, para o local santo. Quanto mais se anda, mais a topografia se torna santa, pois o sacrifício, a feitura do sagrado, o *sacre facere* é produzido de forma manufaturada, na prática ao longo de cada passada que se dá. Turner (2008) fala das regiões periféricas onde podemos encontrar os santuários em vários lugares do mundo, o que de fato não acontece com o Santuário Nacional de Aparecida do Norte, situado no sudeste, região econômica mais forte do Brasil, além de estar próximo de grandes cidades do interior do estado de São Paulo que são movidas pelas mais diversas indústrias multinacionais. Mas obviamente que esta topografia realista, geográfica é transposta por uma topografia do sagrado, quanto mais se aproxima de Aparecida (porém a topografia geográfica não se anula, sendo ainda um dos marcadores do sagrado).

> No movimento dos corpos que cruzam o sertão em direção ao santuário, os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado... a romaria conecta o universal do catolicismo ao *local* e situa os seus significados num espaço concreto que se torna portador dos mitos que tecem as narrativas que circulam em torno do santuário. O espaço ganha uma função metafórica e se apresenta como um texto que possibilita o acesso às múltiplas interpretações sobre as quais se funda esta sociedade onde homens, santos e anjos se encontram diretamente implicados, através de diferentes formas de trocas e conveniências. (STEIL, 1996, págs. 23 e 24).

# VI.I O tempo do dom

**Diário de Nossa Senhora**
**Escritora: romeira Flávia Brito**
**12/10/2011**

> Quando passamos pelo último viaduto, antes da subida de Aparecida, disse para a Jussara, vou pedir para o Marcelo vir me pegar aqui, pois não consigo mais, estou esgotada, sem forças e ela me dizia: "É pela Laura", "É pela Laura", "É pela Laura", "É pela Laura".
> Não sei como, mas quando percebi estava visualizando a Basílica, não me lembro deste trecho, somente das palavras: "É pela Laura", "É pela Laura", "É pela Laura".
> Cheguei..... dizer o que senti naquele momento com palavras seria impossível, reencontrar minha filha, meu marido, minha mãe que estavam me esperando com presentes, foi o melhor presente que poderia ter. Eu e a Jussara nos abraçamos, choramos, nos despedimos do cunhado e me sentia eufórica, enlouquecida, uma paz interior que jamais havia sentido, uma felicidade que não sabia o que fazer.
> Pensei ….. Deus me trouxe pelas asas de alguns anjos....

Flávia, a princípio, foi relutante em me emprestar seu "Diário de Nossa Senhora", pois encontrava-se um tanto quanto desiludida na medida em que a graça pela qual caminhou à pé de São José dos Campos a Aparecida não havia sido alcançada até o momento em que cheguei em São José dos campos em março deste ano de 2012, como já foi falado. Porém, depois se mostrou muito solícita, emprestou-me o delicado diário e me explicou suas aflições e angústias. Mantemos contato por email sempre.

Pensando sempre muito em Flávia e em sua graça que não foi alcançada, que sua filha Laura passasse no vestibular para Medicina, impossível não refletir sobre o tempo do dom: visto por esta ótica, a graça de Flávia não foi alcançada ainda na medida em que a dádiva está ligada ao crédito e tem um tempo certo da retribuição. Dessa maneira, seguindo o raciocínio do dar, receber e retribuir, a graça de Flávia será alcançada, no tempo certo da retribuição de seu sacrifício a Nossa Senhora Aparecida. Ou seja, esta retribuição não é imediata e faz parte do sistema da dádiva (dar, receber, retribuir) que está conformada em um tempo circular. Nas palavras de Mauss (2003):

> As dádivas circulam como vimos, na Melanésia e na Polinésia, com certeza de que serão retribuídas, tendo como "garantia" a virtude da coisa dada, que é, ela própria, essa "garantia". Mas em toda sociedade possível é da natureza da dádiva obrigar a termo. Por definição, uma refeição em comum, uma distribuição de *Kava*, um talismã que se leva não podem ser retribuídos imediatamente. O "tempo" é necessário para executar qualquer contraprestação. (MAUSS, 2003, pág. 237).

Podemos pensar da mesma forma para o tempo da caminhada. Em São José, Dirceu me disse que quando a pessoa está andando pensa o que está fazendo ali, quando chega em casa tem a certeza que nunca mais vai voltar a fazer romaria à pé, aí vai passando os meses, as feridas físicas vão se curando e quando chega outubro a vontade se renova. Portanto, a adesão da participação à caminhada, mesmo por alguém já experiente, não seria óbvia, pois também, o caminhante precisa do tempo para voltar a caminhar. Assim como o dom, a caminhada também teria seu tempo, que obviamente não é de caráter imediato.

Como diz o próprio *Eclesiastes 3*, a Palavra (a Bíblia, a Palavra do Senhor) que é seguida pela maioria dos romeiros:

> Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.
> Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de colher o que se plantou;
> Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;
> Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;
> Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras;
> Tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;
> Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;
> Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;
> Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. (Eclesiastes 3:1-8).

# VII As marcas do caminho

Meu pé depois de já terem se passados cinco meses da caminhada
Aparecida do Norte, janeiro/fevereiro de 2012

Entre São Paulo, Aparecida e voltando para São José dos Campos. Em janeiro e fevereiro de 2012, início deste ano, eu já tinha ido algumas vezes a Aparecida, já tinha voltado para São Paulo depois da caminhada de 2011. Agora estava em Aparecida, fazendo trabalho de campo na cidade (próximo caderno, segunda parte) e ainda ia viver toda a rememoração com meus companheiros de caminhada em março. Esta, na fotografia acima, é uma das marcas da romaria, depois de cinco meses, meu pé já estava curado, este é o pé definitivamente curado, manchado pelo sol e com a unha já seca.

Porém, quando cheguei a São Paulo em outubro de 2011, tive que ir ao ortopedista, com muita resistência, mas me encaminhei para o Hospital Santa Catarina na Avenida Paulista. Lá, o médico me deu um atestado e falou que eu precisava de quatro dias de cama, com a perna para cima. E o interessante, quando tirei minha sandália franciscana e minhas meias brancas, o único tipo de calçado que conseguia utilizar e ainda andava com muita dificuldade, sentei-me na maca, ele me olhou e perguntou: "- É Aparecida?". Eu sorrindo respondi que sim. Ele me explicou que naquela época recebia muitos pacientes de romarias por conta do dia 12 de outubro. Pois bem, dormi quatro dias sem cessar, estava exausta, com muitas bolhas e um enorme edema. Até conversei com Amarildo por email sobre estas marcas. Ele também estava com os pés machucados, Wellington também. Enfim, acho que todos estavam marcados corporalmente. O que muito tem que ver com outras marcas da memória, que traz a lembrança da experiência. Toda hora que me dói a unha ou joelho me vem a imagem daquela travessia. E os olhos? Na retina definitivamente ficaram os lugares por onde passamos.

Indo para Aparecida, depois da caminhada, mas antes de retornar a São José, dentro do ônibus, olhando pela janela, lembrava-me de cada lugar, cada dificuldade e quando chegou ao pedágio dei uma risada. Como um filme de duas horas e meia, de São Paulo a Aparecida, os personagens estavam todos ali numa cena produzida em meu horizonte imaginário. Os sentimentos são confusos, a voz embargada e neste momento eu vejo uma etnografia de carne e osso se construindo, mesmo que esteja lembrando, nada mais real do que aquelas "visagens" da Dutra, eu dentro do ônibus em 2012, indo para Aparecida, mas tinha voltado rapidamente para a Dutra dos romeiros de 2011 não numa "piscadela", mas num piscar de olhos.

> O homem está afetivamente presente no mundo. A existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos vivos ou difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias. A tonalidade psicológica desses últimos que pode vir acompanhada de alterações viscerais e musculares, de mudanças no olhar sobre o mundo ou sobre as ressonâncias significativas na relação com os outros. O gozo do mundo é uma emoção que cada situação renovada de acordo com suas próprias cores. Mesmo a atividade de pensar não escapa a esse filtro. O homem não se insere no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Indicado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que o entornam, com o seu meio, etc., ele está permanentemente sob influência dos

> acontecimentos e sendo por eles tocados. Mesmo as decisões mais racionadas ou mais "frias" envolvem afetividade. São processos embasados em valores, significados e expectativas... O "coração" e a "razão", longe de dispersarem, entremeiam-se de forma necessária, influenciando-se mutuamente.
> (...)
> Kant em sua *Antropologia* compara as emoções a doenças da alma, privilegiando o homem racional e mestre de si, que jamais permite que suas paixões prevaleçam sobre suas iniciativas. As emoções não são expressões selvagens que vêm quebrar as condutas razoáveis, elas obedecem a lógicas pessoais e sociais, elas têm também sua razão, da mesma forma que a razão não se concebe uma inteligência pétrea ou maquinal. Um homem que pensa é sempre um homem afetado, alguém que reúne o fio de sua memória impregnada de certo olhar sobre o mundo e sobre os outros... Jean Piaget evidenciou que não existe processo cognitivo sem trabalho afetivo e vice-versa. A inteligência não pode ser concebida sem uma afetividade que nela se impregne. (LE BRETON, 2009, págs. 111, 112, 116 e 117).

# VIII De Roma a Aparecida: fé, feiras e festas

A palavra romaria, etimologicamente, faz referência à cidade de Roma, na Itália. Por ter sido a cidade centro da peregrinação cristã. Com o passar do tempo o sentido de romaria se expandiu para qualquer outra peregrinação em busca de outros lugares santos. Romaria é pois uma viagem, de veículo ou à pé, com destino a um lugar de devoção do catolicismo popular. Contém a ideia de passagem implícita em seu sentido: atravessar, passar por.

Importante ressaltar que a romaria sempre atravessou e ultrapassou os lugares mais difíceis e "pedregosos" para se chegar ao lugar santo. Dessa forma, enquanto as romarias iam tecendo, fazendo o sagrado através do sacrifício também iam incitando a promoção de vilarejos, feiras nas passagens dos romeiros. Assim, pequenas cidades e povoados foram crescendo e desenvolvendo feiras, mercados e comércios para suprimir as necessidades dos romeiros: comida, água e também lembranças (*souvenirs*), santos dos lugares. Portanto, desde sua origem "mítica", a romaria está atrelada ao comércio. Assim a economia à qual a romaria e a promessa estão vinculadas está associada à economia do dom, esta que abrange também o comércio, as feiras, as vendas, os objetos e quinquilharias. Ou seja, a economia do dom que envolve a promessa é pura circulação de romarias, devotos, presentinhos, bugigangas, festas regadas à cachaça, pedidos, desejos, agradecimentos, lamentos, objetos de venda e de oferenda ao santo. Ou seja, esta circulação, a economia da promessa não é apenas pureza, também profana, coisas que se complementam e que se erguem conjuntamente e circulam umas em direção às outras.

Portanto, a despeito de comentários contrários (de leigos e alguns estudiosos) a um comércio e turismo religiosos, estes sempre existiram, e não começaram por conta da moderna globalização ou pelas mudanças contemporâneas ou pós-modernas. Desde que existe romaria esta relação está construída de forma ora harmoniosa ora conflituosa, e que se expandiu de acordo com o aumento das

romarias e o crescimento dos santuários. Inclusive, também o comércio feito pela igreja com suas relíquias e seus *souvenirs* bentos participa desta circulação. Esta que pode parecer contraditória ou profana ou sem respeito aos santos e aos lugares santos para alguns. Mas isso nada mais é do que um dos elementos da circulação dos dons no "sistema" da economia da promessa, elementos que são muito bem aceitos pelos romeiros que se relacionam com a hóstia, a confissão, a missa e também com os balangandãs e quinquilharias sagradas ou não, todas as coisas fazendo parte da devoção: desde a Basílica até o parque de diversão.

> Da mesma forma que no México, pousadas, hospitais e mercados surgiram e prosperam às margens dessas rotas, estimulada pelo fluxo de peregrinos. Em seu livro *The Road to Santiago* (1965, p. 6-7), Walter Starkie oferece um mapa excelente da rede de caminhos que levam à Compostella, no noroeste da Espanha, onde fica o importante templo de São Tiago, o Apóstolo. Estas rotas que trouxeram peregrinos da Alemanha, da Inglaterra e dos Países Baixos, bem como da Espanha e da França, eram pontuadas todas por centros de peregrinação menores e abadias, igrejas e hospitais, destinados a suprimir as necessidades espirituais e materiais dos peregrinos... É como se estes santuários exercessem um efeito magnético sobre todo um sistema de comunicação, sacralizando muitas de suas características e atributos geográficos e estimulando a construção de edificações sacras e seculares para suprir as necessidades da corrente humana que passa por suas rotas arteriais. Na verdade, os centros de peregrinação geram um "campo". Estou tentando especular se eles não teriam tido um papel igualmente importante no crescimento das cidades, mercados e caminhos como fatores econômicos e políticos... Se a ética protestante foi uma precondição para o capitalismo, talvez a ética da peregrinação tenha ajudado a criar a rede de comunicação que mais tarde fez do capitalismo um sistema nacional e internacional. (TURNER, 2008, págs. 209 e 210).

Assim, também ocorre com Aparecida do Norte que depende integralmente da Santa Aparecida, toda sua economia, toda a circulação de moeda. Além de fazer parte de um círculo maior tendo as cidades de Roseira e Guaratinguetá como vizinhas, tidas também como lugares santos. Guaratinguetá, cidade do primeiro santo brasileiro Frei Galvão e suas pílulas santas. Apesar de a cidade ser de maior porte, o destaque é para Aparecida, por abrigar a padroeira do país e a santa de maior devoção do catolicismo popular. Assim a circulação de relação entre romarias, devotos, objetos, palavras e comércio fazem parte da circulação, economia do dom, aqui, neste caso, economia da promessa.

Neste momento então, paramos de caminhar à pé até Aparecida e começamos a caminhar por Aparecida atrás de seus moradores, devotos, promessas, Basílicas, lojas e toda quinquilharia de uma devoção popular. Seguimos então para o segundo caderno (segunda parte) desta etnografia, andaremos enfim por Aparecida e não para Aparecida.

# IX Notas de um orientador e algumas reflexões

Por fim, depois de poucos dias de espera, chegam os comentários de meu orientador, notas reflexivas e que fazem refletir, ou seja, "boas para pensar", gerando sempre questões instigantes e interessantes. Sem nenhuma resposta clara, afinal, como um bom "analista", John Dawsey nunca dá as respostas prontas, nos faz refletir sobre os caminhos, os pousos e as bifurcações. Sempre pensando junto e jamais com indicações óbvias, mas sempre nos dando autonomia e liberdade. E o que mais dá medo se não a liberdade? Como já disse Jacque Derrida em tantas escrituras: liberdade é responsabilidade.

Assim, diante de alguns apontamentos feitos por John, um deles: passagem de Walter Benjamin para Victor Turner durante a primeira parte do trabalho. A princípio, fiquei contemplativa, parecia-me algo sem explicação, pois se deu no próprio ato da escrita, "como se" fosse para ser assim. Porém, relendo, entendi que os autores, como os acomodei em meu texto, falam de experiências. Benjamin me traz a experiência da memória, ajuda-me a dialogar com seu Juarez; Turner me ajuda a pensar a experiência da estrada. Mas creio eu que eles se toquem num lugar ainda mais delicado, no meio. Pois ao relembrar sua vida, quando seu Juarez "puxa" da memória, ele faz seu caminho, sua estrada de imersão e emersão na sua própria hi(e)stória e também na hi(e)stória de um pequeno coletivo, um percurso nada linear. Como também é a caminhada, aos olhos de Turner, liminar, uma estrada em processo. Assim, memória e estrada enquanto processo e construção se encontram, principalmente quando volto a São José dos Campos em março de 2012 para fazer "entre-vistas"como bem disse Michel Le Ven. É neste momento em que estrada e memória se encontram num processo não retilíneo e nada óbvio, onde a lembrança daquele momento vido é construído no momento presente das conversas, num "método" do "como se". Lembrando aqui do ensinamento dos sábios Dogon, o "faz de conta": "*fazendo de conta ficamos mais perto da realidade*." (Gonçalves, 2008). Dessa forma, creio que Benjamin e Turner se encontram mais uma vez em uma bifurcação cheia de potencialidades e possibilidades de hi(e)stórias e memórias sempre em processo e na caminho que leva até a estrada e às lembranças de Nossa Senhora Aparecida.

Outro apontamento/nota (número 47) da lista de John: "Em Dias Gomes, cada um de nós tem suas promessas a pagar, a deus, ao demônio, a uma ideia... (p.86 do texto). Me fez pensar em relação à sua pesquisa, sua dissertação. Você estaria pagando uma promessa com esta

dissertação? Imagino que você responderia como seus interlocutores, que NÃO". Acho que John estava certo, eu seria mais uma a responder não à inocente pergunta de minha pesquisa:

> Eu: - Você está pagando promessa com esta dissertação?
> Eu: - Não; diria com toda certeza.

Porém, depois de entender com Turner o longo processo da estrada e com Benjamin, o formato elíptico e profundo da memória, e principalmente, depois dos romeiros terem me feito refletir sobre a minha falta de fé, pois como os próprios dizem "'só se chega a Aparecida à pé quem tem fé", hoje, eu poderia ser mais cautelosa e devolver a pergunta:

> Eu: Será? Duvido muito, mas talvez...

# X Referências bibliográficas


**AZZI**, Riolando. O *catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. RJ: Vozes, 1978.

**BENE**, Carmelo; **DELEUZE**, Gilles. *Superpositions*. Paris: Les Éditions Minuit, 1979.

**BENJAMIN**, W. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas 1". São Paulo: Brasilense, 1994.

**BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*.Campinas, SP: Papirus, 1989.

**CAVALCANTI**, Maria Laura Viveiros de Castro. *O rito e o tempo: ensaios sobre o Carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

**CSORDAS**, Thomas. *Corpo, Significado, cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

**FERNANDES**, Rubem César. *O peso da Cruz – manhas, mazelas e triunfos de um sacerdote particular. In Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 1990.

**FERNANDES**, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

**DIAS GOMES.** *O Pagador de Promessas*. Rio De Janeio: Bertrand Brasil, 2010.

**DOUGLAS**, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

**DAWSEY,** John Cowart. *Victor Turner e a antropologia da experiência. In:Cadernos de Campo*, n 13. São Paulo, 2005.

**GAGNEBIN**, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2005.

**GUIMARÃES ROSA**, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

**GUENÓUN**, Denis. *A exibição das palavras: uma idéia (política) de teatro*. Editora Teatro dos Pequenos Gestos, 1991.

**LACAN**, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

**LE BRETON,** David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: 2011.

**LE BRETON** David. *As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções***.** Petrópolis, RJ: 2009.

**LE VEN**, Michel Marie. *Dazinho: um cristão nas Minas, minas de ouro, minas d'água, minas de gente...* Belo Horizonte: O Lutador, 2005.

**MAUSS**, Marcel. As técnicas do corpo *in Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

**MAUSS**, Marcel. *Uma categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de "Eu" in Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

**MAUSS**, Marcel; **HUBERT**, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

**MONTES**, Maria Lucia Aparecida. *Retratos do feminino: A Dona dos Ventos e outras Senhoras do Cosmos: imagens do feminino nas religiões afro-brasileiras*. SBPA – IV MOITARÁ, 2000.

**SILVA**, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2000.

**STEIL,** Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

**TRAVASSOS**, Elizabeth. *Palavras que consomem: contribuições à análise dos cocos-de-embolada*. In: Revista IEB, n 51, sd.

**TURNER**, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EDUFF, 2008.

**TURNER**, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

**VAN GENNEP**, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.

**WAGNER,** Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

**ZUMTHOR**, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

**ZUMTHOR**, Paul. *Perforgngr4tn4t4nrtn33r3rg3g3g1bf1vwmance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.